



REVISTA

da Academia
Sul-Mato-Grossense de Letras

APOIO CULTURAL



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA E DIRIGIDA



REVISTA

da Academia
Sul-Mato-Grossense de Letras

N. 15

Dezembro de 2009

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
Campo Grande – Mato Grosso do Sul

Copyright © 2009
Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

15ª Edição - Dezembro de 2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras/
- Campo Grande, MS: Life Editora, 2009.

192p

1. Literatura Sul-Mato-Grossense

CDD - 869

Projeto Gráfico: Endrigo Valadão e Valter Jeronymo

Capa (Criação e Finalização): Endrigo Valadão

Coordenação: Reginaldo Alves de Araújo

Revisão Final: Valter Jeronymo

Impressão e Acabamento: Gráfica Viena



Diretoria (2008/2011)

Presidente: **Reginaldo Alves de Araújo**

Vice-Presidente: **Abrão Razuk**

Secretário-Geral: **Rubenio Marcelo**

Secretário: **Valmir Batista Corrêa**

Tesoureiro: **Guimarães Rocha**

Segundo Tesoureiro: **Augusto César Proença**



Life Editora

Rua Américo Vespúcio, 255 - Santo Antônio

CEP: 79.100-470 - Campo Grande - MS

Fones: (67) 3362 5545 - Cel. (67) 9263 5115

A reprodução de qualquer texto desta Revista é permitida,
desde que citada a fonte, bem como o nome do respectivo autor.



APRESENTAÇÃO

Num congresso das Academias de Letras dos Estados brasileiros, ocorrido no Rio de Janeiro, no ano de 1979, o acadêmico Alceu Amoroso Lima inseriu no seu belo discurso as seguintes palavras “As Academias são como armas. Só devem ser utilizadas em defesa. Em defesa, antes de tudo, do patrimônio cultural de um povo. Devem representar a memória estética, histórica e intelectual da nacionalidade. Ai de nós, porém, se não houver quem preserve os tesouros intelectuais do passado, contra a fúria iconoclasta do presente. Não apenas pelo amor do que passou, mas justamente para gáudio e estímulo da posteridade. Esse o dever primeiro das Academias, a defesa do passado. Como deve ser, em nosso caso, a defesa da dignidade das letras. E sempre da cultura intelectual como um todo.”

Analisando, detidamente e com carinho o texto acima, podemos opinar que a defesa das Letras e das Artes de um Estado, está, antes de tudo, no estímulo à criatividade e com ela, a verdadeira liberdade do espírito.

A augusta Academia Sul-Mato-Grossense de Letras segue, severamente, as assertivas cifradas no inesquecível congresso de 1979, saindo em defesa das Letras e das Artes do Estado de Mato Grosso do Sul, editando 14 revistas e mais esta com o título “ASL / 38 anos - Memórias Relevantes do Sodalício”, resgatando momentos luminosos da Instituição, objetivando o dadivoso exercício da criatividade dos nossos produtivos confrades alencando, também, um notável documentário fotográfico dos eventos realizados neste ano de 2009.

Na celebração dos 38 anos da Instituição homenageamos a aplaudida escritora, nossa auriluzente confrade Maria da Glória Sá Rosa,

exemplo magnífico de estímulo à criatividade, autora de livros que resgatam a história da cultura sul-mato-grossense nos seus mais diversos segmentos e de fulgurantes personalidades locais.

De coração agradecido registramos, através de uma formidável parceria, a mão estendida do Governador André Puccinelli, tendo efetiva participação do presidente da Fundação de Cultura de MS, Américo Calheiros, no arrojado projeto da edição de mais esta revista, e bem como do prefeito de Campo Grande, Dr. Nelson Trad Filho, respaldando, com fulgor, o avanço literário de Mato Grosso do Sul.

Aos nossos acadêmicos, que tanto fizeram para o brilho desta edição, nossos agradecimentos.

Reginaldo Alves de Araújo

Presidente



SUMÁRIO

Homenagem a Maria da Glória Sá Rosa . 09

Comemoração - A ASL e seus 38 anos de fundação . 21

Antologia . 35

Abílio Leite de Barros . 37

Abrão Razuk . 43

Adair José de Aguiar . 49

Américo Calheiros . 55

Augusto César Proença . 65

Enilda Mougnot Pires . 75

Francisco Palhano . 85

Geraldo Ramon Pereira . 93

Guimarães Rocha . 101

Heliophar de Almeida Serra . 113

Jorge Antônio Siúfi . 119

José Pedro Frazão . 125

Lucilene Machado . 131

Reginaldo Alves de Araújo . 139

Rubenio Marcelo . 149

Zorrillo de Almeida Sobrinho . 157

Mural de Fotos . 163

Relação dos Acadêmicos . 187

HOMENAGEM



Maria da Glória Sá Rosa

Nasceu em Mombaça (CE). Radicou-se em Campo Grande, onde exerceu o magistério, transformando-se em excepcional agente cultural na segunda metade do século passado: criou o Teatro Universitário de Campo Grande, organizou inúmeros festivais de música e de teatro. Seu nome está ligado a todas as iniciativas culturais a partir de 1960. Escreve para revistas e jornais. Entre seus livros destacam-se “Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul” (1990), “Deus quer, o Homem sonha, a Cidade nasce” (1999) e “Crônicas de Fim de Século” (2001). “Artes Plásticas em Mato Grosso do Sul” (2006) em parceria com Idara Duncan e Yara Penteado, “Música em Mato Grosso do Sul” (2009) em parceria com Idara Duncan. Ocupa a cadeira n. 19 da Academia.



por Elis Regina Nogueira



Tempos de Glória

Recebi e li, com sincera admiração, o livro: Tempos de Glória, escrito por uma feliz parceria dos autores Cristiane Brandão, Franciane Gonçalves e Thobias Bambil.

É um resgate, para a posteridade, da vida do ícone cultural, Maria da Glória Sá Rosa, afetuosamente chamada de professora Glorinha, apelido que a Irmã Luízinha Denegri, diretora do internato, em Fortaleza, carinhosamente, lhe deu.

Glória tem múltiplos sentidos, pode significar: fama, feitos grandiosos em favor das Letras, da História, da Ciência; honra, renome, reputação, celebridade por serviços prestados à humanidade.

É, talvez, o mais alto grau a que se possa elevar uma homenagem, um gênio. Tanto é, que os anjos celebraram o nascimento do Salvador, cantando: “Glória a Deus nas alturas e paz, na terra, a todos de boa vontade”.

De fato, Maria da Glória Sá Rosa representa, para Mato Grosso do Sul, uma extraordinária capacidade idealizadora e realizadora, marcando o estado com sua personalidade familiar, magisterial e cultural.

Foram felizes os autores desse livro que acompanha, pari-passo, a vida e as atividades da ilustre cearense de nascimento e campo-grandense de coração. Nós, que a conhecemos e que, em tempos passados, convivemos com ela, guardamos dela o mais alto conceito e lhe devotamos a mais sincera amizade.

Eu e minha esposa, que foi sua aluna e, hoje, é, na minha existência de 84 primaverás e invernos, como diz o gaúcho, uma escora, para que este galpão velho não desabe.

Parabéns, pelos seus tempos de glória, professora Glorinha.

Adair José de Alencar

Membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras



TEXTOS DE MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

Minha pátria é Campo Grande

*“A minha pátria é onde o vento passa,
A minha amada é onde os roseirais dão flor,
O meu desejo é o rastro que ficou das aves,
E nunca acordo deste sonho e nunca durmo”.*

Sophia de Mello Breyner Andresen

A cidade que escolhemos para ser nossa pátria é única em si mesma.. Nossa ligação com ela é uma espécie de pele que nos veste e da qual não conseguimos nos livrar. Nascemos para desfrutar de seu ar, de sua vegetação, de seu poder de nos manter ligados ao ritmo interior, que é sua marca essencial.

O que dá sentido a Campo Grande é a força dos que nasceram para compor, pintar, escrever, construir casas de sonho, porque para eles a vida só tem sentido quando criam e tecem os fios de realizações que justificam sua presença neste mundo.

Muitos anos atrás, em minhas noites de insônia, cheguei a definir Campo Grande como uma cidade onde atores refaziam as mesmas cenas na busca de uma paz inexistente. Hoje sei que ela vale pelo trabalho de seus artistas. Sem eles a vida seria como um grito parado no ar, silêncio incapaz de desdobrar-se em música.

Em Campo Grande, sinto passar o vento transfigurador da criação, quando assisto na Concha Acústica Família Espindola vibrarem as vozes e os sorrisos de nossos compositores, na celebração do amor à terra

morena, ao legado de paciência dos índios, à força construtora dos que vieram de longe lançar raízes de progresso em seu solo acolhedor.

Vibro com o trabalho dos atores do teatro e da dança, que reinventam a vida em todos os seus aspectos, quando fazem da voz, do gesto, um rito de louvor à existência, à vida e a seus mistérios...

O palco não precisa ser grandioso nem sofisticado, porque mesmo a rua lhes serve de espaço para encenações em que trazem de volta o passado e reconstroem pedaços do presente definidores de identidades como se num jogo de espelhos captassem perdidas memórias.

Saúdo os arquitetos que deram sentido à vida urbana, projetaram monumentos de pedra e cal nos quais imprimiram o signo de liberdade essencial às conquistas humanas. Louvo os pintores, desenhistas, escultores e, de modo geral, os artistas plásticos, que têm olhos mágicos capazes de dar cor, forma e movimento a coisas pequeninas, nesse milagre de transubstanciação de que a arte é soberana.

Sou irmã dos que brigam com as palavras, reconstroem o mundo, sem medo de enfrentar a verdade, preocupados apenas em fazer da escrita um exercício de integração com o outro, no desafio ao tédio limitador de aspirações.

Em Campo Grande estão as cinzas dos que amei, as lembranças da infância e juventude, as escolas, os espaços culturais onde os roseirais do talento se abrem em flores de sabedoria, que embalam meu sono do qual não tenho vontade de acordar.

Campo Grande, cidade movida pela paixão, sentimento que liga seus habitantes a objetivos geradores de crescimento e paz interior é minha pátria.



A importância dos chás na Academia

“Vivemos entre esquecimento e memória”.

Octavio Paz

Foi das mais oportunas a recriação pelo presidente Reginaldo Araújo dos Chás da Academia em que se homenageiam figuras da instituição e discutem-se temas de ordem cultural. Uma das mais recentes apresentações aconteceu na última segunda feira de março (26/03) e contou com a presença do escritor e historiador Walmir Correa que sobrevoou conosco com grande competência os campos da historiografia de MS.

Lembro-me com saudade das reuniões do passado denominadas **Conversando sobre Literatura**, idealizadas pelo então presidente, Elpídio Reis, para estimular o conhecimento e a valorização de nossos escritores.

Numa delas, realizada em 19 de agosto de 1995, homenageou-se João Guimarães Rosa, mago da linguagem, que desbravou novos caminhos para a literatura brasileira.

A sessão foi aberta pelo acadêmico Arassuay Gomes de Castro que desvendou aspectos relevantes da biografia de João Guimarães Rosa, *“escritor e embaixador dos reinos que há por detrás dos reinos”* (como o definia Drummond).

O auditório da Academia esteve repleto de um público que acompanhou com atenção as palestras da noite: **A Metafísica de Grande Sertão: Veredas** a cargo do escritor, doutor Padre Afonso de Castro e a análise do conto **Cara de Bronze**, sob minha responsabilidade

Expert da obra rosiana, Padre Afonso de Castro explorou de forma didática a obra de monumental sabedoria que é **Grande Sertão: Veredas**. A problemática do bem e do mal, a ambivalência das personagens, a interferência de Deus e do Diabo, a descoberta da beleza, as indagações sobre o destino deslizaram no discurso do conferencista,

que se apoiou em princípios filosóficos para demonstrar seus pontos de vista.

Com Diadorim e Riobaldo, navegamos no rio Urucuia, paramos para ouvir a Canção do Siruiz, até nos tornarmos cúmplices de uma história onde ***tudo é e não é***, submetidos a um processo encantatório, que aguçou nosso desejo de ler e reler um livro de que muito se fala mas foram bem poucos os que tiveram a paciência de desvendar seus mistérios..

O conto **Cara de Bronze**, publicado inicialmente no segundo volume da obra **Corpo de Baile** (1956) tem a mesma dramaticidade das narrativas rosianas.

É a história de um fazendeiro, que vive isolado no quarto escuro da residência particular ao qual só têm acesso pessoas de sua extrema confiança. O apelido **Cara de Bronze** decorre do mistério das feições de quem na velhice, ao sentir a inutilidade das riquezas acumuladas, resolve enviar um emissário, chamado **Grivo** para percorrer o mundo em busca ***do quem das coisas***, ou seja, das razões da existência.

O autor indaga por que e para que fomos lançados no mar de dúvidas desta vida, ***um negro e longo rio em direção à eternidade***.

Cara de Bronze é um dos mais importantes contos de **Guimarães Rosa**, talvez o mais criativo em matéria de linguagem, no qual todas as desobediências a códigos linguísticos têm status de cidadania, num desafio ao leitor, que passa a inventar seu próprio enredo, tornando-se assim um emissor-narrador. Pela ousadia do processo criativo de um discurso, em que coabitam textos para teatro, roteiro de cinema, paralelismo bíblico, chamadas de pé-de-página, somos remetidos ao romance **Ulisses de James Joyce**.

Lembro-me que, após a exposição dos conferencistas, aconteceu animado debate com a participação de alunos de nossos colégios e universidades,

As perguntas sucediam-se em busca ***do tudo e do miúdo*** que a prosa de **G. Rosa** sugere. Cada um dos participantes queria tocar nem que fosse de leve no mistério dessa vida que, segundo ele, ***é boba***.

“A vida é boba. Depois é ruim. Depois cansa. Depois se vadia. Depois a gente quer alguma coisa que viu. Tem medo. Depois a vida não é de verdade. Sendo que é formosa”.

Doze anos decorreram, mas lembranças daquela noite mágica ainda fazem reviver em mim o prazer de ter caminhado pelas veredas do sonho, levada pelos fios da literatura.

Conversar sobre Guimarães Rosa foi como tocar as margens da alegria, e chegar depois de ***um dia de uma vida inteira ao Riacho do Vento*** que é o espaço simbólico da fruição literária



Grupo Acaba - 40 anos de canto e ritmo em Mato Grosso do Sul

*“Um rio suena siempre cerca.
Há cuarenta años que lo siento
Es canturía de mi sangre
O bien um ritmo que me dieron”.*

Gabriela Mistral

Como um rio de ondas espessas, há quarenta anos, o Grupo Acaba é o canto do sangue sul-mato-grossense, o ritmo que sustenta gerações, a voz persistente contra a extinção das matas, a poluição das águas, a defesa dos índios, da flora e da fauna pantaneira. Talentosos, determinados, seus elementos não se cansam de repetir o grito que a plateia escuta no silêncio religioso dos rituais de fé: “um povo só se torna grande e independente, quando faz da cultura uma razão existencial e tem a coragem de assumir sua fase primitiva”.

Ao surgir no palco, com suas túnicas brancas, instrumentos de sopro e percussão, fabricados por eles mesmos com materiais extraídos

da floresta, a plateia se identifica com os gritos e movimentos desses cantadores, que fazem da ecologia uma razão de ser e embarca confiante em canoas feitas de sonho, som e ânsia de liberdade. O silêncio congela o ar, emoções paralizam corações.

Para celebrar esses 40 anos, o grupo lança duas peças de maior importância para a história de MS: o DVD: *Acaba - Canta Dores do Pantanal Sinfonia Ecológica Brasileira*, resultado de um projeto de 2007, realizado com a Orquestra Sinfônica de Campinas, sob a regência do maestro Carlos Fiorini, direção geral de José Possi Neto, produção de Francisco Lagos, participações especiais da Academia de Balé Juliana Omatti, da Companhia Nau de Icaros e as presenças de Tetê Espíndola e Marcelo Loureiro. Através desse projeto, um total de 250 pessoas apresentou-se em Campinas, São Paulo, Campo Grande, Corumbá e Havana.

O DVD, que se abre com *O Trenzinho Caipira* de Vila Lobos, é resultado da conjugação das diferentes linguagens, que fazem parte das composições do Acaba. Com elas, viajamos ao interior da alma brasileira no lombo do cavalo, no deslizar do batelão nas águas pantaneiras, no ranger do carro de boi, na cadência do trem da Noroeste, nos pontilhões do carandazal, enquanto apitos, tambores, pandeiros, flautas indígenas se misturam a violões clarinetes, teclados, violinos e harpa.

A inter-relação dos instrumentos tradicionais da orquestra sinfônica com os primitivos do Grupo Acaba produziu efeitos de surpreendente beleza na composição *Pássaro Branco* em que Tetê Espindola (sacerdotiza do culto aos passarinhos) e Vandir Barreto, num diálogo dos mais convincentes, apropriam-se do canto e da plumagem dos pássaros, enquanto ao fundo paisagens pantaneiras compõem o cenário.

Marcelo Loureiro, mago do violão, faz do corpo, na canção *Ciranda Pantaneira*, instrumento de comunicação dos mais eficientes. Tomado pelo ritmo toca com os olhos, as mãos, os pés, envolvido pelo calor, que vem do fundo da terra, enquanto o balé exprime em movimentos repletos de cor, paisagens da vida pantaneira..

Destaque para a presença de Chico de Lacerda, que, numa identifi-

cação da luta do Acaba com a dos vaqueiros, declama com voz forte ;
“sou burro pantaneiro,
sou vaca pantaneira
ser pantaneiro é a fuga da morte
é a busca da vida”.

Contaminado pela melodia, improvisa assobios, canta, dança, pula, bate palmas, possuído pelos espíritos da terra. Ele e Moacir Lacerda, autor da maioria das composições, são grandes responsáveis pela resistência do Acaba aos embates do tempo. Ao lado desses dois líderes, Adriano Praça, Vandir Barreto, José Charbel, Jairo Lara e Alaor Porfírio funcionam como peças indispensáveis de um jogo onde se conjugam forças a favor dos índios, do Pantanal, da vida inteligente em MS.

Quem quiser se apropriar do cheiro do chão, do ruído dos insetos, dos murmúrios da floresta e mergulhar em águas de encantamento e poesia deve urgente ouvir o CD: Grupo Acaba Cata Dores do Pantanal, lançado juntamente com o DVD para celebrar os 40 anos de toda uma vida dedicada à música.

Destaque para as magníficas vozes de Maria Cláudia em Kananciuê e Lia Mayo em Papagaiada, que representam a presença da mulher no universo de homens afeitos ao sol e à chuva do Pantanal, e para Seu Agripino e os cururuzeiros na introdução da rodada do cururu e siriri.

Um rio de quarenta anos continua cumprindo com muita coragem seu destino musical. Em alguns de seus representantes fios brancos e marcas no rosto atestam a corrida do tempo. Mas o rio prossegue forte e corajoso na cantoria do sangue do Pantanal, como o grande bem, que o destino reservou a este estado. Segundo Drummond, a vida se modela em cristais de sentimento. O Grupo Acaba, há 40 anos, modela a vida de MS em cristais de música, sonho e poesia.



Nos trilhos da emoção

*“E o trem bufando na ponte preta
É um bicho comendo as casas velhas.*

*O presente vem de mansinho
De repente dá um salto”.*

Carlos Drummond de Andrade

Em noite quente de março, aconteceu minha primeira afirmação da liberdade, quando segui num trem da Noroeste, em direção a um internato de São Paulo para continuar os estudos. Tinha apenas 15 anos e, mesmo depois de tanto tempo decorrido, ainda recordo com precisão cada detalhe da viagem, como protagonista de um filme de suspense.. A estação estava repleta, porque naqueles idos dos anos quarenta, constituía programa obrigatório despedir-se pessoalmente de parentes e amigos, que se aventuravam pelos trilhos da Noroeste. Enquanto aguardava o apito do embarque, vivi a angústia da espera, das próximas horas no bojo de um dragão, que me transportaria ao reino do desconhecido, eu que pouco conhecia do mundo e seus mistérios. Aquele intervalo entre partir e chegar era extremante doloroso. Muitos amigos me cercavam, desejando-me boa viagem. Meu tio, dono de um armazém de secos e molhados, trouxe-me uma geleia de morango cujo sabor conservo até hoje na memória gustativa. Muitas pessoas levavam matula, mas eu, até hoje, não me esqueço do almoço que era servido no trem: bife a cavalo com arroz branco soltinho e guaraná.

Relembro as lágrimas de minha mãe, as recomendações de meu pai, as despedidas e por fim me vejo à janela do trem, cabelos ao vento, enquanto sucessivas cenas da paisagem invadem minhas retinas: Fagulhas na escuridão, o balanço dos vagões, o bufar da locomotiva em direção ao futuro inquietador.

Depois o contato com outros passageiros a cabeça na janela ansiosa

por captar para sempre os adeuses beijos e abraços dos que ficavam, como se pudesse segurar por algum tempo os pedacinhos de vida, que se esgarçavam.

Um ano depois o retorno a Campo Grande veio envolvido de diferentes sensações. No meio da noite a pausa dolorosa de três horas de atraso. Depois a cidade emergindo lentamente na claridade da manhã. As pessoas queridas acenando, não mais entre os recortes de sonhos, mas tão vivas como se não tivessem se afastado dali.

O vai e vem dos carregadores. Os irmãos menores avançando para a busca de presentes na mala pesada. O fordinho de meu pai, as charretes tranquilas à espera de passageiros. O vento brincando de levantar redemoinhos na poeira das ruas. O céu de veludo como espelho de um vazio musical.

A vida se abrindo na expectativa das conquistas do futuro. Mas de mansinho o presente dá um salto. Aquele trem de sonho foi captado pela ilusão da eficiência de novos transportes. Os trilhos estão parados e mortos. Mas o trem com o balanço, sensações de cor, sabor, movimento de que a mente se apropriara não desapareceu. De repente, um apito me acorda e outra vez renasço para a vida, sou parte dele, vivo em suas entranhas.

COMEMORAÇÃO



A Academia Sul-Mato-
Grossense de Letras e
seus 38 anos de fundação.



Histórico da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

No dia 30 de outubro de 1971, Ulisses Serra fundou a Academia de Letras e História de Campo Grande, tendo como co-fundadores José Couto Vieira Pontes e Germano Barros de Sousa. Logo foram incorporados outros intelectuais, como J. Barbosa Rodrigues, Júlio Alfredo Guimarães, Hugo Pereira do Vale e Antônio Lopes Lins.

No ano seguinte, no dia 30 de junho, falecia Ulisses Serra, que escrevera, no seu insubstituível livro CAMALOTES E GUAVERAIS (lançado em 1971): *“Se eu morrer alhures, onde quer que seja, morrerei um exilado e um proscrito de mim mesmo. Como sucedia aos antigos egípcios, minha alma, aflita e errante, esvoaçaria pelo infinito sem nunca encontrar abrigo. Aqui não morreria de todo. Ouviria o passo e a voz dos meus amigos, o gorjeio dos pássaros que amo, o farfalhar das frondes que conheço e o bater do coração da minha casa.”*

Assim, assumia a direção da Academia o vice-presidente José Couto Vieira Pontes que, reeleito sucessivamente, esteve, até outubro de 1982, à frente dos destinos da mais legítima e proeminente entidade cultural de Mato Grosso do Sul. No dia 13 de outubro de 1972, ocorreu, no salão nobre do Hotel Campo Grande, a sessão solene de instalação da Academia de Letras e História de Campo Grande, com a presença de inúmeras autoridades, destacando-se os escritores Ivan Lins e Hernâni Donato. Aquele, representando a Academia Brasileira de Letras; este, a Academia Paulista de Letras.

De 1982 a 85, foi presidente Otávio Gonçalves Gomes; sucedeu-o J. Barbosa Rodrigues. Em 1988 foi eleito Elpídio Reis, que presidiu a Academia até 1997, quando faleceu, sendo substituído pelo vice-presidente Arassuay Gomes de Castro, que, por motivos de saúde, renunciou em

29 de janeiro de 1999. Na presidência de Otávio Gonçalves Gomes, o brasão da Academia sofreu leve alteração: das 54 estrelas foram retiradas 14, representando, as quarenta remanescentes, o número de cadeiras da Academia. No lugar das estrelas excluídas inseriu-se, por sugestão do acadêmico Hildebrando Campestrini, o dístico (de Cícero) *Litterarum Lumen* (a luz das letras).

Com a renúncia do vice-presidente Arassuay, assumiu interinamente o então secretário-geral, Hildebrando Campestrini, que convocou imediatamente novas eleições, tendo sido eleito, em 11 de fevereiro do mesmo ano, José Pereira Lins, que completou o mandato de presidente e foi reeleito, tendo renunciado em 13 de novembro de 2002. Lins foi substituído pelo secretário-geral à época, Hildebrando Campestrini (pois o vice-presidente, Júlio Alfredo Guimarães, falecera).

Convocadas novas eleições, foi aclamada, no dia 30 de janeiro de 2003, a chapa presidida pelo acadêmico Francisco Leal de Queiroz. Faziam parte também desta Diretoria eleita acadêmicos recém-empossados na ASL, como Reginaldo Araújo (vice-presidente), Rubenio Marcelo (secretário-geral), J. P. Frazão (secretário) e Guimarães Rocha (tesoureiro). Na presidência de Leal de Queiroz, além da criação da *Revista da ASL* e do *Colar Acadêmico*, foram recuperados e modernizados alguns espaços do imóvel (sede da ASL), o que permitiu implantar, na área vaga, um excelente espaço cultural (inaugurado no dia 14 de agosto de 2003), bem como instalar, na parte do fundo, o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (que funcionou no local até janeiro de 2008. Atualmente, o IHGMS atende em novo endereço: Avenida Calógeras, 3.000 – Esplanada da Ferroviária).

Para o triênio administrativo compreendido entre 2005/2008 foi eleita a diretoria encabeçada pelo acadêmico Reginaldo Alves de Araújo, que deu continuidade às metas anteriores e reativou projetos tradicionais como o *Chá Acadêmico da ASL* (reunião que atualmente acontece sempre na última segunda-feira de cada mês, confraternizando acadêmicos, familiares e convidados do sodalício).

Reeleito recentemente, Reginaldo tomou posse, na noite de

31/10/2008, na atual presidência da ASL para o triênio que vai até outubro de 2011. Compõem também esta Diretoria os seguintes membros: Abrão Razuk – vice-presidente; Rubenio Marcelo – secretário-geral; Valmir Batista Corrêa – secretário; Guimarães Rocha – 1º tesoureiro; e Augusto César Proença – 2º tesoureiro.

Pode-se dividir a história da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras em antes e depois da presidência de Elpídio Reis. Na primeira fase, de consolidação, a Academia criou, nos primeiros anos, por sugestão do fundador, o *Suplemento Cultural* (publicação de textos dos acadêmicos da ASL), que é até hoje editado regularmente todos os sábados, no CORREIO DO ESTADO (jornal de maior circulação no Estado). Acrescente-se que o Suplemento Cultural deve ser hoje o de maior longevidade na imprensa brasileira. Além disso, era instituído, em 1972, o *Concurso de Contos Ulisses Serra*.

Também por cortesia do acadêmico J. Barbosa Rodrigues, as dependências do jornal CORREIO DO ESTADO abrigaram uma das primeiras sedes da Academia. Logo começaram as publicações, destacando-se CAMPO GRANDE – ASPECTOS JURÍDICOS E POLÍTICOS DO MUNICÍPIO (de Demóstenes Martins, 1972), DESTE LADO DO HORIZONTE (de José Couto Vieira Pontes, 1972), BIOGRAFIAS DE PATRONOS (1973). Quando assumiu a presidência, Elpídio Reis propôs alguns projetos, iniciando pela mudança de endereço. Alugou-se um sobrado na Rua Euclides da Cunha, com espaço para ali implantar alguns serviços e oferecer cursos.

Em 1988, como contribuição maior à cultura sul-mato-grossense, surgiu a Série Historiográfica (com 14 títulos), publicada pelo Tribunal de Justiça, graças ao empenho do sócio Hildebrando Campestrini, que era diretor naquele órgão. Dessa coleção se destacam obras que atualmente são clássicas em nossa bibliografia: SEISCENTAS LÉGUAS A PÉ (de Acyr Vaz Guimarães, reeditada pela Biblioteca do Exército), CAMALOTES E GUAVIRAIS (de Ulisses Serra), CANAÃ DO OESTE (de José de Melo e Silva), PELAS RUAS DE CAMPO GRANDE (1.º volume – A RUA VELHA; 2.º – A RUA PRINCIPAL; 3.º – A RUA BARÃO – de Paulo Coelho

Machado, observando-se que o 4.º volume e 5.º foram editados posteriormente pela prefeitura municipal) e HISTÓRIA DE MATO GROSSO DO SUL (de Hildebrando Campestrini e Acyr Vaz Guimarães).

Foi criada a *Estante de Mato Grosso do Sul* e, pouco depois, foram ativados o Centro de Pesquisa e o Clube do Livro para incentivar a leitura e facilitar a pesquisa principalmente de estudantes.

Outra iniciativa foi a *Campanha de Angariação e Distribuição de Livros*, que conseguiu alguns milhares de volumes, com os quais a Academia formou numerosas minibibliotecas, distribuídas a escolas, presídios, clubes de serviço, entre outros. Anote-se que esta Campanha teve a colaboração intensa do acadêmico Hélio Serejo.

Foram ministrados, na sede, diversos cursos, como Arte Poética, Arte de Escrever, Arte do Conto. E para os alunos das escolas da capital foi criada a campanha *A Academia nas Escolas*, que levava acadêmicos para falar aos alunos (Projeto este que vem atualmente se realizando). Só Elpídio Reis proferiu mais de trezentas palestras a estudantes, não incluídas as diversas que proferiu no interior do Estado.

Incentivando o intercâmbio, a Academia recebeu a visita do então presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Ataíde, e de Afrânio Coutinho. Nesse período a Academia expandiu-se para o interior, com alguns cursos e algumas sessões solenes, destacando-se a de comemoração do centenário de Aquidauana.

Vale registrar que o acadêmico Luís Alexandre de Oliveira doou, em vida, para a Academia, sua ampla casa, situada no centro da cidade, na Rua Rui Barbosa, 2.624. Com o seu falecimento, a Academia pôde transferir-se para sua sede definitiva, em 1.º de outubro de 1999.

Atualmente, a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras – que possui seu site/internet no endereço www.acletrasms.com.br – atende, como referência cultural, a todos que buscam seus serviços, principalmente sua biblioteca e acadêmicos (para entrevistas, orientações e solicitações de palestras e apresentações).



Nossa Academia completa trinta e oito Anos

(por José Couto Vieira Pontes)

Em todas as histórias das nações civilizadas, há datas inesquecíveis, mormente as que evidenciam o amadurecimento cultural da comunidade.

Aqui em Mato Grosso do sul, o dia 30 de outubro de 1971 viverá na memória de todos, pois marca a fundação de nossa Academia de Letras, numa manhã belíssima, como nos jardins de Academus, na Grécia Antiga, presentes Ulisses Serra, Germano de Souza e o autor destas linhas. O local era a “Instância Gisele”, na saída para São Paulo.

O nascedouro desse ideal superior ocorreu na noite de autógrafos do livro “Camalotes e Guavirais”, de autoria de Ulisses Serra, hoje e sempre um celebrado clássico de nossas letras, no saguão do Hotel Campo Grande, presentes as figuras mais representativas de nosso mundo social e cultural. Era o dia 13 de outubro de 1971, iniciando-se a solenidade às vinte horas.

No dia 13 de outubro de 1972, no mesmo local, realiza-se a sessão solene de instalação da Academia, com o comparecimento das mais altas autoridades civis, militares e eclesiásticas, dentre elas os acadêmicos IVAN LINS, da Academia Brasileira de Letras, e HERNANI DONATO, da Academia Paulista de Letras.

Mas Ulisses não se achava presente, convocado que fora – acredito – pelo Pai Celestial, no dia 30 de junho de 1972, mas sabiam todos que ele assistia a tudo das galerias da eternidade. E, no convite para a solenidade, impressa a nossa palavra honrada, repleta de saudades: “NÃO NOS ESQUECEMOS DE VOCÊ, ULISSES”.

Além dos co-fundadores acima citados, muitos outros valores culturais aderiram ao movimento grandioso, sob todos os aspectos, dentre os quais Otávio Gonçalves Gomes, Demosthenes Martins, Antônio Lopes Lins, José Barbosa Rodrigues, Paulo Coelho Machado, Hugo Pereira

do Vale, Licurgo de Oliveira Bastos, Inah Machado Metello, Maria da Glória Sá Rosa, Heliophar Serra e sua esposa Dirce Jordão Serra, Elpídio Reis, Hernâni Donato, Rui Garcia Dias, Pe. Ângelo Jayme Venturelli, Pe. Félix Zavattaro, para citar aqui apenas os pioneiros.

A semente germinou. Surgiram grandes empreendimentos e promoções que marcam a evolução cultural de Mato Grosso do Sul, como a criação do suplemento Cultural, no jornal “Correio do Estado”, fundado pelo grande acadêmico José Barbosa Rodrigues, escritor e historiador de vulto; o Concurso de Contos “Ulisses Serra”, de repercussão nacional, sendo seu primeiro vencedor o notável contista goiano Miguel Jorge; o Primeiro Encontro Estadual de Escritores, em Cuiabá, patrocinado pelo Governador e confrade José Manoel Fontanillas Fragelli; as “Biografias de Patronos”, rememorando a vida e a obra de valores que construíram a nossa região.

O trabalho de nossa Academia ganhou fama nacional. Em São Paulo, o grande crítico literário Henrique L. Alves proclama: - “Essa Academia de Campo Grande trabalha demais”.

Em Cuiabá, Gervásio Leite, uma das mais destacadas expressões da intelectualidade cuiabana, acentua: “Parece que o centro cultural do Estado se deslocou para Campo Grande”. Grandes elogios chegam de Marília-SP. De Teresópolis-RJ, seu jornal literário comenta: “Desde Bariani Ortêncio, quase nada nos vinha do Oeste em matéria de Literatura”. De Moçambique, África, o grande escritor Joaquim de Montezuma de Carvalho envia colaborações para o nosso Suplemento do “Correio do Estado”.

O movimento literário, com o passar dos anos, se agiganta, surgindo do confrade Otavio Gonçalves Gomes a expressiva obra regionalista “Onde Cantam as Seriemas”.

Nossa Academia, ainda nos seus primeiros anos de existência, convidou e hospedou em Campo Grande luminares das letras nacionais, como Ledo Ivo, Austregésilo de Athaíde, Afrânio Coutinho, e outros, demonstrando já sua fama e amadurecimento.

A respeito da fundação de nossa Academia, já inúmeros autores

escreveram livros e colaborações em órgãos da imprensa, como o confrade Heliophar Serra, em sua obra “A Fascinante Natureza Humana”, o confrade, poeta e romancista Geraldo Ramon Pereira, na Revista n°. 12, da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras; e os historiadores Hildebrando Campestrini, nosso confrade e atual Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, o inesquecível historiador e jornalista José Barbosa Rodrigues, e o também estudioso de nossa História, Acyr Vaz Guimarães.

Livros de autores, publicados após a criação da nossa Academia, foram solicitados por entidades estrangeiras dedicadas à cultura, como a Universidade de Michigan, A biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América do Norte, figurando no “Dicionário Literário Brasileiro”, de Raimundo de Menezes, na obra “O Conto Brasileiro e Sua Crítica”, da Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro; na revista literária “Em Revista”, da Editora do Escritor, de São Paulo, sendo elogiados por autores de renome na crítica nacional, como Marques Rebelo, Câmara Cascudo, José de Arimatéia Tito Filho, Francisco Miguel de Moura; Na crítica de autores de Portugal e África (Angola e Moçambique) Fernando Namora e Joaquim de Montezuma de Carvalho; e para nosso orgulho, sendo destacada a obra de autor confrade de nosso sodalício, pela excelente escritora italiana Luciana Stegagno Picchio; em sua “La Letteratura brasiliana”, 1997, pág. 56, chagando assim a dedicação às letras, em nosso meio, ao glorioso país de Dante e Petrarca.

Passados os anos de pioneirismo, novas realizações se sucederam, como, com o confrade Elpídio Reis, o programa “A Literatura nas Escolas”; com o confrade Francisco Leal de Queiroz, de Paranaíba e Três Lagoas, a publicação do primeiro volume de nossa revista.

Novas administrações se seguiram como a do atual Presidente, confrade Reginaldo Alves de Araújo, reeleito, muito dinâmico e empreendedor, promovendo a continuidade da publicação da nossa revista, a edição de obras de autores acadêmicos, e a instituição do Chá Acadêmico, na última segunda- feira de cada mês, no final da tarde, no qual se realizam palestras não só de acadêmicos, como de autores

locais e personalidades de destaque em todos os ramos da sociedade, concretizando as palavras de Ernest Hemingway, de que a Literatura é a testemunha e a intérprete dos tempos.

Nessa hora de comovente genetliaco, só podemos dizer, com ênfase e emoção: “Parabéns Academia: E ainda: que viva para sempre, para desfrute das gerações que virão, no estudo da arte literária.”

Quanto ao inesquecível fundador ULISSES SERRA, só nos resta lembrar o terceto final de um soneto que lhe dedicou o talentoso poeta Waldemar Tessitore:

“HOJE MAIS DO QUE NUNCA ESTÁS PRESENTE:

- VIVES NO CORAÇÃO DA TUA TERRA,

NA SAUDADE DO AMOR DA TUA GENTE!”

E esse trabalho em prol das letras não desaparece jamais, lembrando agora a imortal expressão do genial poeta romano VIRGÍLIO:

SIC ITUR AD ASTRA (Assim se vai aos astros).



Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
Entidade literária mor, compromissada com
nossa cultura regional

(por Geraldo Ramon Pereira)

“O que é bom já nasce feito” – adágio trivial, mas que alberga em sua essência um cunho incontestável de verdade. Sirva como exemplo a origem biológica do homem, através da fecundação, em que ocorre a singamia ou união dos gametas masculino e feminino. Sabe-se que em ambos os núcleos, tanto dos óvulos como dos espermatozóides,

já existem padrões genéticos haplóides específicos (genótipos), cuja interação entre os gametas determina as características somáticas do novo ser (fenótipo) - responsáveis, em sintonia com o meio ambiente, pela manifestação de seus atributos pessoais – bons e/ou ruins. Por analogia, melhores “genótipos” não haveria do que os encontrados nos “gametas” que germinaram a Academia de Letras e História de Campo Grande – embrião primevo da atual Academia Sul-Mato-Grossense de Letras: Ulisses de Almeida Serra, José Couto Vieira Pontes e Germano Barros de Souza.

Tríade predestinada, esses três fundadores, aglutinados pelo saudoso Ulisses, acalentavam em sua formação e em seus ideais todos os anelos metafísicos exigidos para o nascimento de uma imortal Casa de Letras. Como *similis simili* (os semelhantes se juntam), ei-los formando uma espécie de “santíssima trindade terrena”, à qual se foram associando outros “santos” da literatura e cultura locais. Não poderíamos deixar de citar os nomes de alguns desses pioneiros, de saudosa memória (não há espaço para todos): Demosthenes Martins, Antônio Lopes Lins, Hugo Pereira do Vale, José Barbosa Rodrigues, Licurgo de Oliveira Bastos, Inah Machado Metello, Paulo Coelho Machado, e outros.

O sucesso do hegemônico livro de crônicas Camalotes e Guavi-rais, de Ulisses Serra foi a incipiente tocha eterna, cuja chama, além de inspirar a fundação da nossa hoje ASL, continua motivando e inspirando as pessoas voltadas para a arte de bem escrever. Tanto que, além de nossos acadêmicos, que vêm continuamente publicando seus trabalhos em forma de livros, outros escritores, amantes e cultores da literatura - tanto em forma de prosa como de poesia - têm-nos também brindado com belas produções. E tal movimento acabou por atrair para cá modernas empresas do ramo editorial, que em nada ficam a dever às grandes gráficas e editoras dos centros mais tradicionais.

Isto significa que já estamos a colher frutos de iniciativas de presidentes visionários, como o saudoso acadêmico Elpídio Reis, em cujo programa de atuação “extra sede” foi proposta a criação de “bibliotecas nas escolas”, à mercê de campanhas de doação de livros pelas

comunidades (pública e privada) e que serviriam de complemento às “palestras em salas de aula” – ministradas voluntariamente pelos próprios acadêmicos. Era a Academia indo até as Escolas. Eram as Escolas sendo convidadas a virem até a Academia. Enfim, era o início da interação povo-literatura.

O saudoso acadêmico, ex-presidente e benemérito da Casa, Prof. J. Barbosa Rodrigues, insigne amante da Literatura e da Cultura em geral, atendendo solicitação do então presidente José Couto Pontes, concedeu uma página inteira, aos sábados (Suplemento Cultural), do seu Jornal Correio do Estado, para publicação graciosa e exclusiva de trabalhos acadêmicos. Gestos assim, tão nobres, é que nos vêm propiciando a divulgação regular e ininterrupta de nossas produções lítero-culturais, já por mais de 35 anos.

Francisco Leal de Queiroz, outro acadêmico/presidente, teve sua fecunda administração timbrada pela criação da “REVISTA da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras”, cuja estruturação e diagramação esteve inicialmente sob o acurado zelo e competência do acadêmico Hildebrando Campestrini. Hoje, já a lume este exemplar de nº 15, nossa revista leva aos leitores, volume a volume, temas e formas várias de uma literatura regional seleta e bem intencionada, não só acadêmica, mas, eventualmente, trabalhos daqueles que participaram e foram premiados em nossos concursos (contos, crônicas, poesias), até o 3º colocado.

Não havendo mais espaço para citar presidentes ilustres - até porque todos, de algum modo, o foram – reporto-me agora à atual Diretoria, cujo presidente é o vibrante e incansável acadêmico Reginaldo Alves de Araújo. Assessorado pelo dinâmico e eclético secretário-geral, acadêmico Rubenio Marcelo, ambos somam forças, inteligência e virtudes que os fazem, a um só tempo (no linguajar mineiro), tanto uma junta de bois de coice (em cujos dorsos recai diretamente o peso da administração acadêmica), como uma junta de bois de guia (cuja visão busca e escolhe o caminho a seguir). Obviamente, apoiados pelos demais membros da Diretoria.

A reestruturação da nova Revista da Academia, tanto na apresentação visual como na arte diagramática, sua regular distribuição ao público interessado, lançamentos de livros, e a reativação mensal do Chá Acadêmico - abrilhantado com performances culturais e palestras interessantes - redundaram-se em importantes meios de aproximação e interação Academia-comunidades.

Finalmente, não fosse o valioso apoio de entidades privadas e públicas (estas, através da sensibilidade louvável da maioria de seus governantes), a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras não logria alcançar o píncaro conceitual em que ora se encontra - de onde banha, como um sol de ouro, a alma e a vida dos que amam a divina Literatura.



Da Academia

(por Francisco Palhano)

Na Grécia antiga, os sábios, que era como chamavam os velhos, postavam-se em algum lugar do Olímpio, para serem ouvidos por uma pequena multidão, que logo se transformava num legião de ouvintes, ávidos pelo saber. Sabia o povo que aqueles homens dotados da sabedoria dada pelos deuses, tinham como dever transmitir seus conhecimentos aos demais, pois eram imbuídos da certeza de que, quem os tinha, não podia guardar só para si, sob pena de cometer o crime passível do castigo daqueles mesmos Deuses, de esconder o que de fato não lhes pertencia, desde que lhes fora dado para espargir pela coletividade. Talvez, sem saber, estivessem vivendo os primórdios das Academias de letras. Os índios, notadamente os bororós, também se reuniam à noite, e, diante de uma fogueira ouviam as histórias dos velhos que, assim, por tradição oral, eternizavam a própria cultura,

na falta do saber escrito que não dominavam. Significa que mesmo os selvagens, como as demais culturas os chamavam, tinham o cuidado de não deixar se perder na poeira do tempo aquilo que tinham de mais precioso, a sua história.

Os escritores, sejam poetas ou não, são, ainda que não o queiram, os seguidores daqueles costumes tão antigos como sábios, e se reúnem para difundir o saber que em associações chamadas Academias, promovem e divulgam o talento recebido do Alto, certos de que não têm o direito de guardá-los para si. Elas são, pois, respeitáveis guardiões desse imenso tesouro que é o saber. E não importa o tamanho dessa ciência, porque a escala subjetiva não existe para julgar nada nem ninguém, uma vez que cada um dá o que tem ou o que pode, desde que demonstre que, em não sendo seu, dê aos demais a abrangente e perpétua sabedoria, afinal um apanágio dos que sabem e, em sabendo, não a guardem egoisticamente só para si, até porque não se julgam donos de nada, pois o saber é universal.

Pois, assim como os sábios gregos, ou os índios selvagens em roda de sua fogueira, os homens se reúnem em associações a que chamam Academias e deixam que o calor e a luz dali emanados se diluam para aquecer e iluminar os demais.

A sociedade de Mato Grosso do Sul também tem a sua Academia e dela recebe de graça, porque de graça receberam o talento de que tanto precisam para engrandecer o nosso saber. Não é sabendo mais que se vive melhor? Não importa o grau de conhecimento ou de sabedoria, o que realmente importa, é transmiti-la àqueles que os ouvem. Há os que sabem e, ouvindo, saberão mais, e há os que nada sabem e procuram aurir conhecimentos que os impulsionem para cima. Talvez a honra maior desses homens e mulheres não seja o fato de ser um desses congregados, mas o prazer de dar aos demais o que de graça receberam. Com certeza, toda a comunidade se sente honrada por ter alguns de seus membros no topo desse moderno Olimpo, despersonalizando a honraria e fazendo-a comunitária.

ANTOLOGIA



Antologia em prosa
e versos

(Textos de Acadêmicos)



ABÍLIO LEITE DE BARROS

Nasceu em Corumbá (MS), em 1929. Advogado, professor universitário e pecuarista. Obras: Gente Pantaneira, Uma Vila Centenária, Opinião e Histórias de muito antes. Ocupa a cadeira nº 32 da Academia.



Águas do Povo - Um Livro para ficar na História

Menino pobre, caçula de uma família de onze filhos, pais analfabetos, mãos calejadas, trabalhava na lavoura dura e ingrata do agreste da Paraíba – “Três grãos, só três grãos por cova”, gritava o pai austero zelador da despesa. Comia-se quando havia, mais certo era a raspa da rapadura com farinha e, às vezes, farofa de bunda de tanajura.

Via passar os meninos com livros e cadernos na direção da escola – tinham como. A ele restava o sonho. Até que um dia procurou a professora que, comovida, apiedou-se dele e encontrou um meio de ensiná-lo em sua própria casa. Esse é o primeiro capítulo da história de Reginaldo Alves de Araújo, presidente da nossa Academia de Letras e autor do livro “Águas do Povo”.

Esse registro é importante para se entender o homem e o autor; parece-nos que ambos nunca deixaram de ser o menino pobre que, aos nove anos ainda não sabia ler. Por isso Reginaldo sempre sonha grande. Entendo, por exemplo, que o esforço e tenacidade com que dirige a nossa Academia de Letras têm origem nos sonhos daquele menino de Itabaiana. E, tudo que escreve é também um compromisso com sua infância.

O livro “Águas do Povo” está dividido em duas partes: a primeira é um exercício de ficção e memória, tendo como palco o rio Aquidauana; a segunda parte, menos ficcional, é uma coleção de crônicas, algumas já publicadas, a maioria de exaltação dos seus eleitos pela admiração literária ou pelos seus feitos. Não faltam lá, também, as louvações à sua Paraíba e coisas do nordeste – coisas de suas amarras à infância.

O “Rio Aquidauana”, título que inaugura o livro é, ele também, uma parte dessas amarras. É fácil entender que sua louvação a esse rio é uma transposição, consciente ou não, de seus amores ao velho Paraíba que banha Itabaiana de sua infância. Também sou menino de um rio e sei desses amores. Mas, na criação do autor, o rio tem vida própria, palco das narrativas, mas também ator, pois com ele os personagens dialogam.

Como já disse, essa primeira parte é uma mixagem de história e fantasia. Reginaldo usa personagens reais envoltas em ficção e o resultado é bom, pois nos leva a atos e sonhos de emoções várias. Não há um enredo na narrativa, a história é costurada pela presença de um canoeiro, o velho Felliipe que no rio conduz a sua canoa e os enlevos da história.

Foi Felliipe quem fez à beira do rio, ele com ele, o enterro de um bêbado sem dono quando “a noite gemia em sua própria solidão”, diz-nos o autor. Mas dali se via, na outra margem, o foguetório e festas oferecidas ao delegado por sua nomeação. Os fatos não tinham relação alguma, mas pela simultaneidade da narrativa, o autor nos empurra a um jogo de cena, misto de tragédia e surpresas. Mais adiante, em outro conto, a mesma dramaticidade nos é trazido pela descrição da luta brutal entre dois homens rústicos numa “Casa Alegre”, na beira do Aquidauana. Ao lê-la ninguém ficará impassível. Mas devo me conter para não mais antecipar, aos leitores, emoções e surpresas da leitura. Entretanto, não posso deixar de fazer uma referência ao capítulo final “A última remada” pelo seu conteúdo poético. Nele estão descritos os últimos momentos do velho canoeiro, o Felliipe que, com certeza da morte iminente, no silêncio da noite, na remada final, colocou a inse-

parável canoa ao sabor da correnteza no meio do rio. Deita-se nela para morrer, cumprindo secreto desejo de ter o rio como túmulo. Entrego aos leitores a descoberta de outras emoções deste “Águas do Povo”.



Digressões sobre a felicidade das vacas

Fui ao açougue (ainda existem muitos aqui na Alemanha) comprar carne moída para o indispensável molho à bolonhesa que melhor sabe acompanhar o entulho italiano de massas. Fiz rápido o cálculo do câmbio e verifiquei que deveria pagar mais de quinze reais por quilo do picadinho. Ao lado havia um atraente bife de embalagem individual, a vácuo, com ligeira gordurinha lateral que me fez supor uma picanha fatiada – e fez água. As cento e poucos gramas do bife custavam cinco reais; que daria em torno de quarenta o quilo. Achei que estavam querendo explorar a minha saudade de casa... levei o picadinho. E achei caro. Por um terço desse preço encheríamos esses gringos de carne até ao arroto.

Depois me informaram que eu tinha ido a um açougue especial que cobrava mais caro porque só vendia carne de “vaca feliz” – *happy cow*, disseram em inglês. Nunca me havia ocorrido tal sofisticação: apartar vacas por fatores psicológicos. Julguei-me, logo, um estúpido por nunca haver percebido em minhas vaquinhas o menor sintoma de angústia, depressão, nem a menor tristeza. A explicação esclarecedora me acalmou. “Vaca feliz” é aquela que caminha pelos campos, toma sol, bebe água nas lagoas e principalmente come capim. Tomei-me de orgulho lembrando-me do meu Pantanal e julguei-me, de imediato, o criador das vacas mais felizes do mundo.

Há uma lição nesses fatos aparentemente excêntricos e sem importância. É a lição da preocupação ecológica no Primeiro Mundo. A vaca feliz é a vaca ecologicamente correta. Entre alegres jovens per-

guntei a uma moça por que ela havia abandonado o consumo de carne. A resposta foi seca e rápida: hormônios e antibióticos usados pelos fazendeiros e a vaca louca. Não é novidade que o mercado de carne da vaca, mesmo das felizes, está encolhendo na velha Europa. Nas gôndolas dos supermercados, a carne de bovinos ocupa um espaço bem inferior à do porco, dos embutidos e do frango.

Os argentinos por meio de marketing mantém o seu pedaço. Nos supermercados, a carne deles tem a marca de origem – selo – e mesmo nos restaurantes, os cardápios indicam os pratos com carne argentina. E nós?

Nós temos, em potencial, o maior mercado consumidor de carne do mundo – o nosso. E é mercado com poder aquisitivo em ascensão. Basta cuidar para não o perdermos de todo, pois uma grande faixa dele já nos foi tomada pelo frango. Outra faixa está sendo tomada pelos argentinos também. De São Paulo ao Rio Grande. Basta frequentar restaurantes para ver. E nós? Nós não podemos fazer marketing. Vamos continuar unidos, de mãos dadas com os nossos “altos” dirigentes classistas de cócoras e babando pelos cantos da boca.



O Rio Paraguai

Esse rio é meu. Companheiro da infância que em frente dele vivi. Da janela da minha casa via o seu passar preguiçoso, serpenteando pantanais. Águas que, como dono, mal as tinha, passavam sem parar. Águas que pareciam minhas, depois soube, iam para o mar, para ninguém. Mas guardei-as, minhas, na memória. Lamento pelos muitos que nunca tiveram um rio. Mas, agora, esse rio Paraguai de saudades e sonhos, um amigo me tomou como seu – esse meu rio!

Esse amigo, Luiz Alfredo Marques Magalhães, fez um livro “Rio Paraguai - Da Guaíba ao Apa” que acabo de ler emocionado. A emoção

não me vem apenas da infância, nem do rio, mas da beleza do livro, sob todos os aspectos, merecedor de louvores. Em primeiro lugar tem apresentação impecável, capa de muito bom gosto, papel de qualidade, diagramação equilibrada, fotos de valor histórico e outras criativas e muito belas, pois o autor é, de ofício, um artista plástico, fotógrafo. Mas, por trás, como quem comanda, está o escritor muito objetivo, de linguagem simples, contida adjetivação, narrativa escorreita e literariamente de valor – um livro, um fotógrafo e um escritor. E um pesquisador também.

O pesquisador fez incursões no espaço e no tempo. As suas referências bibliográficas nos dão à visão de sua viagem temporal. Andou pelos caminhos monçoeiros do século XVIII nos bons textos coletados por Alfredo Taunay. Serviu-se de Francis Caltelnu, Bartolomé Bossi, Hercules Florence da Expedição Langdorff e outros viajantes do século XIX e foi mais longe em textos de Domingo Irala do século XVI e do próprio Cabeza de Vaca. Mais próximo, do século XX, serviu-se da obra excelente de Raul Silveira de Mello. E muito mais. E, como essas obras não se encontram num mesmo lugar, pode-se imaginar o exaustivo trabalho físico de suas pesquisas em bibliotecas e instituições especializadas, inclusive no exterior.

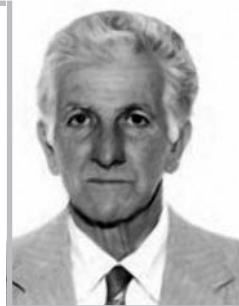
Mas a viagem mais rica e mais difícil foi no espaço, acompanhando o rio, de suas origens até o território paraguaio, em mais de 2.000 quilômetros. Nessa viagem tinha a companhia de sua máquina fotográfica, instrumento de ilustração e documentação, onde fica marcado o inegável talento artístico do autor. São fotos de grande beleza em invejáveis ângulos descritivos. Particularmente interessante é o jogo que faz entre fotos antigas e atuais do mesmo lugar, conjugando passado e presente, ontem e hoje, saudades e realidades, o que ficou.

“O que ficou” tem um sentido forte na narrativa do Luiz Alfredo, pois, pela sua sensível preocupação ecológica e amor à natureza, diante das belezas do Pantanal, demonstra visível temor e tremor de que aquilo tudo possa desaparecer. Posso garantir, ao amigo, que não desaparecerá enquanto o Pantanal for dos pantaneiros.



ABRÃO RAZUK

Nasceu em Campo Grande (MS) em 1940. Advogado. Escreve para jornais do Estado. Publicou as seguintes obras: - Enfoques do Direito Processual Civil, e - Da Penhora. Ocupa a cadeira nº 18 da Academia, da qual é Vice-Presidente.



Os Grandes Oradores de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul

Lembrei dos oradores que atuaram nos Estado de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul de forma genérica, abrangendo tanto o orador parlamentar como tribuno do júri e da sustentação oral. A tribuna envolve muitos aspectos e cada orador com a sua característica. Alguém disse “poeta nascitur, orator fit”. O poeta nasce, o orador se faz.

Do meio forense, na nossa região, podemos citar alguns nomes: Argemiro Fialho, Nelson Trad, Carlos Sthefanini, Odir Vidal, Juvêncio Cesar da Fonseca, David Rosa Barbosa, Jorge Antonio Siufi, Josefino Ujacow, Renê Siufi, Ricardo Trad, Hêlvio de Freitas Pissurno, Rêmolio Leteriello, Joao Frederico Ribas, João Lacerda de Azevedo, Nelson Mendes Fontoura, Leal de Queiróz, Anísio Bispo dos Santos, Norton Seabra, Carlos Bombadilha e outros.

O doutor Fauze Adri que, na época de estudante de medicina fora locutor de rádio e, ao depois de formado, presidente do Clube Libanês, das vezes que o vi falar, era orador lúcido, muito espirituoso e de muita clareza ao transmitir suas idéias.

O advogado Leal de Queiróz, emérito orador, estilo erudito e conhecedor de política e de muita visão, homem gentil e lhano no trato com as pessoas, com o qual tive o prazer de conviver em nossa querida academia de letras.

Com Juvêncio César da Fonseca, excelente defensor público, que defendia os pobres, tive o prazer de conviver e aprender os mistérios da tribuna, quando exerci a função nobilitante de defensor público e ele era bem prático. Seu estilo combativo e muito objetivo, embora professor de direito penal, explorava principalmente o fato. Com estilo convincente e simples, obteve muito sucesso na tribuna do júri.

Nelson Trad emérito tribuno. Orador de primeiro quilate, vigoroso e intelectual. Assisti ao seu primeiro júri, aliás, sua estreia na av. Afonso Pena, onde fica atualmente o Bradesco, quando defendeu os irmãos Abdulahad e deu verdadeira aula de religião pois o crime fora motivado por questões religiosas, conseguindo à época para um júri difícil, um bom resultado. O juiz ao interrogar o réu, que era um senhor já de idade, perguntou ao interrogando se ele conhecia aquela arma e o réu disse que sim. Pegou Nelson de surpresa. Nelson preocupado voltou a insistir com o juiz Dr. Gui de Mesquita, alma bondosa e homem íntegro que eu fui incumbido pela OAB em acompanhar seu inventário, aliás de poucas posses e levava vida humilde, que perguntasse novamente ao réu se conhecia a arma e este árabe astuto respondeu sim, conheci agora que o senhor me mostrou. A razão da preocupação do tribuno Nelson é que sua tese era a negativa de autoria. Os réus foram condenados a oitos anos e oito meses de pena de reclusão pelos crimes praticados. Cumpriram regularmente a pena e nunca mais reincidiram em nenhum crime, e do ato curioso é que a cadeia pública ficava onde é o atual fórum e muito precária dirigida pelo saudoso sargento baiano, meu amigo pessoal e homem enérgico porém boa pessoa e correta, Estes réus que eram libanêses montaram uma cantina no presídio e ali, ganharam sua vida honestamente, podendo levar uma vida condigna, após cumprirem suas penas, nada devendo para a sociedade.

Eram amigos inclusive das autoridades do presídio e pelo trabalho honesto na cantina ganharam o respeito dos presos e inclusive das autoridades com o comportamento exemplar. Eis aí o espírito empreendedor do libanês, pois tinham o dom para o comércio. Jamais esqueceram o empenho e dedicação deste notável orador forense Nelson

Trad, devendo-lhe a eterna gratidão.

Meu compadre Dr. Jorge Antonio Siufi, orador brilhante e muito inteligente e espirituoso. Homem de muito talento e alma generosa e grande bondade de coração e fiel amigo. Lecionou vários anos direito penal, mestre desta disciplina. O promotor de justiça que enfreter o Jorginho tem que abrir o olho senão o baixinho desmonta qualquer um, pois nunca vi nenhum orador espirituoso como ele e tem o dom de cativar os jurados e nisto ele é um mestre, além da substância de sua fundamentação, ganhando inúmeras causas, inclusive na justiça castrense, onde atuou durante vários anos, sendo talvez seu maior defensor e que mais conhece direito penal militar. Fiz alguns júris com Jorginho Siufi e lembro-me o de Fátima do Sul onde dois réus respondiam por crimes de homicídio. Este júri foi presidido pelo juiz o Dr. José Augusto de Souza, ainda magistrado em Dourados, não é o Des. José Augusto atualmente aposentado como desembargador. Em certa altura do júri, aliás pesado para defesa, a testemunha que tinha dado sua versão na polícia e em plenário ela mudou sua versão e o promotor raivoso e brabo virou-se para testemunha e ameaçou de prendê-la por crime de falso testemunho e perguntou à testemunha: qual dos dois advogados que havia instruído a mesma. Vez que constantemente olhava para tribuna de defesa. Eis que Jorginho respondeu ao promotor de justiça, Dr. não foi para o Dr. Abrão porque ele é feio e sim, pela beleza de meus olhos que são verdes e arregalou-os mostrando-os aos jurados. O plenário veio abaixo de risada e o Jorginho ganhou os jurados. Obtivemos excelentes resultados, sendo um absolvido e outro, com pena atenuada, saindo em liberdade.

Depois falaremos de outros oradores, inclusive do Dr. Francisco Giordano Neto, meu querido amigo e inesquecível tribuno.

Votaremos ao assunto, pois ele é extenso e não comporta somente num artigo.



Natal

No dia 25 de dezembro, comemora-se a data do nascimento de Jesus Cristo. Ele foi exemplo e modelo para humanidade. A relação passado, presente e futuro trata-se de tema profundo e pode ser examinado sob muitos enfoques. É evidente que não ousamos ingressar no campo de física e matemática e nem na lei quântica, por duas razões, por ignorância do assunto, e em 2º lugar, só há interesse sob o ângulo que a data simboliza. Do surgimento do homem na Terra, até o Século XXI, é possível uma profunda reflexão sobre seu comportamento, sua intenção, sua agressividade, seu modo de vida como ser gregário e como ser pensante. Outrora, prevalecia a força bruta sobre o direito. Àquela época, a análise do homem ou seja, a era da força bruta, havia prevalência do instinto e da emoção, agora vige o elemento razão. Foi o Presidente Wilson – dos Estados Unidos - quem lutou para criação da Liga das Nações e foi criada, ela desapareceu e surgiu a O.N.U. No passado, vários povos possuíam temporariamente a hegemonia do poder bélico, citam-se os egípcios, romanos etc. e atualmente, com o poder absoluto, os Estados Unidos quem possui o maior arsenal bélico e atômico do mundo. O cavalo desapareceu para dar lugar ao botão que aciona a ogiva nuclear. O dedo mais importante do planeta hoje é Barack Obama. Fuzil, canhão, já era. Hoje vale a tecla do computador e da ogiva nuclear.

Parece-nos que o princípio da autodeterminação dos povos sofreu restrição. Há atualmente a OTAN, ela possui armas (reunião das forças dos países sob o rótulo da ONU) e quem manda são os Estados Unidos.

A crítica que existia contra a Liga das Nações por sua fraqueza eclodiu na 2ª Guerra Mundial, porque não tinha sanção contra quem usasse de violência ou desrespeitasse a soberania de outro país ou desrespeitasse os direitos humanos ou utilizasse da prática de genocídio.

Hoje o chefe de Estado que desrespeitar os direitos humanos po-

derá ser julgado por Tribunal Internacional, pois está criado o Direito Penal Internacional (Corte de Haia), exemplo, Pinochet, Fugimori, etc. Este Tribunal tem o apoio do dono do mundo (Barack Obama). Lembrem-se, o poder muda de mãos. Quem sabe em 2.010 poderá ser a vez do Brasil.

Que, neste 25 de dezembro de 2009, possam os mandatários respeitarem os direitos humanos, valorizar a vida, melhorar a sua qualidade, acabar com a fome de Uganda-África, reinar a paz entre árabes e judeus, combate sem trégua contra a corrupção, a droga, crime do colarinho branco, respeito às minorias raciais, à ecologia, combate ao preconceito, racismo, etc. Enfim, que o exemplo de Cristo fique impregnado no coração de Barack Obama e dos demais chefes de Estado.

Feliz Natal e Próspero 2010 para todos os homens e mulheres de todas as raças, credos e religiões do mundo.



ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

Nasceu em Cruz Alta (RS) em 1924. Professor e Advogado. Morou durante vários anos em Campo Grande, quando foi secretário de educação do município e também diretor-proprietário do Colégio Osvaldo Cruz. Publicou, dentre outros títulos: Sarabico e Tico-Tico (infantil), Crônicas de Ontem e de Hoje, Rimas e Ritmo, e faz parte de numerosas antologias poéticas. Ocupa a cadeira 26 da Academia.



Naquele Tempo

Seu Saturnino, um velhote guapo, nascido e criado, naqueles fundos de campo, foi peão de estância a vida inteira.

Agora, com oitenta anos na cacunda, pobretão, mas sempre alegre, comunicativo, vivia por ali, naqueles meios, changueando, um biscate aqui, um biscate ali, rebenqueando a vida, como podia.

Era pau pra toda obra. Se alguém precisasse para capinar uma lavoura de milho, ajudar a carnear uma rês, levar um charque para algum fazendeiro ou até uma compra num bolicho, seu Sato, como era chamado pelos conhecidos, estava sempre à disposição.

Não era aposentado e com o que ganhava daqui, dali, muito pouco, mas parece que ia suprimindo a existência.

Quando tirava para contar uma história, sempre começava assim: Naquele tempo... Até parecia uma linguagem da Bíblia!

Nunca se soube se fora casado, se tivera algum filho. Vivia sozinho, chimarreava solito, na frente do seu ranchinho de pau-a-pique, feito com tronco rachado de coqueiro, amarrado com cipó embira e coberto de capim sapé. Nunca se queixava, nem pedia nada a ninguém. Vivente simpático, de relancina fazia amizade, pois era franco e servidor.

Tinha um cavalinho rosilho, meio estropiado, que lhe servia de montaria, quando saía pela vizinhança ou ia até o povoeiro, fazer compra de sal, pó de café ou algum outro munício.

Bombachita remendada, camisa de riscado, botas russilhonas, meio esfoladas pelas intempéries, lenço branco encardido. Não usava lenço encarnado, achava transparente demais.

Numa roda de chimarrão, ele começou: Naquele tempo, eu me enrambichei por uma chinoquinha meio serigaita, que me judiou muito do coração e da alma. Que era bonita, isso era. Também não era p'rá menos, com uns olhos verdes de coxilha, morena e corada que nem melancia madura. Não sei por onde anda, se é viva ou morta. Pois é, naquele tempo. Naquele dia, entrada de inverno, o pampa era um abuso de beleza, com seriema clarinando, saracura anunciando tempo bom e, o céu, um imenso poncho azul acobertando a terra. Seu Saturnino acordou morto.

Foi sepultado por ali mesmo, na campanha, onde viveu. Aí, apareceram uns parentes distantes, sempre aparecem, e viraram de pernas para o ar o rancho de seu Sato.

Pois não é, que remexendo num baú antigo, retovado de couro cru com pêlo e tudo, acharam vinte contos de réis, uma fortuna para aquele tempo. Não facilitaram, palmearam a dinherama e se foram.

Dizem, algumas línguas soltas, que, uma vez por ano, aparece uma mulher setentona, que não se sabe de onde vem, e cobre a sepultura de flores. O ranchito ainda está lá, num abandono de viúvo solitário. Única lembrança do chiru velho Saturnino.



O Defunto Morto

Foi bem de manhãzinha, ao clarear do dia, quando a seriema pega a tocar alvorada e o sabiá-laranjeira começa a sua melodia clangorosa

da campanha.

Encilhei o pingo, era domingo, e me planchei para o povoeiro. Ao cruzar no bolicho do seu Serafim, divisei o burro branco do Teodoro palanqueado, se abanando das moscas.

Não me contive. Me aproxiguei, amarrei o flete e entrei arrastando as chilenas.

Estava tudo deserto. Somente, no outro lado do balcão, uma prenda chimarreando solita. Cumprimentei e fui dizendo: morocha bonita me sirva um trago de canha, depois, me ajude a tomar.

Levantei o copo, ela também, que não deixou por menos, então perguntei:

– Que é do dono do burro?

– O Teodoro? É o Teodoro.

Não se sabe. O burro dele, acostumado a chegar aqui, apareceu arrastando as rédeas, como quem está querendo dar um aviso. Então, palanqueamos ele.

Nisto chegaram uns peões trazendo o corpo do defunto morto.

O que se sabe, disse a morena do bolicho, é que, depois que a defunta, mulher dele faleceu, ele deu p'rá beber e não parou mais. Andava encarangado que nem pinto na goteira.

Aí, eu cismeí comigo mesmo: é sempre assim, não tem jeito, gaúcho apaixonado não tem cura.

Vai minguando de saudade.

Quando não morre de cachaça, morre de tristeza.



Pois olha, eu não sabia

Chegou, palanqueou o pingo e saiu, folheirito, arrastando as chilenas:

- Buenas, patrícios, que a paz de Deus esteja com todos.

- Que assim seja.

Ele era assim, um metro e noventa de altura, pele indiática, melena grisalha, testa ampla e rosto alegre, de relancina inspirando confiança e bondade.

- Toma um trago, Tritão, – falou um dos que estavam ali.

O bolicho do seu Serafim Rocha era o único do lugarejo e, por isso mesmo, frequentado por todos, tanto os fazendeiros, colonos, como a peonada que chegava para matar a sede nos dias de calor ou para “esquentar a alma” nos dias frios de aguaceiro.

- Aceito e já lê pago outro – foi dizendo, enquanto tirava o chapéu de aba larga e, com a mão enorme e judiada de laçador e domador, agarrava o copo que o outro lhe oferecia.

- P'ra onde se larga, índio velho? – perguntou o Juvêncio que estava encostado no balcão rústico.

- Pois vou dar uma mãozinha pro Doutor Alonso, lá no Espinilho, o homem tem uns garrotes para marcar e diz que tem um potro bagual má-leva que não deixa um vivente no lombo nem com reza de sete velas.

- Entonce fica por lá uns tempos?

- Pois fico. Só volto quando acabar a empleitada.

Seu Serafim deu um talho na conversa. Já fora juiz de paz, era um autodidata, dado à leitura e era o patrão do CTG “Roda de Chimarrão”:

- Tu te lembra, Tritão, do Enéas Athanázio, aquele que escreveu o “Peão Negro”, “Tapete Verde” e os outros livros que nós lemos lá nas reuniões do Centro, enquanto chimarreamos e cortávamos uma costela?

- Pois se não haverá de me lembrar, fiquei gostando do cuera uma barbaridade e já saí falando nele por aí afora. Mas o que tem ele?

Tritão acendia um palheiro e soltava uma baforada, falando e puxando fumaça.

- Tem visto o homem?

- Não. Mas tu sabia que ele escreveu outro livro, agora sobre um

grande brasileiro, Monteiro Lobato?

- Pois, olha, eu não sabia.

- Ele agora é uma grande autoridade, é secretário adjunto da Justiça.

- Pois, olha, eu não sabia.

Juvêncio não quis deixar por menos, para mostrar que também sabia algo a respeito do escritor catarinense:

- Olha, Tritão, o Dr. Enéas Athanázio é um grande contador de causos, e, faz pouquinho, escreveu “Sete Causos Nanicos”, uma beleza, só vendo.

Seu Serafim voltou ao diálogo:

- Um trovador da Bahia narrou a vida do Dr. Enéas em verso, coisa linda de se apreciar.

- Pois, olha, eu não sabia.

Tito Irineu da Luz, nascido e criado em Otacílio Costa, vivia por ali chantageando, ajudando um e outro, a troco da comida, uma manta de charque, pobre e sempre sorrindo. Índio servidor, não se queixava e vivia solito. Bueno numa cordeona, quando abria a gaita, dava gosto escutar as suas cantorias, onde decantava a vida, feitos e aventura fora do comum:

“Sou um cuera vira-mundo,
Chiru gaudério e viajado,
De Otacílio Costa até Lages,
Isso tenho revirado.”

Contador de lorotas, não fazia mal a ninguém, antes, era um chasque de confiança, fosse para o que fosse.

Cepa de antigos gaúchos vindos para aquela região, contava-se que, no tempo de moço, havia sido um guasca que não levava desaforo p'rá galpão. Se foi verdade, pertencia ao passado, porque Tritão, agora, era um homem pacato, trabalhador, que não altercava com ninguém.

Integrante do Centro de Tradições Gaúchas, era um assador macanudo, que preparava uma carne na salmoura, para ninguém botar defeito. Morava num ranchito, ele, o cavalo que ganhara de presente

numa carreirada e o cachorro “Querência”, companheiro fiel, que passava a maior parte do tempo sozinho cuidando da moradia.

Tritão, de vez em quando, aparecia no povoado, para um gole de canha, um jogo de cartas, vendendo algumas aves que criava, o que lhe permitia comprar erva-mate, sal e café em pó.

Bueno, vou me chegando, que o Doutor Alonso há de estar me esperando.

Rodou a guaiaca, abriu, tirou um níquel para pagar o último trago que tinha sido por sua conta.

- Não, Tritão, esse não te custa nada, é cortesia da casa.

- Gracias, patrício, que Deus lê pague.

Chegou mais gente, a conversa se animou, encheram-se outros copos, então Tritão aproveitou:

- Meus amigos, algum dos senhores não me compraria um casal de pato?

Uns disseram que não, outros não disseram nada, ainda outros fizeram que não ouviram, mas seu Serafim, sabendo sempre da situação apertada do chiru velho, companheiro do CTG, confirmou que ficava com as aves e já pagava também, que depois o Tritão trouxesse os bichinhos.

Tritão se despediu, já com o dinheiro no bolso, na porta ainda se voltou:

- Mas tem uma coisa, seu Serafim, é um casal de pato macho.



AMÉRICO CALHEIROS

Nasceu em Goiana (PE), em 1952. Professor e teatrólogo, criou o Grupo Teatral Amador Campo-Grandense (GUTAC). Atual diretor-presidente da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. Dentre suas obras literárias, destacam-se: Sem Versos, Memória de Jornal, Da Cor da sua Pele, A Nuvem que Choveu, Poesia pra que te quero e Na Virada da Esquina. Ocupa a cadeira nº 7 da Academia.



Fazenda Estrela: um sonho que nunca acaba

O ranger das rodas do carro-de-boi, monocórdio e preguiçoso, transportava minha expectativa de criança em férias àquele ímpar paraíso natural. Os dezoito quilômetros que separavam Nioaque da Fazenda Estrela valiam uma eternidade. No caminho, seriemas esguias e pesadonas emas, em corrida pelo capinzal, acompanhavam o desempenho do velho carro e o movimento curioso dos meus olhos-menino. Quando a estrela aparecia na sua humilde exuberância, deitada aos pés da Serra de Maracaju, escondida nas furnas, ela brilhava serena e o meu coração saía pela boca. O verde totalmente verde que circundava a fazenda era feito de aroeiras, cerejeiras e bálsamos, pura lei natural, e mais centenas de coqueiros típicos daquela área onde, em destacada majestade, saltavam à visão e aos sentidos os excessivos buritis.

O tempo na estrela era feito de puro prazer. O alvoroço das galinhas-de-angola, das galinhas caipiras, das garnizés, dos perus e patos mesclava-se à ensurdecadora revoada dos papagaios, periquitos, ardentes gritos das araras-azuis e outras multicoloridas. Tudo depois se calava ante a sinfonia magistral dos tantos pássaros da região. Assim era o despertar na Estrela. Nos currais, o leite jorrava das tetas fartas

das vacas passivas, enquanto touros ferozes disputavam a supremacia do pedaço em quase-brigas. O ritual incluía logo a seguir: devorar literalmente um quebra-torto que, como repasto que misturava todas as sobras de comida do dia anterior, mais parecia um almoço da cidade. Isso tudo à beira do fogão de lenha adquiria maior sabor. A “fartança” estava presente nos paios que explodiam com tanta produção caseira: banha de porco, queijo, requeijão, doce de leite, rapadura para todos os gostos, arroz, feijão, linguiça, carne-de-sol e outros gêneros que asseguravam a subsistência naquele rincão. Toda circunvizinhança sabia que a Fazenda Estrela era uma das únicas que se sustentava com a própria produção. Era um oásis independente em fertilidade e abundância naquelas plagas. Em seu pomar, laranjas de todas as qualidades, bananas maduras nos pés, mamão, melão, fruta de jambo, e melancias imensas, que brincavam de esconde-esconde embaixo das ramas, disputavam espaço com abóboras e morangas, quase invadindo os canaviais que geravam produtiva cana-de-açúcar.

Durante o dia, andar a cavalo e descobrir os mistérios do matalgal era o melhor programa. O banho no córrego buritizal, quase um rio, ladeado de tantos buritis e onde antas, capivaras, quatis, tatus e veados vinham saciar sua sede, servia também de morada para uma sucuri gulosa que gostava de engolir bezerro novo e ficar se saciando por longo tempo com o bicho na barriga.

Nas noites cheias de segredo, tendo como testemunhas apenas os grilos, a lua e as estrelas, os donos daquele imenso reduto de paz, Seu João Leão e D. Paulina, que souberam com retidão e singeleza educar seus doze filhos, descansavam da lida diária e abriam espaço para as estórias fantásticas: algumas de assombração e outras de onças-pintadas que atemorizavam, volta e meia, aquelas paragens, devorando o gado e sumindo no nada.

As músicas da moda que pairavam no infinito daquelas furnas, fazendo o coração da estrela pensar no amor e em seus desatinos, eram as da dupla sertaneja Délio e Delinha, freguesa daqueles recantos todos por onde passava, a convite dos fazendeiros, cantando e reinventando,

na viola, as histórias da vida.

Nas réstias das memórias de minha infância, onde o caldo de tantos sonhos permanece intacto, um em especial sempre entra em ebulição, trazendo recordações: o das idas à Fazenda Estrela.

Hoje nem sei mais dela e do que o progresso aprontou com sua beleza; porem, no mágico mundo das lembranças em que tudo tem grandeza imensurável, a Fazenda Estrela ainda brilha na minha mente como um sonho bem maior que a realidade. Nos meus sentidos, ela brilhará para sempre.



O Espelho Nosso de cada Dia

Torturada pelo medo da velhice e, por que não dizer, da feiúra e da decrepitude, a rainha madrasta diariamente interpelava o pobre espelho-mágico acossado, diuturnamente, pelas apavoradas interrogações da rainha.

Essa cruel indagação, seguida da temível resposta, atravessou a roda do tempo, suplantou o imaginário e caiu, como a mão na luva, no cotidiano de tantos humanos atropelados pela inexorável marcha dos anos rumo à velhice.

Uma grande amiga minha um dia me disse: A pessoa que passar a vida, olhando-se no espelho, está fadada à loucura. Claro que foi uma afirmação drástica e ácida. Entretanto, como os espelhos não são mágicos e estão em todos os cantos, mostrando todos os ângulos, e como não mentem jamais, revelam sempre aquilo que a maior parte das pessoas não quer ver: a decomposição gradativa da juventude, do frescor, da beleza e, muitas vezes, junto com tudo isso, do brilho do viver.

A poetisa Cecília Meireles sabiamente diz em versos do seu poema Retrato “Eu não dei por esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil: - Em que espelho ficou perdida a minha face?” numa construção

pungente e doída das marcas que a idade traz e com elas o vazio das perspectivas.

Realmente, quem passa a vida inteira atento apenas aos reflexos que pairam nas superfícies dos espelhos, às aparências, ao externo, e utiliza-se disso como recurso mais importante para conquistar o sucesso, seduzir amigos e amantes e se fazer aceito, depara-se, ao final desse percurso chamado vida, com um espelho que reflete um retrato em frangalhos.

Particularmente acredito, por outro lado, que o espelho foi feito para ser olhado e não para ser adorado o que nele se reflete, como Narciso que se apaixonou por si mesmo. Assim sendo, ele pode representar, quando visto com parcimônia, um permanente alerta para os cuidados que a pessoa deve dedicar ao seu eu físico e ao seu interior.

A longevidade está na ordem do dia e, com a ampliação da expectativa de vida, a cada década, no Brasil e no mundo, o espelho pode ser importante aliado no cuidado básico que cada um deve dedicar à sua saúde. Esta aliança indissociável, aparência x saúde, não pode mais ser desprezada.

É também inevitável analisar aqueles que evitam o espelho, correndo dele como o diabo foge da cruz, quase que numa definitiva negação da própria imagem, do próprio ser, ou seja, aqueles que evitam enxergar-se por medo do que possam ver.

É importante, bom e inevitável analisar aqueles que evitam o espelho. Não para aprisionar-se a ele e sim para libertar-se diariamente dos fantasmas que um futuro mal resolvido possa trazer. Envelhecer sim, entregar os pontos, jamais. E isto o espelho da realidade em muito pode nos ajudar.

O espelho, essa mágica superfície da verdade, pode contribuir, e muito, com quem quiser vir a ser não o próprio espelho, mas servir-se do espelho, no sentido de ser exemplo para tantos quantos nele venham a se inspirar.

Nem a rainha madrasta com sua compulsão de beleza, nem a poetisa com sua amarga visão, nem Narciso com sua egoísta paixão

são brilhos interessantes a serem emanados desses tantos espelhos, presentes em tantos lugares e etapas da nossa vida.

Mas espelho em que deixamos brilhar a verdade dos nossos sentimentos, dos nossos dias, das nossas rugas e das nossas vitórias, desse não devemos abrir mão nunca e nem podemos, porque ele não reluz de fora para dentro; ele está no íntimo de cada um de nós. Espelho, espelho meu, existe alguém mais feliz do que eu?



O Poder do Silêncio

TODAS AS VEZES QUE FALO DEMAIS ME PENITENCIO e me lembro daquele velho e prudente ditado: a palavra é de prata e o silêncio é de ouro. Na verdade, como dizia Tancredo Neves, o homem tem dois ouvidos e uma boca, numa simbologia exata que se deve muito mais ouvir do que falar.

Aliás a vida é cheia de sinais nessa direção em fábulas, contos e citações. Entretanto, contrariando esses ensinamentos, às vezes a gente fala demais, ou fala na hora errada, ou fala a palavra errada na hora errada, ou fala... e fala... e se esquece de ouvir. E quando a boca muito fala, o corpo paga. Saber ouvir é uma arte.

Ao ouvir se exercita o ato de conhecer quem está falando, porque quem está com a palavra fica em franca exposição e portanto acaba sendo mais observado, analisado, enfim despido literalmente.

Quem silencia, às vezes, sabiamente limita polêmicas, destrói ímpetos, guilhotina acusações ou simplesmente deixa o interlocutor a ver navios. Há pessoas que, matreiramente, também só escutam o que lhes convém e sabem aplicar o silêncio como a tranca de uma porta.

Emerson Leão, conceituado técnico de futebol brasileiro em uma de suas entrevistas após ser demitido da Sociedade Esportiva Palmeiras, disse: “Preciso compartilhar-me com o silêncio”, numa

clara alusão à importância de refletir na sua solidão e encontrar os seus novos caminhos.

O silêncio é sem dúvida uma eficiente arma dos sábios, dos poderosos, dos vencedores e, quando utilizado na medida certa, preserva, desconcerta afoitos, desativa a intolerância, coloca aquele que a você se dirige numa escala de maior respeitabilidade em relação a sua pessoa.

Muitas pessoas escolheram para si o silêncio dos conventos, dos mosteiros, do isolamento espontâneo para em solilóquio e em permanente meditação achar, no seu silêncio e no silêncio do mundo, respostas para suas indagações existenciais e encontrar-se com Deus.

Impossível deixar de reconhecer que o silêncio é um dos importantes instrumentos no processo de aprendizagem do conhecimento em geral, das disciplinas e acima de tudo da vida.

Sem saber ouvir, ninguém aprende, e para isso é preciso saber silenciar as ansiedades que brigam conosco, dentro da gente, fora da gente, impedindo o ouvir cristalino que resulta no verdadeiro aprender.

O consagrado compositor Bethoveen, ironicamente, criou suas mais belas obras ao ficar surdo. Passou a ouvir com a alma.

O ator Rubens Corrêa, já falecido, natural de Aquidauana, disse certa vez, falando de sua infância, que o silêncio do meio-dia em sua cidade natal, onde se ouvia até os co-có-cós das galinhas, era tão profundo, que ele viajava naquele silêncio, e isso foi definitivo na sua opção de ser ator e sair para outros lugares em busca de seus ideais, alcançando pleno êxito em sua meta de ser um dos maiores atores do Brasil.

Realmente o silêncio é altamente transformador, impulsionador e pode também, dadas às circunstâncias, ser enlouquecedor.

O fato é que não se fica impune diante do silêncio, porque é nele que se podem ouvir todas as vozes que falam dentro de você e todas as vozes do mundo, aquelas que estão nas ruas buscando audição e norte. Talvez seja por isso mesmo que a atual sociedade mundial, tão descontrolada, tão perturbada, tão sem tempo para si mesma busque alucinadamente o barulho tão revelador das insanas batidas musicais

que, ao se repetirem ensurdecedoramente, contribuem com o distanciamento das pessoas de si próprias.

O barulho dos carros, das máquinas, das fábricas, da movimentação das ruas, das festas tresloucadas, é, aliás, no meu ponto de vista, o grande símbolo desse século, infelizmente.

O silêncio é mágico! Ele lhe responde o que você a ele perguntar. Conquistar essa dádiva requer um grandioso encontro consigo mesmo e a superação em dar ouvido às coisas desnecessárias, pois o supérfluo afasta o ser humano de sua essência.

Um minuto de silêncio com que se reverencia a memória daqueles que partiram é um tempo incomensurável quando condignamente aproveitado.

O silêncio também pode ser extremamente cruel. Nunca se deve silenciar afeto, consideração, amor.

E quando a palavra, o barulho, o movimento se fizerem necessários para quebrar as injustiças e romper as desigualdades, o silêncio deve lhes dar passagem. Afinal, o silêncio tem seu poder; mas a voz, também. Cada um, a seu turno, equilibram os prós e contras.



Valores Pra que quero

Os valores que estão orientando as cabeças das novas gerações, não são certamente aqueles que ditaram o comportamento das pessoas nascidas nas últimas quatro décadas. Também não se sabe, com muita clareza, quais são os novos valores que estão norteando o pensamento daqueles que estão com a tarefa de formar, direta ou indiretamente, esses cidadãos do futuro.

A sociedade mundial assiste, atônica, neste século, a uma revolução tecnológica, científica e comportamental inimaginável. Tudo fica anacrônico em segundos. E, juntos com produtos tecnológicos descar-

táveis, a sensação que se tem é de que os sonhos, os sentimentos, as atitudes e os ideais humanos também têm de ser deletados nas mesmas velocidades e proporção.

Os valores que persistem nessa irrefutável escalada da humanidade, rumo a uma sociedade impessoal, racional, calculista e quase virtual, são verdadeiras incógnitas.

Falar em valores, princípios e virtudes, às vezes cheira como uma piada inocente e ultrapassada perante os novos cérebros, principalmente quando se sabe que grande parte das pessoas acha que valores não enchem barriga, não rendem dinheiro, não possibilitam a ascensão social, enfim não modificam o panorama social e econômico de suas vidas.

Sem dúvida, há uma razoável incerteza na mente dos pais, professores, orientadores, líderes e até de políticos a respeito dos pesos e medidas que devem abalizar questões, às vezes velhas, relacionadas com a moral, a liberdade e a ética, sem falar em verdade, amizade e lealdade, dentre outras tantas.

Será que os parâmetros adotados até então para analisar questões relacionadas com valores, ideais e princípios consagrados no último milênio estão definitivamente vencidos, ou há uma roupagem nova para essas mesmas velhas questões que estão no bojo das vivências humanas há muito tempo?

A complexidade social da atualidade coloca num mesmo caldeirão a violência indiscriminada que banaliza a vida, descaracteriza famílias, faz das drogas e do tráfico uma moeda paralela; do terrorismo, um acontecimento rotineiro nas telas do mundo; do sequestro, uma ameaça permanente e, da pobreza social, o principal estopim de tudo isso e muito mais.

Como lidar com as pequenas relações e cobrar valores no meio dessas permanentes guerrilhas sociais que já fazem parte naturalmente do dia-a-dia dos povos nas ruas ou através dos noticiários?

As crises nas relações que envolvem pais e filhos, homem e mulher, povo e autoridades, mercado financeiro e consumidores, líderes religiosos e seus seguidores, brotam dessa desconexão de princípios

que asseguram as posições e os limites de um lado e do outro e que garantem a ordem social, psíquica e orgânica no sentido maior.

Dessa ciranda de princípios, que até ontem colocavam a mulher como intocável antes do casamento e hoje a vê simplesmente “ficar”, que reconhecia nos idosos uma figura a ser respeitada naturalmente e hoje os relega ao abandono dos fundos de quintais, que via nas autoridades a expressão da moral, ética e firmeza de conduta e agora mal as reconhece, que acreditava no fio do bigode como sinônimo de verdade, que enxergava na justiça um poder indiscutível e por aí afora... nada sobrou!

Como cobrar e apelar positivamente às gerações da atualidade, de forma que elas entendam que postura, atitude e compromisso diante desses valores que estão na agenda humana desde que o homem venceu a pré-história, não é coisa fora de moda?

É bem verdade que já passou a era do dizer, como nas antigas fábulas, a moral de cada história, fato ou acontecimento. O máximo que se permite agora não é ditar regras e, sim, apontar caminhos para que aqueles que possam percorrê-lo, tenham em sua conta e risco o direito do acerto, do erro, ou talvez nem de um, nem de outro e, sim, simplesmente a oportunidade vivenciá-los.

Nesta cisão que envolve as características próprias de cada tempo com o passado, que redefine conceitos, espelha novos valores a partir dos choques de gerações e de culturas e que reavalia princípios, sempre esta se formando uma nova ordem social. Esta ordem que se consolida, coloca a humanidade e as novas gerações diante de muitas dúvidas e aponta um horizonte novo para os homens, mulheres e as civilizações como um todo.

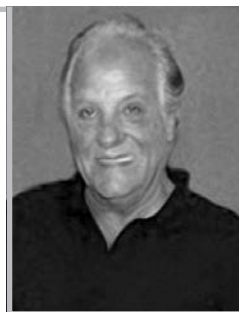
Essa incerteza, saudável enquanto prolífica, é que dá os rumos e a fisionomia das novas caras, dos novos tempos e dos novos valores.

Que bom viver! Que perigoso viver, como já enunciou o sábio escritor Guimarães Rosa. Que rico viver tantos séculos através de uma história que não tem fim e de uma vida que, embora simples, pequena e passageira, seja plena em suas proporções, respeitando sempre os valores em que se acredita.



AUGUSTO CÉSAR PROENÇA

Nasceu em Corumbá (MS), em 1940, filho de família tradicional do Pantanal da Nhecolândia, universo que explora em seus livros. Suas obras são: Raízes do Pantanal, Pantanal - Gente, Tradição e História, Memória Pantaneira e Corumbá de todas as Graças. Ocupa a cadeira n° 28 da Academia.



A Tarde escurecia

A tarde escurecia. Maria foi até a porta do rancho, botou a atenção e não ouviu barulho dos homens que tinham ido vender os produtos da cordilheira aos comerciantes do porto da Vila de Corumbá. Então voltou para o quarto, acendeu a lamparina e um cheiro de querosene lhe subiu às narinas, provocando-lhe ligeiro enjoo.

Tinha passado a tarde toda sozinha. As comadres andavam na roça com os filhos e ela tratou de procurar coisas para fazer. Costurou velhas camisas, iniciou um sapatinho de tricô para o bebê que ia nascer e se lembrou que um dia dissera ao marido que queria que nascesse uma mulher, mas agora tinha mudado de idéia, desejava um homem, sim, um homem. Um homem como filho, como companheiro e como amigo.

Sentou-se na cama de carandá e a saudade lá do Engenho bateu outra vez como sempre batia nessas horas em que ficava sozinha a cismar com a vida que estava vivendo.

Era uma saudade longa. Vinha dos tempos de menina a ajudar a mãe a preparar o doce de caju com aquela calda grossa que espumava no tacho de cobre. E esfumaçava. Vinha dos domingos de missa na capelinha do Engenho, do canto do coral, das colegas, da professora que lhe ensinava ciências, porque ela, Maria, sonhava em estudar medicina

no Rio de Janeiro. Saudade dos primeiros namoros na praça sentada junto ao coreto para ouvir retretas, dos passeios a cavalo, mocinha já, o vento a lhe bater nos olhos, revoltando os seus cabelos, trazendo-lhe um amável e adocicado cheiro de jasmim. Saudade dos romances dos escritores franceses que lia com sofreguidão nas horas de folga, um atrás do outro: Victor Hugo, Balzac... ó meu Deus!

Que estranha sina era aquela? Que loucura, que paixão torrenciosa a impulsionara a acompanhar os passos do marido, daquele homem que parecia meio alocado e só enxergava o caminho das águas?

E agora?... O que seria dela ali naquele lugar distante, duas horas descendo um rio largo para chegar numa vila e encontrar um doutor, um parente, uma amiga. Depois não era só isso, tinha a necessidade de conversar, de matar a solidão das distâncias, falar com outra pessoas sobre outros assuntos que não eram aqueles que falava com as comadres, que só pensavam em roça, em vaca, em cobra, em onça...

Sentiu uma repuxada forte na barriga: o bebê dava patadas dentro dela. Passou a mão de leve, acariciou o próprio ventre, pensou em se estirar na cama para relaxar, mas acabou dando um berro de terror! Uma enorme cobra serpenteava nas dobras do lençol e se aproximava para lhe dar o bote sinistro.

Maria pulou da cama num impulso e saiu do quarto correndo aos berros, pedindo socorro.

O marido e os camaradas que chegavam naquela hora e amarravam o batelão na margem do rio escutaram os gritos dela e correram para socorrê-la. Encontraram-na nervosa, aos prantos, toda desgrenhada, olhos esbugalhados de medo, tentando se amparar em alguém: É uma cobra! Olha lá, tá lá dentro do quarto! – ela falou, tropeçando nas palavras, transtornada por um pânico repentino.

Então o marido entrou no quarto do rancho e, mesmo no lusco-fusco da tarde agonizante, viu o rastro da cobra que indicava ter descido da cama e saído por uma das frestas dos carandás. Depois, segurando Maria pelos braços para que se acalmasse, disse: Chega de medo mulher, a cobra já foi embora, não tá mais lá dentro quarto.

- Se saiu vai voltar! Eu sei que ela vai voltar. Você tem que ir atrás dela pra matar, ouviu? Pra matar!... Quero ver essa cobra morta, senão não durmo mais nesse quarto e vou embora desta terra. Vou acabar enlouquecendo nesta terra de merda! Nesta terra desgraçada de ruim! Eu vou enlouquecer aqui!... vou enlouquecer!... enlouquecer, ouviu?... gritava ela sem parar, tentando se escapar dos braços do marido que ainda a segurava no portal da varanda do rancho.

- Mas não precisa, nhinhá, não precisa mais enloquecê... – suplicou uma voz que saiu bem detrás da moita redonda de capim cidreira.

Era a voz da comadre Minervina, que erguia o pau e mostrava a prova: a cobra estava pendurada, toda retorcida, toda frouxa, tinha a cabeça esmigalhada de tanta paulada. Ainda botava sangue pela boca. E balançava.



Beijo de Maresia

Daqui a pouco ele chegará. Talvez entrará pela janela como essa brisa morna que agora suavemente anuncia o romper de um novo ano. O mesmo jeitão enlouquecido, a mesma cabeça de tigre tatuada no braço, o mesmo olhar amortecido por tantos baseados.

Por insistência dela naturalmente dançarão a musiquinha adocicada que a TV faz por bem soar nessa noite de comemoração e alegria: “Adeus Ano Velho, Feliz Ano Novo, que tudo se realize no ano que vai nascer”.

Ainda bem que teve o santo pressentimento que a motivou a dar uma arrumada no apartamento e a sair para comprar as garrafas de champanhe no supermercado da esquina. Agora elas estão ali, as duas taças, bem juntas em cima da mesinha, cintilantes feito pérolas preciosas, esperando o grande acontecimento e dando um toque de festividade na pequena sala, além da TV ligada e do abajur que derrama uma sua

luz amarelada sobre elas.

Daqui a pouco ele chegará. Entrará com o mesmo sorriso-bom-astrol-dos-anos-60. Livre e irreverente. O mesmo grande sonho que o perseguia e o impulsionou a deixá-la num canto da rodoviária: a mochila nas costas, a flor amarela enfiada nos cabelos, uma menina apenas amedrontada, perplexa, sem saber que destino, que rumo, que estrada tomar, enquanto via o ônibus se afastar lentamente, soltando aquela fumaça preta e sumindo na primeira curva do caminho.

Olha o relógio com certa aflição: faltam só alguns minutinhos para romper o novo ano. Toda perfumada, com o melhor vestido e o mais novo sapato, escuta os primeiros acordes da noite, o pipocar de foguetes, o soar das buzinas e das sirenes que vêm de longe, quase amortecidas por outros barulhos característicos dessas horas que antecedem a chegada de um Ano Novo

Diante da TV, sentada no sofá, completamente sozinha e já um pouco tomada pelo efeito relaxante do champanhe, enche outra vez a taça e fica olhando a telinha da Globo que logo-logo dará aquele anual-fantástico-espetáculo da Praia de Copacabana, colorindo o Brasil de alegria.

A vontade agora é de ir até a janela, olhar os prédios iluminados, ver nas salas grupos conversando, famílias reunidas, mesas postas para a ceia, mas acaba ficando ali naquele cantinho que é o dela e aperta a taça com força, pensando qual será a atitude dele, a emoção quando chegar como um potro-selvagem-alado depois de tanto tempo desaparecido.

Bebe mais um gole do champanhe.... dois... três... quatro... De repente lhe chega a imagem de dois jovens sob o luar de Arembepe. Estão nus, deitados na areia da praia deserta, corpos colados um no outro, salpicados daquela areia grudenta, arranhante, que parecia penetrar na pele úmida e salgada. O lugar tem cheiro de mar, barulho de mar, ânsia de mar. E os dois curtem a brisa que chega lá da vila dos pescadores com o clarão dos fogos de artifício estilhaçando luzes em câmara lenta, anunciando a entrada do ano... do ano... (de que ano

mesmo?) ah, agora ela se lembra: do ano de 1968!

Daqui a pouco ele chegará. Entrará como um pássaro que acompanha a corrente da brisa e se sentará no sofá ao lado dela. Então um diálogo passadista, efêmero, sem nenhuma importância poderá se estabelecer entre os dois:

_ Até hoje não entendo por que você fez aquilo... _ ela falará e com certeza baixará a cabeça, olhando as unhas roídas até no toco e tomará outro gole do champanhe para poder continuar:

_ Apesar de ter me marcado com a sua juventude, com o jeito libertário, um doidão como te chamavam, pensei que o tempo fosse passar e eu ia te esquecer para sempre.

Engolirá uma saliva seca que lhe interromperá a voz forçando uma pequena pausa: _ Mas não foi fácil, sabe?... não foi fácil... senti muita falta tua, muita mesmo, um dia cheguei a te odiar, desejei a tua morte. Palavra.

Batendo as asas pela pequena sala um anjo passará e o silêncio constrangedor envolverá o espaço. Por um momento permanecerão sem dizer nada: ele, roendo a culpa íntima; ela, sentindo o mal-estar como se alguém a tivesse pegado num perverso flagrante.

_ Suponho que nesse tempo todo devem ter acontecido coisas com você.... ele perguntará – quebrando o silêncio.

_ Sim, aconteceram. Eu tive este destino que você tá vendo. Um pequeno apartamento, pequeno carro, pequenos desejos, vida até medíocre. Mas se você quer saber mesmo, ela, a vida, me encareitou. Me acomodei com pouco pra sobreviver e ser feliz.

_ E você?... que foi feito de você? da sua vida? do seu grande sonho?...– ela perguntará, mordendo a ponta de um dedo, várias vezes, morrendo de curiosidade.

Mas ele sentirá um ligeiro tremor, uma ausência de palavras, uma secura na garganta, talvez receio de lhe contar a pura verdade, e poderá até se engasgar antes mesmo de lhe responder que chegava como um derrotado que procura auxílio, um canto, um arranjo qualquer para se acomodar. Terá coragem de lhe dizer que chegava com cicatrizes

doídas?... a vida fora apenas um desgaste de sonhos?... andanças inúteis à procura de prazeres insatisfeitos, cantos esfumaçados, ventos diluídos pelo nada?...

Daqui a pouco ele chegará. Entrará talvez sem escutar nada nem dizer palavras. O mesmo livro de Marcuse debaixo do braço, a mesma ideologia, o mesmo estilo de vida, aquela impetuosidade de macho que despejava todo o gozo dentro dela enquanto ela sentia o calor das estrelas e suspirava e gemia e se abria e gritava ouvindo o barulho do mar trepando nas pedras - a voz de Bob Dylan saindo do gravador portátil. Aparecerá brincando como sempre brincava, cabelos-castanhos-esvoaçantes, com o som do violão, o cheiro da pitanga, o voo rasante das gaivotas no infinito azul. Com o bronzeado do sol da Bahia no corpo e o beijo de maresia na boca.



São João em Corumbá

Todavia, a festa mais tradicional da cidade é a de São João, que acontece todo ano no porto geral, bastante descaracterizada pelo aparato tecnológico da modernidade, mas ainda tentando preservar a tradição.

Há muitos anos o São João passou a figurar como a festa mais típica da cidade, cuja originalidade está no banho que se dá na imagem do Santo nas águas do rio Paraguai e nas crendices e superstições a ele ligadas.

Diz a lenda, que São João adormece no seu dia, pois se estivesse acordado, vendo o clarão das fogueiras acesas em sua honra, não resistiria ao desejo de descer do céu para acompanhar a oferenda e o mundo acabaria pelo fogo.

Se São João soubesse
Quando era seu dia

Descia do céu à terra
Com prazer e alegria.
- Minha mãe quando é meu dia?
- Meu filho, já passou!
- Minha mãe não me acordou?
- Acorda João!
- Acorda João!
João está dormindo,
Não acorda, não!

Mas se o santo tem o costume de dormir no seu dia, isso não acontece com o povo corumbaense, que guarda como uma de suas graças a festa de São João.

Antigamente a festa estava mais ligada à tradição. Pilhas de lenhas eram acesas em frente às residências e a noite se enchia de luz e labaredas amarelas que chicoteavam o ar frio, subindo para o céu.

Na Praça da Matriz, Dom Cirilo de Paula Freitas comandava a festança. Beatas faziam pés-de-moleque, chipas, doces... armavam barraquinhas, espichavam fios de arame com bandeirolas coloridas, fincavam o pau-de-sebo bem no centro da praça e, em cima dele, ao lado do retrato do santo, amarravam uma cédula de mil réis, que era para a gurizada apanhar.

Soltavam balões, foguetes, fogos de artifício, dançavam o cururu, o siriri, a quadrilha, faziam casamentos, jogos de prendas e adivinhações.

Depois das rezas, às 23 horas, as procissões começavam a descer a Ladeira Cunha e Cruz, para dar o banho no santo. Era aquela algazarra! Vários ranchos saindo das casas dos festeiros ao som de bandas, de sanfonas, de vilões, encontravam-se num dado momento e davam vivas: VIVA SÃO JOÃO! E gritavam, pulavam, dançavam; tal como hoje, todos os ranchos desciam a ladeira cantando o hino consagrado ao santo:

Deus te salve, João
Batista sagrado

O teu nascimento
Nos tem alegrado.

João batiza Cristo,
Cristo batiza João
E foram batizados
Nas águas do Jordão.

O refrão reforçava a animação dos ranchos, que seguiam as bandas com o povo cantando e pulando atrás do andor enfeitado.

As credences eram muitas. Até hoje existe a crença que o rio Paraguai começa a baixar na noite de São João, e que se uma moça passar sete vezes debaixo do andor do Santo ela se casará no próximo ano.

O São João corumbaense, além de se revestir de curiosidades e peculiaridades, foi adotado como casamenteiro, recebe mais pedidos que o próprio Santo Antonio.

Naquela época, antes da chegada de 1920, os saraus em casas de família ou nos clubes recreativos já estavam na moda. Tertúlias literárias aconteciam frequentemente movidas a bailes nas sociedades italiana e portuguesa.

O carnaval era a festa popular mais animada na cidade e dele falaremos mais adiante.

Cavalcadas e touradas preenchiam os momentos de diversão da população corumbaense.

Dizem que lá por volta de 1905, célebres ficaram as cavalcadas e as touradas que aconteciam na rua Frei Mariano, no antigo Cinema Odeon e no Theatro Bijou, na Delamare. Exímios toureiros se exibiam tentando domar ou dominar os touros, aramados de lanças e usando a tradicional capa, eram ovacionados pelo povo, na melhor forma espanhola.

Em meio às cavalcadas existiam uma série de gincanas, de pas-satempos, de brincadeiras, que sempre fizeram parte do espírito alegre do corumbaense.

Serviço Nacional da Bacia do Prata (SNBP)

Pela Lei nº 5252, de 16 de fevereiro de 1943, para manter a navegação fluvial dos rios Paraná e Paraguai, o governo federal criou o Serviço Nacional da Bacia do Prata, entidade autárquica, mais tarde transformada em sociedade anônima, com sede e foro em Corumbá.

Subordinado ao antigo Ministério de Viação e Obras Públicas e à Comissão de Marinha Mercante, o SNBP herdou o acervo flutuante e fixo do Lloyd Brasileiro.

Apesar de ter enfrentado muitas dificuldades financeiras e de ter tido a necessidade de receber do governo subvenções, para poder se manter e continuar atuando na hidrovia, a empresa estatal trouxe inúmeros benefícios para Corumbá e para a região pantaneira. Para Corumbá, quando transportava o minério de ferro e o manganês, e ainda cimento da Companhia de Cimento Portland Itaú. Para a pecuária pantaneira, quando utilizava os seus “boieiros” transportando gado em época de grandes enchentes, ou no desembarque ferroviário para os frigoríficos de Campo Grande e São Paulo, em conjugação com o terminal de Ladário. Cada “boieiro” transportava 300 reses em pé e possuía, a bordo, chuveiros para banhos de carrapaticidas ou de outra natureza.

O SNBP prestou também relevantes serviços à região agrícola de Cáceres, ao transportar cereais com fretes bem mais em conta que o cobrado por caminhões através das estradas de rodagem.

Durante o tempo em que atuou na hidrovia Paraguai-Paraná, aproximadamente 50 anos, adquiriu várias embarcações modernas, como a Guarapuava e a Guairacá, construídas na Holanda, além de rebocadores, empurradores, barças tipo C, chatas M1 e N2, como também chatas N, e chatas petroleiras.

Dentro do espírito de conquistar novos mercados, o SNBP conseguiu, em 1973, fruto de um acordo com o Interventor da Flota Del Estado Argentino, transportar 15500 toneladas de minério de ferro e

4300 toneladas de manganês. Ainda em 1973, segundo o Doutor Auro Corrêa da Costa, Diretor-presidente do SNBP/AS, durante a conferência realizada no dia 25/07/74, em Corumbá, a empresa transportou 6000 ton. de trigo e 14000 ton., de cimento, este último transportado pelas chatas Guatós e Parecis.

Prestou serviços à Comissão Mista Brasil-Bolívia, transportando trilhos e material ferroviário de Montevideu a Corumbá. Aliás, para atender a demanda de produção da fábrica de cimento de Corumbá (Cimento Itaú de Corumbá S/A) mandou construir, na década de 70, um comboio integrado, composto de 12 chatas de 600 ton. de capacidade de carga e de 640 HP. Em 1974, 23000 ton. de minério de ferro e 2000 ton. de manganês. Em 1975, 37300 ton. de minério de ferro e 1000 ton. de manganês.

Em 1992, através de um leilão ocorrido na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, o SNBP foi privatizado. Quem adquiriu o controle acionário da estatal foi a Companhia Interamericana de Navegação e Comércio (CINCO).



ENILDA MOUGENOT PIRES

Nasceu em Aquidauana (MS) em 1949. Professora universitária (UFMS). Autora de Fronteiras da Crítica, A Geometria do Espaço Temporal do Romance e Avalovara de Osman Lins. Atualmente é professora do Curso de Redação e Estilo. Ocupa a cadeira nº 05 da Academia.



Fazenda Taboco: Lembranças Históricas

Ao meu pai Oswaldo Pires (in memoriam)

A imagem paterna persiste no interior da casa materna. [...] Seu corpo como que se marca ainda na velha poltrona da sala e como que se pode ouvir ainda o brando ronco de sua sesta dominical. Ausente para sempre da casa materna, a figura paterna parece mergulhá-la docemente na eternidade, enquanto as mãos maternas se fazem mais lentas e as mãos filiais mais unidas em torno à grande mesa, onde já agora vibram também vozes infantis. - Vinícius de Moraes

Renato Alves Ribeiro (1918), médico veterinário, sabe o quanto a memória é ligada à história, até se confunde com ela e, ao mesmo tempo, cria-se a partir dela. Para outros, a antecede. Suas relações entre memória e história mostram o conjunto de atos individuais e coletivos que lhes dão materialidade política. Entretanto, tais abordagens dependem de um refinamento teórico e metodológico que esses dois conceitos podem assumir. O desafio que essa tarefa representa liga o conjunto de textos presentes na obra autobiográfica intitulada TABOCO – 150 anos: balaio de recordações (Prol editora, 1984).

Nessa obra – dedicada in memoriam à esposa Mocinha, ao Coronel Joselito, seu pai, a Maria Constança Corrêa Ribeiro, sua mãe –, Alves Ribeiro articula todo universo de lembranças, que se juntam à história, peça fundamental que alicerça toda a linha argumentativa dos 27 temas

do livro, entre os quais destacam-se: Pantanal histórico, Povoamento do Pantanal e Fazenda Taboco: fundação e histórico. O prefácio de Demosthenes Martins lembra sua importância: “Ele nos dá história, fala do amor a terra, dá largas às suas evocações de infância. Há nele esperança, vigor descritivo, orgulho legítimo de tradições familiares, saudades do passado.”

O discurso memorialista percorre todo o livro. Aliás, a partir do título o autor já declara essa intenção. O tom dessa escrita leva o leitor a perceber, por detrás de antigos fatos memorizados, o peso da experiência vivida que lhe serviu de alicerce. Tudo se transcorre num eterno presente cujo epicentro não é a contemporaneidade, mas o próprio passado - substância mesma de sua vida. Assim o escritor procura deixar apreendido o instante, o momento que passou. Vê-se que este passado não surge como lembrança, ou à guisa de saudade, e sim como acontecimentos que permanecem. Os temas, por sua vez, não trazem a nostalgia do passado e sim procuram registrar a presença dos seres e fatos evocados como em Coronel Jejé: “Conheci meu avô já velho, entrevado, sentado numa rede no canto da sala do Taboco, onde passava o dia. Ao seu lado tinha uma mesinha baixa, uma espécie de criado mudo, onde colocava os seus cigarros de palha, o fósforo, algumas correspondências do dia e duas cuias, uma com milho para as galinhas e outra com quirera para os pintinhos.”

Há, desde a primeira página, um sentimento de tempo de onde surgem antigas imagens, como a de “Arsênio Vera, o correntino – casado com Zeferina, que foi pupila de minha avó – que se tornou fazendeiro em Rio Verde”. O significado de recordação adotado pelo autor é aquele referente ao sentido histórico que esta palavra assume, ou seja, tem a ver com memórias, com lembranças de inumeráveis traços fragmentados, fixos e de muita vida. Como outro velho amigo que criou muito gado na propriedade e de lá saiu fazendeiro: o velho Otacílio Perdomo: “Homem analfabeto, mas de um caráter sem igual. O que tratava na palavra tinha mais validade que um contrato passado em cartório”.

Renato Alves Ribeiro não esconde seu papel de retransmissor de narrativas ouvidas de outros contadores de histórias. É uma reconstru-

ção, ou uma reconstrução imaginativa, construída a partir da relação de detalhes importantes, assim considerados pelo amigo Chico, como chamava na intimidade Francisco Maia da Cunha. Foi este amigo quem lhe disse em falas camaradas: “O senhor tem que escrever estas coisas, não pode sepultá-las no esquecimento, elas fazem parte da história da fundação e desenvolvimento dessa região, elas representam a radiografia da região numa determinada época.” Assim ele se torna também um guardião de histórias e do meio delas, surgem outros contadores, que o próprio autor ouviu, recolheu e as transmitiu.

Assim nasceu este Balaio de recordações. A memória dessas experiências passadas está presente em cada palavra das 233 páginas ilustradas com fotos históricas, como a sede da fazenda Taboco.

Imagem exterior da sede da fazenda Taboco, com detalhes da arquitetura

Nesta casa de experiências passadas está presente a data de sua fundação, conforme carta datada de 1837: “ Não posso precisar bem a data da fundação do Taboco, mas calculo que tenha sido entre 1820 e 1830.”

O sujeito que lembra nas memórias escritas é um controlador da autoria, da estruturação dos fatos, mas é muito mais um historiador em torno do desdobramento do sujeito que viveu, agora, seu personagem. O autor-escritor-narrador passa a ser muito mais o sujeito do verbo das lembranças: “nesse tempo fiquei sozinho”, “trocávamos todos os anos”, “finalmente concluí”, certa vez fui encontrar uma comitiva”. Ou passa a ser objeto direto ou indireto de pessoas, coisas e fatos lembrados. Ilustro estas afirmações: “Fazia gosto ver meu compadre sair do pátio do Taboco nas madrugadas quentes do Pantanal, montado em seu cavalo barroso chamado ‘Maroto’, fumando o seu fumo goiano.”

Quando de sua leitura, sentimos um pouco de solenidade, porque as palavras selecionadas transmitem respeito pelo outro, conforme explica o narrador: “Aqui não está um filho do Zelito, está um repórter que quer saber alguma coisa sobre ele, algum fato da época, verdadeiramente real”. Essa subjetividade, desdobrada através de outros sujeitos nas histórias lembradas, é a garantia da coerência interna do texto.

O fato de ser a primeira pessoa a estruturar a narrativa, através de fatos rememorativos, garante o presente narrativo, estruturador e selecionador de lembranças, no que se pode chamar de tutela histórica. Por outro lado, essas memórias, enquanto gênero literário, trazem um viés de romance. Dessas fotografias antigas, quase desaparecidas pela ação do tempo, citam-se: Etelvina e Jeje (quando o namoro começou, ela externou a ele o receio de se casar com ele por ser muito genioso e voluntarioso, e ele lhe disse que para ela seria sempre um cordeiro. Quando se zangava e ficava bravo ela resmungava: “Olha o cordeiro tomando ares de leão. Isso muitas vezes o desconcertava, lembra Renato), o amor correntino de Arsênio por Zeferina, de João Jatobá enamorado pela mestiça Laura, de Sven e Rosa Martinez, de Tata e a distinta Cida, de Armindo e Vanice, do Major Ribeiro e dona Maria, de Francisca e Joaquim, da paixão de solteiro do coronel Zelito por certa paraguinha de nome Rosinha. Mais tarde, casou-se com a mãe do autor, Maria Constança, moça de dezesseis anos. E de Mocinha! Quanta saudade da companheira de lutas.

E há, neste livro de memória de uma comunidade, trechos para se guardar, por darem a dimensão histórica do seu tempo: “No ano passado [1983] estive na fazenda Iguassu, do meu mano, uma comissão de deputados. Contou-me o deputado Nélcio Lobato, fazendeiro da Ilha de Marajó e Ilha Mexicana, que lá não se encontra mais um jacaré, uma caça maior.[...] Aqui no nosso Pantanal nem se fala em comer jacaré, isto para o nosso pantaneiro é uma verdadeira heresia.”

E este outro: “Como pantaneiro de nascimento e criação, amo o Pantanal. Admiro as suas belezas e acredito que os ecologistas e conservacionistas, estudando a proteção que se faz nos países mais adiantados, encontrarão o caminho certo para a conservação da vida selvagem no Pantanal [...].”

TABOCO – 150 anos: balaio de recordações é uma celebração do passado. Memória estatizante e espécie de retorno de belezas findas que permanecem na memória de sua gente.

Poesia Grega – Versos com Estilo

“Palavras diluídas na fumaça do tempo/Como se lívida tarde bordada num lençol.” Extraídos do poema intitulado Poesia grega (Editora UCDB), de Fernando d’Andréa, esses versos estranhos – evocando uma história que se pressente tumultuada, íntima e terrível – contêm por si mesmos a originalidade e a aventura de um poeta que encontra, nos caminhos luminosos, a poesia de dimensões noturnas.

Ambientado em regiões etéreas, o poema é composto de quarenta estrofes e quatrocentos e seis versos. Trata-se de um canto ao “silêncio refletido na paisagem” e no som de Louis Armstrong – “Sinais gravados na rocha, nossa memória estelar.”

Esse tecido cósmico – assim denominado pela escritora Raquel Naveira – sugere o “silêncio de bronze/A solidão dos silêncios geométricos/ O silêncio dos ventos repousando em cada palavra.”

Lá onde floridas flechas nascem sob o sol, e no encanto das águas bordadas de sete estrelas, ele se deixa levar docemente pelas delícias refletidas nos cabelos da amada.

Em versos de musicalidade lírica e singular, D’Andréa confessa arrebatamentos e quedas da alma, transpondo seus sentimentos em impressões e sensações através de paisagens nostálgicas e requintadas. Aos poetas como ele, resta o efêmero, os mitos indecifráveis, as metáforas etéreas, porque lhes interessa compor “um mosaico calêndrico/De sol e lua e estrelas abstratas./Um mosaico de estilhaços/Fragmentos da memória nos quebra-cabeças do tempo.” Ele mesmo confessa:

Viajo no tempo
Artífice do meu pensamento.
Viajo no tempo
No cavalo alado de Belerofonte.
É esplendente a paisagem vista do bonde trasncendental.

E para que serve a poesia? Para trazer de volta a fada verde - amor desvanecido, que levita “sobre uma floresta aromada/pêndulo oscilando na órbita infinda”. Versos místicos marcam essa contemplação solitária:

Perfume de esfinge
A tua voz no campo dos ciprestes.
Névoa e nuvem
Oliva e nudez
A tua voz de vento no campo dos ciprestes.

Surge a amada postulada em seus versos: “Basta ouvir o murmúrio dos álamos/E sei que tu vens.” Desinteressado pela realidade objetiva, sua poesia simbolista afasta-se das referências concretas, instaurando uma atmosfera vaga, misteriosa e indefinida. O poeta então alcança o absoluto estético:

Iluminam-se as águas e a relva.
Sussurram as pedras pastorelas minerais.
Sei que tu vens trazendo o azul da manhã radiosa;
Já sinto o teu perfume nas folhas e na luz.

E como se vê, o poema é rico em conotações. Portanto deve ser lido observando-se as sugestões, a musicalidade e o estado emotivo do poeta. A realidade descrita é expressa de maneira vaga, nebulosa, imprecisa. Trata-se da autobiografia de um amor que navega em segredo na alma: “Ainda não sabes que sou o teu amor.” Ou seria a poesia que de algum lugar profundo ao poeta clamava?



Adib Massad – Retrospectiva que faz História

Ao coronel Adib Massad

*“Tua imagem, quantos textos contém? Daria para
compor um hino, um poema, uma canção? Certamente
que daria, eu até arriscaria, uma outra opinião.
Contemplando tua imagem, eu faria uma viagem,
nas asas da recordação. Tua imagem: doces recor-
dações”*

San Burundi

A leitura da obra de Guimarães Rocha intitulada Coronel Adib: a história (Editora Life) nos permite ter contato com uma biografia notadamente datada do coronel Adib Massad. Esta publicação ganhou também o acréscimo do prefácio do Presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, Reginaldo Alves de Araújo, e da apresentação do jornalista Gutemberg Honorato de Moura. Emociona ler a quem o autor dedicou o livro: “Aos policiais que morreram no estrito cumprimento do dever.”

A obra é a consolidação do chamado movimento de História Nova – corrente que aponta novos métodos e novas linguagens na escrita da história. Entre essas inovações, está a abertura para o estudo do cotidiano dos “homens comuns”.

A historiografia sul-mato-grossense ganha uma obra que trabalha com uma multiplicidade de documentos, usando a linguagem narrativa, “sem a preocupação de dar mais ênfase a um ou a outro assunto, nem de forçar a memória do entrevistado”, explica o autor.

Com 268 páginas ilustradas, o livro aborda documentos extraídos dos arquivos históricos das polícias civil e militar, dos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e detalhes sobre a vida e obra de uma das maiores personalidades do ativo policial da região Centro-Oeste.

Criteriosamente ilustrado com fotos, desenhos e artes, o livro é um convite irresistível para quem deseja encontrar o verdadeiro po-

licial em suas raízes mais profundas. Este é o trabalho de Guimarães Rocha, que além de poeta, tornou-se antropólogo e historiador, cuja especialidade foi desenvolvida e adquirida na prática, na provocação de sua curiosidade.

O poeta Guimarães também acudiu em homenagem ao coronel Adib ao se pronunciar ao seu respeito em versos, transmitindo ao leitor toda dedicação com que os compusera. Do ponto de vista formal é uma inovação. Em algumas unidades, em que o livro está dividido, há uma introdução poética com poemas curtos, em versos de medida irregular, sem predominância de rima. O poema de abertura, Potencial da infância (p.29), já deixa clara a ideia de sustentar o que será todo o livro: “o que reside no broto singelo” que a infância tem: “a bela história de um gigante”: Adib Massad.

Parece-nos ilustrativo reproduzir o que era a Lei do Silêncio naqueles lugares fronteiriços nas décadas de 70, 80 e 90, quando o coronel Adib esteve no comando da Quarta companhia PM (1975-1976): “Era muito difícil ouvir uma pessoa dizer ‘Eu vi’, ‘foi fulano’, pois que no outro dia estaria morta”. Prova disso é o registro narrado por um cidadão da fronteira Brasil/Paraguai, a quem se deu o nome fictício de Cruz Guarani:

Morávamos numa velha casa de fazenda, meu pai se levantava muito cedo. Com pouca conversa, manuseava seu chapéu, encilhava o cavalo e dizia: ‘ – Levanta, menino! Ao trabalho.’

Um dia fui testemunha de silêncio. Saíamos pela manhã, deveríamos separar bezerros maiores e abriga-los. No trecho de mil metros que separava nossa moradia do local onde permaneciam os animais, pela metade do caminho passamos por dois homens estirados imóveis no chão, e outros dois pouco adiante. Papai não se detinha, mas eu queria voltar para ver se reconhecia alguém.

Diante de minha insistência, ouvi o seguinte do velho: ‘ - Vamos embora! Desde criança eu nunca ouvi um tiro e nunca vi morte nesta terra. Nesta fronteira silenciosa e fria, as noites cortantes deixam os campos todos iguais; e por não saber nem ouvir nada, também nada perguntei. Por isso, filho, eu estou aqui com meus cabelos brancos e

sem me importar com a luta entre esses homens a quem não conheço, de quem não sei onde moram...' (p.84)

Ao perguntarem ao coronel Adib se haveria solução para a bandidagem e a delinquência juvenil em Campo Grande, ele respondeu: "Tem. Voltar ao tempo do chicote! [...] Sem isso, não arriscaria, porque a nossa lei de direitos humanos impede medidas assim." (p.143)

Heródoto imaginou os historiadores como guardiãs da memória, a memória de feitos gloriosos, como os do policial Adib. Desejamos que todos valorizem esse resgate e reconheçam a responsabilidade pessoal de transmiti-lo às gerações futuras.



A Estreia de Izaías Gomes

É oportuna a publicação deste pequeno livro, de pouco mais de dezoito páginas, de autoria do guia pantaneiro Izaías Gomes, que também assina a foto da capa, no projeto gráfico bem cuidado, a simetria colorida dos desenhos kadiwéos. O texto é agradável, simples e claro. É importante. É importante valorizar o estreante, o que publica sem a cobertura de nenhum selo editorial.

Izaías Gomes que diz ter andado em várias cidades de Mato Grosso do Sul, atravessado "rios imensos, pantanais e corixos", pôde dizer o que sabia sobre tudo e todos, propondo novos paradigmas do folclore sul-mato-grossense e correndo o risco de errar – consciente de que sem esse risco não haveria o pleno exercício de criar. Inabalável em sua vocação de conhecer "as grutas, as cachoeiras, as montanhas com águas transparentes e ainda o cerrado e o cerradão", esse pantaneiro de chapéu largo fixou, na qualidade de "poeta desconhecido", a sua versão literária. Refugiado entre os planaltos das serras de Bodoquena e Maracaju sinto no sangue a coragem dos homens rudes de sua terra confessa: [...] a vida que as minhas mãos possuem têm raízes na casa do menino selvagem, que deixa crescer o cabelo e até bebe das águas dos rios". E

prossegue sua missão em prol da cultura sul-mato-grossense: “Trago comigo vários dizeres da grande nação Guaicurú (índios guerreiros), Kadiwéus, Terenas, Quiniquiwauas, Guaraní-Caiuás, que ensinaram seus costumes aqui em nossa região, no então conhecido Pantanal-Sul”. Ou seja: cumpre o papel de um homem simples e marcado pelo senso de historiador. Isso explica o traçado das linhas mestras sobre a importância do rio Paraguai e dos índios, na Guerra do Paraguai:

O Rio Paraguai tem importante contribuição para o desenvolvimento, não só do MS, como também do MT. O Rio Paraguai é todo navegável e trouxe muitas influências correntinas em nossa cultura, como sotaques, ditos, músicas e gastronomia.

Até mesmo antes, quando só havia índios aqui na região, pois os espanhóis tentaram entrar na América do Sul pelo Rio Paraguai. Quando eles chegaram aqui em nossa região, perdiam os conflitos para os índios (porque) estes possuíam suas tropas e até armamentos, que mais tarde ficaram conhecidos como índios guerreiros [...] aliás, talvez se não fossem os índios, teríamos perdido a Guerra para o Paraguai.



FRANCISCO PALHANO

Nasceu em Campina Grande/PB em 1924 e reside em Campo Grande/MS desde 1940. É escritor contista e romancista e articulista do Jornal Correio do Estado. Autor da obra "Do Cariri ao Pantanal. Ocupa a cadeira n° 24 da Academia.



Épocas e Costumes

Quem, como eu, nasceu antes dos anos trinta, teve a ventura de conhecer muitos usos e costumes hoje até abominados. Necessário se faz conhecer todo o contexto, não para explicar, mas pelo menos para entender certas coisas. Começando pelo começo: nasci em Campina Grande, Paraíba, epicentro do chamado polígono das secas. Não cabe aqui me estender mais sobre o fenômeno das secas, até porque, por mais que se procure explicar, quem nasceu e viveu aqui no Sul Maravilha jamais entenderá a profundidade desse desastre. Eu posso até tentar, mas só mesmo Graciliano Ramos se capacita a fazê-lo e ainda algumas pessoas põem em dúvida o que descrevem, tão profunda é a miséria a que fica reduzida uma multidão de esfarrapados e famintos retirantes. E aí só o gênio de Gilberto Freyre para dar uma ideia do caldo cultural que se instala naquelas regiões, onde, por força da miséria, se aceita tudo ou quase tudo pela sobrevivência. Nessas ocasiões, era muito comum as meninas e moças serem oferecidas nas casas para trabalhar apenas pela comida e algum vestido velho das famílias que as abrigavam. “—Tome, patroa, acabe de criar minha filha antes que morra de fome!” Coisas assim, ouvi.

O verbo virou substantivo e quem abrigava aquelas mocinhas as chamava de criadas, de resto, nominadas pelos próprios pais. As famílias maiores tinham duas, três criadas, e, quem podia menos, tinha apenas uma.

“Quem é aquela? É a criada de fulano.”

Maria do Carmo, nascida no lugar chamado Puxinanã, se instalou na casa vizinha a nossa, e dona Mercedes, sua patroa, a fez até frequentar escola. Era uma pessoa muito educada, considerando a procedência, e do pouco fazia muito, suas roupas eram carinhosamente arrumadas pela patroa e como ela tinha um corpo bonito, tudo nela ressaltava, fazendo-a como uma dessas criaturas que o gênio de Jorge Amado tanto decantou. O marido de dona Mercedes, seu Severino, notava a transformação que se operava em Carminha, como era conhecida e, vez por outra, advertia a mulher para o perigo que os dotes dela pudessem provocar.

“– Não falta gavião safado por aí!”. Só que Carminha era pobre, ignorante, mas não era burra, também ela sabia “dessas coisas” e, aconselhada pela professora que gostava muito dela, tomava lá seus cuidados.

O problema é que, aí pelos seus quinze anos, ela ia se tornando algo mais que apenas uma cabocla bonitinha, era bonitinha sim, bonitinha e muito bem feita de corpo, atraente e de um sorriso que beirava a fagueirice; não que ela o fizesse com estudado capricho, que disso nada entendia. Era fagueira naturalmente, desejável com certeza, e é aí que morava o perigo, porque nos dias de hoje, quando a gente vê, ouve e lê como as moças frequentam até cursos para se tornarem atraentes, em busca de empregos como modelos, por exemplo, dá para entender a estudada coquette como falam e, sobretudo, andam, com trejeitos estudados, maliciosamente ensinados, com fins nem sempre dos chamados bons costumes.

Mas Carminha, meu Deus, que sabia ela dessas coisas que sequer existiam em 1937? Nada, absolutamente nada. Toda aquela beleza de chamar atenção era inata, nascera com ela e com ela morreria, e como ninguém, nem coisa nenhuma jamais interferira, tudo nela era natural, talvez por isso mesmo tão bonito, mostrando que quando as coisas ou as pessoas são moldadas sem que o homem interfira, a perfeição se acentua de forma inatingível pelo homem.

Mas era inevitável, um dia apareceria alguém na vida daquela flor de lótus, que saída da lama encantava tantos quantos dela se aproximassem. Antonio, filho do melhor médico da cidade, era um rapaz

pacato, muito estudioso, queria ser médico como o pai, mas era muito inibido, não era, como seu irmão Humberto, dado a festinhas e menos ainda a namoros. Encontrou Carminha saindo do colégio, quando foi encontrar sua irmã e ficou fulminado com a beleza daquela moça.

– Quem é ela, Ligia? – perguntava à irmã.

– Oxente Toninho, é a criada de dona Mercedes – respondeu já enfatizando uma pouco escondida censura.

E lá o amor liga pra censura de quem quer que seja! Pois o Antonio, ou Toinho como quer sua irmã, ficou tão impressionado com a moça, que passou a ir à escola no mesmo horário do outro dia, apenas para rever aquela deusa. Pois é, Carminha estava galgando os degraus, já era a deusa de alguém...

Era evidente que quando dona Adalgisa soube, pela filha, da loucura do filho, teve um violento piti.

– Toinho, que danada de historia é essa que sua irmã tá contando? Você bem conhece seu pai e deve saber muito bem que se mexer com ela ele fará com que case, num sabe? – Sem querer, a mãe estava dando a dica para o filho, que passou a viver as vinte e quatro horas do dia a pensar na “empregadinha”.

– Carminha – começou ele um dia – eu quero muito conversar com você... Ela nem deixou ele terminar.

– Olhe aqui, seu Antonio, sou pobre mas não sou besta. Eu sei o que o senhor quer, mas pode ir tirando o cavalo da chuva, que comigo, só casando, viu?”

Para encurtar a história, que meu espaço é pequeno, quando ela viu que aquele rapaz não estava brincando, começou a ouvi-lo.

– Olhe, Carminha, namorar nós não pudemos, minha gente não ia mesmo aceitar, mas meu pai é muito religioso e, se ele souber que eu “mexi” com você, me obriga a casar. Assim, eu vou dizer que aconteceu e você confirma, porque a gente casa em seguida, tá?”

Não teve festa, que ninguém ia desrespeitar o “luto” de dona Adalgisa, a festa ficou restrita aos dois mesmo. Como ele estudasse em Recife, se mudaram para lá e foram felizes até o fim de seus dias.

Lei do 44

Nos idos dos anos trinta o nosso querido, mas muito atrasado Estado de Mato Grosso, era quase uma terra sem lei, e digo quase, como uma concessão porque a lei se tinha, ou era fraca ou incapaz de dar conta de tanto território. Aliás, uma das causas que nos levava, digo nós aqui do Sul, a aspirar à separação do velho Estado, que, enfim, felizmente se consumou. Não havia autoridade fora das principais cidades, principalmente autoridade policial, o que levava os nossos maiores, sobretudo aqueles que mourejavam nos campos, e se constituíam a grande maioria, a procurarem se proteger de possíveis ataques, principalmente de marginais. Os fazendeiros tinham seus bens e suas famílias e como não tinham mesmo a quem recorrer, procuravam, numa muito natural reação, se preparar para os possíveis problemas: se armavam e a arma mais procurada era um rifle de repetição, cuja culatra tinha, em sua base, a cor amarela, razão pela qual era conhecido como “papo amarelo”, e o calibre era o temível e respeitado 44. Então se dizia que vivia-se a era do 44, numa alusão à arma. Então era um faroeste danado? Talvez fosse, mas você pode culpar um cidadão trabalhador a defender sua propriedade e sua família?

Pois bem, ainda se vivia um clima pesado, nos anos quarenta, apesar de já existir um começo de lei, um começo, pequeno começo. Eu, aí com meus 19 anos, iniciei um trabalho de compra de diamante pelos garimpos em torno de Rochedo, que naquele tempo tinha cerca de seis mil garimpeiros, a grande maioria vindos da Bahia, e, também, a grande maioria com contas a ajustar por lá, quer dizer, vinham corridos da justiça. Dá para entender o clima que por lá se vivia. E quer saber de uma coisa? Era raro, muito raro, ouvir falar em roubo porque quem ousasse pagava caro, muito caro. Pois bem, em lá chegando, em minha primeira viagem, acomodado na pensão coberta com capim sapé e cuja mesinha de cabeceira era um velho caixão, daqueles que traziam querosene e gasolina (quer mais conforto do que isso?...), eis que perguntei ao companheiro, que meu pai encarregara de me transmitir os

rudimentos da profissão, onde poderia guardar o dinheiro que trazia, e que não era pouco; e ele, candidamente, me disse – “Pode colocar aí em cima da mesinha”. Assustado, ele me falou que ninguém mexeria. Aprendi então que vivíamos mesmo sob a lei do 44...

Certa vez, depois de umas quantas viagens, chegamos ao lugar chamado Fala Verdade, absolutamente deserto. Curioso, perguntei a dona da pensão o que houvera.

“– Sabe, Chiquinho, é que ontem a noite um sujeito atrevido andou desatacando o seu Auto (Auto do Matos, meu amigo) e o pessoal foi atrás dele, fazer um corretivo”. Logo mais a noitinha os homens começaram a chegar e me contaram que o sujeito levou mais de trinta balaços. Fiquei horrorizado, mas entendi porque havia respeito. Não se infira, com isso, que defendo o erro para concertar outro erro, estou apenas contando a história como a história foi. E como o homem sempre tem uma ressalva a fazer, mas nunca uma solução, fica no ar a indagação “o que você queria que se fizesse?”

Agora a conclusão final deste meu “causo”. Não estarão os bandidos do Rio instalando a lei do 44 na nossa maravilhosa cidade? Estão, sem a menor dúvida, e estão vencendo a batalha a se dar crédito ao que a gente vê e ouve sobre o assunto. E, antes que alguém me jogue uma pedra, argumento: não critiquem apenas, ofereçam uma solução.



Recordando Campo Grande

Como toda cidade de interior que se preze, Campo Grande tinha um lugar onde as pessoas se encontravam enquanto bebiam ou comiam alguma coisa. Aqui, esse lugar ficava bem no centro da nossa cidade, na Rua 14, e chamava-se Bar Bom Jardim que ocupava enorme área e tinha suas mesas dispostas num grande salão, onde clientes eram servidos. Na verdade eles iam mais pelo bom papo do que por qualquer outra

coisa, se bem que lá se tomava o melhor sorvete da cidade e o serviço era mesmo de primeira.

Mas, de primeira mesmo era o seu proprietário, o senhor Eugênio Perón, pois uma marca inesquecível de educação revestia sua personalidade. Seu Eugênio era estimado por todos quantos por lá andassem, fossem ou não seus clientes. O movimento era grande, até mesmo porque não existia lugar melhor, e a população fazia dali a preferência, talvez porque não existia lugar melhor, e a população fazia dali a preferência, talvez porque seu proprietário dava essa credibilidade ao local, que exalava respeito e fazia com que esse respeito fosse levado ao ambiente. Falemos de seu Eugênio.

À educação, ele juntava uma elegância pouco comum em ambiente como aquele, em que se trajava com apuro, nunca dispensando o uso de uma gravata borboleta que lhe emprestava uma dignidade da qual nunca se apartou. Ele estava no segundo casamento, tendo do primeiro três filhas, Abgail, Eunice e Jurema. Viúvo, logo procurou nova esposa, uma vez que não era mesmo de seu temperamento a vida de solteiro. Assim foi que se casou com Eulália Ramos, com quem teve mais três filhos, Mário Eugênio, (que qualquer homem teria orgulho em tê-lo como filho), Eugênio Filho e Maria Silvia, todos ainda muito novos quando uma tragédia desabou sobre aquela família tão nova como querida. E para quem não o conheceu, conto que morreu por ser honesto. Ele comprou uma quantidade de caixas de bebidas, e o vendedor foi protelando a entrega da nota fiscal. Como não fosse de seu temperamento adquirir nada que estivesse fora da lei, instou perante o vendedor que, ou lhe desse a nota ou levasse de volta o estoque. Isto lhe custou a vida, pois o vendedor, um tal Ribeiro que era também delegado, não tendo como comprovar a procedência e para se livrar de um possível processo, mandou matar aquele exigente comprador.

Como éramos vizinhos dele, na Rua Rio Branco, ouvimos os gritos lancinantes dele, ao ser miseravelmente esfaqueado, momento em que corremos, eu e meus dois irmãos, para encontrá-lo inerte. Meu irmão Etiene, que acabara de se formar em medicina, teve que dar a notícia

à dona Eulália. Foi uma cena de horror inesquecível. Mas inesquecível mesmo foi a herança que ele deixou, não só aos filhos como a todos quantos com ele conviveram. Herança de honra, respeito e dignidade que foram o apanágio de sua vida. Basta ver em que se tornaram os filhos: Mário tornou-se um dos mais respeitados advogados do Estado, e, além disso, dono de um caráter ímpar. Eugênio Filho trabalha com corretagem, tendo o mais bem organizado e respeitado arquivo de imóveis. Por fim, aquela que tinha apenas três anos, Maria Sílvia, veio a se casar com o doutor Celso Chaves Sá e Silva, engenheiro de respeitável currículo.

Dizem, lá no nordeste, que quando Deus fecha uma janela, abre uma porta. Pois bem, eu que testemunhei tudo, tive o privilégio de ver em que se tornou a família de seu Eugênio, que deve estar rindo de felicidade ao ver os frutos de sua vida.



GERALDO RAMON PEREIRA

Nasceu em Maracaju (MS), em 1939. Professor universitário (área biomédica). Dedicase também à música regional. Autor de Poemas Íntimos, Estrelas de Sangue, Carço de Manga, Álbum de Sonetos, entre outras obras. Ocupa a cadeira nº 39 da Academia.



Cenas e Contracenas no Palco da Vida (Cenário: pantanal sul-mato-grossense)

Quando a criança coroou no túnel materno – a um grito mais esganiçado da parturiente – a índia-parteira se iluminou atrás de uma densa baforada do seu cachimbo de taquara e conclamou:

– Solo um poquito más, kuñã!¹ – falou enquanto mordida o canudo num dos cantos da boca banguela e comprimia o alto ventre da mulher, que resfolegava suarenta.

Fazia alguns anos, a parteira chegara ali na fazenda Boqueirão em companhia do seu amásio, o carái² Rufino, que se aventurava por aquelas bandas e morrera de uma rodada de cavalo, quando laçava boi bagual. Procedentes do vizinho país do Paraguai, a enviuvada foi contudo por lá ficando, pois, além de tornar-se a mão direita da patroa, ainda trouxera dos ancestrais guaranis úteis segredos sobre o uso de plantas medicinais, e sabia aparar crianças.

1 Termos linguísticos dos índios Tupis-Guaranis, usuais na fronteira Mato Grosso do Sul/Paraguai: Kuñã = mulher

2 Carái = senhor, patrão

Mais um gemido e o neném eclodiu já chorando, robusto como as crias que nascem pelos campos, pelos charcos e pelos ninhais do “Mar de Xaraés” – como também é designado o nosso Pantanal. O sangue de D. Maria Rosa respingou em suas coxas ainda entreabertas, lágrimas de alegria e amor inundaram-lhe os olhos de humana fêmea satisfeita pela missão cumprida, e sua aguda curiosidade indagou, ansiosa, da assistente:

– É machinho ou “menina-mulher”, sinhá Valência?!...

E a sorridente parteira, erguendo o rebento, ainda preso ao cordão umbilical, com o púbis voltado para os olhos da mãe, falou com voz mística e providente:

– Mira que linda mitã-kuñã!³ – É uma graciosa muchachita... E vai ser fuerte, bonita e valente como una onça pintada! Isto é o que estão a dizer las pintitas de sangre que mancham sus pernas e o lençol.

A parteira, após cortar a conexão do umbigo e amarrar bem o toco, passou cuidadosamente a recém-nascida para os braços da mãe, que a acalentou entre os seios túrgidos e enormes, aplacando-lhe o choro renitente, enquanto ruminava as derradeiras palavras de Valência: “... bonita e valente como uma onça pintada!”.

Depois, pensando em voz alta, comentou para si mesma: “Minha Silvana, bonita e valente como uma onça pintada...”

Foi então que D. Maria Rosa ouviu e reconheceu os rústicos passos das botas de Roldão, seu marido, que permaneceu arredio, pitando e tomando uns tragos para acalmar os nervos, enquanto aguardava pelo corredor. Tão logo ouvira o choro da criança, já havia ele corrido lá fora e descarregado seu 38 – uma salva para Nossa Senhora do Bom Parto – mas, certamente, também um trauma sonoro para quem, além do arrocho do nascedouro, acabava de adentrar um mundo fantásticamente desconhecido. Roldão, ao negacear fortuitamente pelo vão da porta, foi convidado pela parteira a entrar e conhecer sua filha, que nesse momento berrava ao primeiro banho.

3 mitã-kuñã = menina

Com ar incrédulo e curioso, o fazendeiro nem se ateu à mulher, que o fitava sonolenta e grata, para aproximar-se da criança – levemente azulada pelos protestos convulsivos –, cujo pai machista só acreditou que era realmente uma menina quando lhe observou atentamente a genitália.

– É a sua cara, meu véio! Chegou a Silvana, para completar nossa casa.

– Diacho!... Além de temporona, é “menina-mulher”! E eu que sempre achei que só fazia homem macho... Estou fraquejando... Um fracassado! Contava com mais um peão para me ajudar no campo e aí está... uma fêmea, só para me dar trabalho e dor de cabeça!

Resmungando frustrado, inconformado, deu meia volta, reacendeu o pito de palha, tomou mais um trago, encilhou um cavalo e saiu errante pelos pirizais, desenxabido, desnorteado.

– “Uma menina-mulher!”... – repetia, ensandecido. E aconteceu o inconcebível: nunca mais ninguém teve notícia dele. Desertou!

Trinta anos mais tarde, falido, sem lar, um andarilho velho e doente, – mas ora acomodado em confortável apartamento de uma clínica particular de Corumbá, – Roldão entreabriu um nicotínico sorriso de gratidão para a airosa médica desconhecida, que o atendera na antevéspera e ora acabava de entrar, dirigindo-se a ele, com doçura:

– Tudo bem com o senhor?...

– Não fosse a doutora, por certo eu estava ainda jogado naquele corredor, ou já tinha morrido... Foi Deus quem mandou a senhora aqui, Dr^a... –... Silvana, completou a médica, que lhe examinava os olhos, erguendo as pálpebras envelhecidas.

– Então, a dor de cabeça e o mal-estar já passaram? – disse, a tomar-lhe o pulso.

– Agora estou bem, doutora!... Graças a Deus e à senhora!

– Não fiz mais que meu dever de médica e de ser humano, seu Roldão. Mas, foi Deus que também o encaminhou para cá... Pela sua ficha, pelo feitio dos seus olhos – que todo dia vejo no espelho – descobri que o senhor é aquele inconformado homem que um dia afastou-se de

casa, porque, por um desvio psicológico, não aceitava ter uma “filha mulher”... Veja o destino: essa filha sou eu, o senhor é meu pai... Sempre quis conhecê-lo e jamais desisti de procurá-lo... Pois, mesmo só o vendo em fotografia, aprendei a amá-lo, desde criança... (Sua delicada mão já o acarinhava na fronte pálida). Amanhã, certamente poderei lhe dar alta. Mas agora o senhor vai morar é comigo, com sua nova família, ouviu bem, seu machista?!... – falou-lhe brincalhona, com a voz embargada em lágrimas, abrindo a ele o mais acolhedor dos abraços.

Roldão, atônito, soergueu os membros descarnados, num gesto alucinado de trazê-la a si e, já em pranto, balbuciava expressões desconexas de angustiante arrependimento. Por fim, falou como numa oração:

– Obrigado, meu Deus, por ter-me devolvido a “filha-mulher” que abandonei, ao nascer, e que agora me faz renascer para a vida, quase a morrer... Obrigado, Pai do Céu!...

Abraçados, entre risos e prantos, pai e filha pareciam querer recuperar, em 30 segundos, uma convivência perdida de 30 anos...

Cenas e contracenias no palco desta vida!



Sonetos Natalinos

I - Milagres da Criação

... E criou Deus os campos do infinito
Pra que estrelas pastassem cintilantes...
Criar mares selvagens foi bonito
Pra que luas banhassem ondulantes!

Em cada criatura pôs um mito,
O homem e a natureza fez amantes...

E no amor pôs sussurro e pôs o grito,
Entre cascalhos fez gerar diamantes!

E para que entre os homens pecadores,
Por livre arbítrio, alguns os seus horrores
Deixassem lá nas trevas, vindo à luz,

Deus, num gesto supremo, em doce frêmito,
Fez nascer no Natal seu unigênito,
O eterno Salvador – nosso Jesus!

II - Renascimento

Jesus renasce a todo instante, a cada espaço,
Em cada gruta milenarmente esquecida...
É o parto persistente do amor sem cansaço,
Com que Deus clona ao mundo a Maria escolhida.

Jesus nasce na orquídea, no gelo ou mormaço,
No mistério da morte ou nasce à luz da vida...
Na guerra ou calmaria traz o seu regaço
E renasce na causa ganha ou fé perdida!

Jesus nasce ou renasce na flor ou no espinho,
No mais torpe desprezo ou mais santo carinho...
Porém, nada nos traz tanta luz e emoção

Do que quando ao Natal – qual divina magia –
Soa o gemido-prece da Virgem Maria
E de novo Jesus nos nasce ao coração!

III - Rimas de Natal

Natal – palavra mágica e sonora,
Com qualquer outra, pelo amor, faz rima;
Seja com ontem... hoje... ou com agora,
A rima do Natal é a mais divina!

Natal – rima com dentro se lá fora
A alma humana com Deus se descortina;
Natal – rima com fica ou vai embora,
Desde que Jesus trace a nossa sina!

Natal – rima com fé, com esperança,
Com homem, mulher, velho ou com criança;
Natal – rima com bem, com eternidade...

Natal – do amor é prece de alegria,
É do cristão a única poesia
Que rima Vida com Felicidade!

IV - Reflexões Natalinas

Desde a infância fugaz que descortino
– Envolto em sonho de magia e luz –
A imagem sacrossanta de um Menino,
Que cresceu santo, mas morreu na cruz!

Salvar a humanidade, eis seu destino!
Mas o homem se esconde em mau capuz
E em pecado e maldade, ao desatino,
Finge, na maioria, amar Jesus!

“Amai-vos uns aos outros!” – Ele disse.
Mas, em vez de afeição e fé etérea,
Muitos dão, uns aos outros, canalhice.

Dádivas, no Natal, têm seu valor...
Mas desde que os presentes de matéria
Sejam sempre embrulhados com amor!

V - Quatro Reis... Dois Destinos

Na humilde manjedoura dormitava
Um rei-menino da mãe ainda quente...
E uma estrela de mística luz alva
Guiava os três reis magos d'Oriente.

Na caverna José a Deus orava,
Maria delirava de contente...
Ela em fé já sentia o quanto amava
Quem ia amar o mundo e toda gente!

Os reis magos se foram pela aurora
Qual todo rei que chega e vai-se embora
Pelo Tempo a ofuscar-lhe a claridade...

Mas o Rei a quem deram seu presente,
Este veio e acendeu-se eternamente
Num sol de fé e amor à Humanidade!

VI - Inspiração Natalina

Como a água espectral de seca mina
Que, à chuva intensa, eclode novamente,
Também me aflora a inspiração divina
Quando mais um Natal me chove à mente...

Doce emoção me tange e me domina,
E o amor a Cristo jorra em tal torrente,
Que em celestial dilúvio eu cumpro a sina
De fiel cristão e poeta reverente!

E então componho mais uma poesia,
Graças legando à Virgem-Mãe-Maria
Pelo soneto feito em dor e luz:

A dor é o sofrimento do seu parto,
Que vira luz – prazer de que me farto
Sentindo em tudo renascer Jesus!

(Sonetos inspirados e escritos na época de Natal)



GUIMARÃES ROCHA

*Antônio Alves Guimarães nasceu em Quixeramobim (CE) e reside em Campo Grande (MS) desde 1980. Poeta, professor, e produtor cultural, é major da reserva da Polícia Militar/MS. Escreveu 20 livros, dois deles inéditos. Recentemente lançou as obras *Moral da Idade Média no Terceiro Milênio* e *Coronel Adib - A História*. Autor do CD "Encanto". Ocupa a cadeira nº 4 da Academia.*



A Evolução da Literatura Sul-Mato-Grossense e Academia

Produção literária de Mato Grosso do Sul poderia ser um bom título para a literatura sul-mato-grossense, pois as divisões e subdivisões que criamos são provisórias e passageiras; tais nomenclaturas são úteis diante da necessidade de situar e contextualizar a literatura diante do universo conhecido. Tudo é literatura universal e cada recanto delimitado, das vilas e lugarejos; cidades e estados e grandes regiões; países e continentes têm a responsabilidade de apresentar o seu fruto intelectual moral, histórico cultural, físico espiritual.

Há e sempre houve em toda comunidade formada, escritores e poetas em elaboração e atuantes. Sobre a literatura e seus fazedores em Mato Grosso do Sul, há algumas dezenas de entidades literárias sedes, seções ou afiliadas de outras, sem falar dos indivíduos que produzem no anonimato. Essa é uma grande riqueza que temos a conhecer e reconhecer.

Basta-nos falar na história da literatura sul-mato-grossense, em algum artigo que ganhe destaque, para se levantarem, além de Campo Grande, cidades como a Corumbá (de Lobivar de Matos), Dourados,

Três Lagoas, Ponta Porã, Naviraí, Bonito, Aquidauana; e, se ouvirmos bem, todos os demais municípios, cada um reivindicando a sua citação como integrante do fazer lítero-cultural, com seus expressivos movimentos. Tais registros, considerados até agora de forma esparsa, precisam ser mais bem coligidos e concentrados em obra de relevância. Isso é tarefa de todos nós a ser realizada. Muitos investimentos nesse sentido se há de fazer ainda.

Temos levado projetos pela inserção da literatura sul-mato-grossense nas escolas, e esse é um desafio para toda uma vida de dedicação. Nessas apresentações à comunidade estudantil, lembramos de imediato a bela história da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras; os esforços de décadas - reconheçamos - de todas as gestões da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. E das outras Academias de Letras, todas independentes, juridicamente estabelecidas e com representação direta junto à Academia Brasileira de Letras: a Corumbaense; Douradense; Fatimassulense; Maracajuense; Pontaporanense; e Treslagoense.

Todo levantamento que se preze tem que levar em conta a chamada “literatura marginal”, pois é justamente ela a nos falar mais intensamente do mundo real. Dela nos ocupamos muitas vezes para sustentar e relembrar no mundo dos intelectuais, a necessidade de integração, pois academia sem povo será um sepulcro envernizado, assim como o povo, sem refinamento cultural e de inteligência, jazerá na retaguarda da evolução, na indigência mental.

As primeiras produções localizadas em Mato Grosso do Sul, naturalmente têm, em grande parte, por ascendentes, as experiências vividas em outros Estados e países; ao nosso celeiro de farturas aportaram esses maravilhosos migrantes e imigrantes. O que faz o produto ser daqui é o ser realizado aqui e, assim sendo, dançar e se enternecer ao toque da plangência daquilo que é mais local, mais genuíno e remoto da região agora tida por sul-mato-grossense: fauna e flora e todas as belezas naturais, a dor e a luta do caboclo, do bugre, do índio, da mescla com o povo paraguaio.

Materialmente e mesmo intelectualmente, a evolução da literatura

em Mato Grosso do Sul, vista em genérico, se processa como em toda parte. Se antes importava muito o estilo ou a escola, com lápis, caneta, máquina de escrever e depois a grande aceleração das comunicações verificada dos anos 60 até a década de 90, tudo agora se transforma em contemporâneo, fundindo-se, aos poucos, e ao computador, todos esses modos e modelos e formas. Mesmo o gosto dos consumidores tornou-se mais e mais variadíssimo e cambiante em muitos momentos. Vivemos a era das sínteses, das holovisões. As mídias nos levam a ampliações antes, talvez, inimagináveis, das considerações e vivências: música e poesia, história e ciência, teatro e fantasia, tudo se nos antolha com tecnologia, som e imagem na era da informática e da globalização, internet.

Novas expressões, além da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, agitam o Estado de Mato Grosso do Sul, ao início da década de 80, após a Divisão, e disso pudemos presenciar e participar. “Francos atiradores” surgiam representando vários lugares; e em Campo Grande, entre os mais conhecidos, aconteceu o Movimento dos Escritores Independentes. Deste então resistiram, permaneceram e seguem crescendo, a União Brasileira de Escritores – Seção MS e a Associação dos Novos Escritores (ANE/MS). E não cessam de nos chegar informes, indignados até, de movimentos literários outros cobrando reconhecimento. Cabe a nossa união para novos esforços de enfeixar e publicar todas essas informações numa obra completa e que circule grandemente.

Quando buscamos os conhecimentos gerais para visualizar a literatura de Mato Grosso do Sul, Encontramos o livro *Inocência* (1872), atualmente considerado por lei (de 2007), romance-símbolo de Mato Grosso do Sul, escrito pelo multifacético Visconde de Taunay, nascido rico no Rio de Janeiro. Encontramos o nosso Manoel de Barros, nascido em Cuiabá, radicado em Campo Grande, reivindicado também como expressão literária de Mato Grosso (poeta do Pantanal). Tudo bem. A nossa evolução também se deve a todas essas coisas, mas nos é necessário desemburrecer as mídias, mostrando mais e melhor os trabalhos produzidos por centenas de bons escritores de Mato Grosso

do Sul. Dizemos desemburrecer sem querer desrespeitar burros, pois, até eles sabem, intuitivamente, que a monoalimentação é perigosa como a monocultura, alguns Best-sellers e certas unanimidades que por toda parte ameaçam o bom senso.

Será impossível falar em evolução da literatura sem tocar no espinho da qualidade. Espinho. A toda hora somos dolorosamente impressionados pela falta de qualidade. E o que é isso – qualidade? Numa visão mais filosófica podemos polarizar “má qualidade” e “boa qualidade”. Mas, o que é bom e o que é ruim? A literatura nos coloca diante desse impasse, mas ela mesma nos resolve isso: não importa preferências, subjetividades, para o que seja minimamente aceitável, mas, sim, a escrita correta conforme a oficialidade da língua – e isso é democrático necessário, no sentido de que quem escreve precisa ser entendido. Quando se fala em evolução estamos falando em “construir” – cada escritor almejando alcançar, envolver o público a que sua obra se destina.

Chega uma hora de lembrarmos com tristeza e sentirmos saudades agudas do quase-extinto “profissional revisor” - Quanta falta nos faz o verdadeiro especialista em revisão! Muitas das obras cujos autores sonham sucesso literário são revisadas “por um favor do doutor ou professor”, ou pelo próprio escritor ou colegas, e deixam a desejar, mas, mesmo depois de tudo pronto, poucos vêm ou ligam às imperfeições. É importante que saibamos do quanto reina a indiferença e a antiética. Não devemos dar falsos incentivos ou falsos elogios, e isso é desleal, sob pena de atrasarmos o aprendizado de companheiros e o nosso próprio.



Grandezas da Literatura Sul-Mato-Grossense

Vida e alma sul-mato-grossenses com Camalotes e

Guavirais de Ulisses Serra

Referir-se à pessoa como “alma” é um belo costume dos antigos, usando o termo para designar sintetizando tudo o que o indivíduo é e representa. Se for assim, e a considerar o quanto o luminar Ulisses Serra veio entranhar-se no que é Mato Grosso do Sul em essência nas sementes e primórdios, temos então, nesse escritor proseador, a alma do Estado.

Habitante da medula das coisas regionais, daí pôde o homem vibrar e dimanar com autenticidade e autoridade do verbo. Feita a plataforma estética, quis, sabendo querer, evocar o cheiro e o sabor dos guavirais e o movimento e beleza dos camalotes para identificar a alma de Mato Grosso do Sul, ao banho sagrado e poderoso do Rio Paraguai.

O jornalista escritor memorialista Ulisses Azul de Almeida Serra (1906-1972) é autor do livro “Camalotes e Guavirais” (13 de outubro de 1971), obra clássica que em crônicas revela e descreve a grandiosidade simples das coisas locais e regionais, e, a cada dia mais, se nos afigura importante relembrando o iniciático e nos inspirando ao valor permanente. Puro e natural tem poder e força, porque seu principal estribo está na verdade do que viveu; a descrição literária é que faz o sonho e a magia do positivo contágio.

Ele fez casa para a palavra, criou dimensão para o exercício do pensamento nesta terra. Fundou a Academia de Letras e História de Campo Grande, que resultou na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul.

Em seu trabalho singular, que ainda merece melhor divulgação, focalizou pessoas e realizações emblemáticas citadinas e rurais, infância em Corumbá e o restante em Campo Grande. A leitura de “Camalotes e Guavirais” é base para historiadores e quem mais se interesse por entender o nosso hoje em Mato Grosso do Sul. Os pioneiros, a família,

as figuras populares, comércio, instituições, prédios, ruas e lugares, ecologia, mitos e lendas, os elementos propulsores da sociedade, poetas e escritores, política, artistas e meios culturais, as culturas nascente e remanescente, nossos principais arquétipos estão aí enfeixados.

Pensando nas qualidades mais atraentes de Ulisses Serra, comunicador no sentido lato da palavra, sentimos o seu olhar humano a humanos, ternamente vinculado a terra em que vive e ama. Confraterniza. Critica. Solidariza-se. Alimenta compaixão. Lembra. Enaltece. Chora.

Sobre a popular Maria Bolacha e os moleques que lhe atormentavam o cotidiano, “enquanto forças teve, disputou o direito às ruas, defendeu sua dignidade e repeliu a rebenque e pedradas a alcunha desmoralizante”. Outro; Josetti. Teria sido moço da alta sociedade, arruinado por uma desilusão amorosa. Vagante. “Dominava a cidade com a origem da sua desventura, com seus anéis baratos, reflexos do que ele fora outrora, com seu sorriso e sua mansidão”.

Da alfândega de Corumbá, do período áureo, emerge o guarda Alípio, amparado na reminiscência de Ulisses. “Sua vida assemelhava-se aos camalotes, presos nos remansos ou a boiar no caudaloso Paraguai, levados docemente ao sabor das correntezas”. Na ambiência corumbaense, Alípio é um modelo boêmio da “noite branca”. Alheio às regras mais comezinhas, inteligente, desprendido e gozador, perde-se por amor-paixão, mulheres e jogos, dá-se à embriaguês, derrama sua alma sensível e vai-se embora com o vento.

Relata descuidos diante da maldade. Fala de um seresteiro “sempre a cantar sua canção predileta, fundo musical da sua alma vadia. Nostálgicos e plangentes não eram propriamente os versos, mas a melodia que se espriava no silêncio da noite como dorida litania e murmúrios do mar”. O cancionista, inadvertidamente aceita o cargo de aprisionador de animais soltos nas vias públicas. Apreendera um cavalo pertencente a Artur Carroceiro, um perigoso pernambucano. Brevemente “o corpo de Nenê Guató estava de borco na Rua 13, na grama fria, molhada de orvalho e empapada de sangue. Calara para sempre a voz do cancionista solitário e triste, ingênuo como todos os moços”.

Estudos muitos ainda se há de fazer a partir do que nos ensina o autor, principalmente em se tratando de verificação da história, que, longe de configurar meramente passado obsoleto, na verdade se refaz a cada passo, com o movimento anterior reagindo sobre o momento posterior. Seus testemunhos propiciam, por exemplo, importantes observações sobre os fenômenos de insegurança, crime e inquietação social.

E escreve com amor para Campo Grande: “No imenso e insondável encadeamento das gerações, a nossa vida, por mais longa, é fração de segundo imedível frente às gerações que já se passaram e às gerações que os milênios hão de trazer. Distante, longínqua, aureolada de lendas e fantasias, há de resistir ao tempo a figura do desbravador intemorato, o pioneiro, o fundador, o mineiro José Antônio Pereira, que não sabia que o chiado monótono das suas carretas cantava a sua glória”.

Ulisses Serra! Ninguém morre, e você escreve algo que poderá ser presente a todo espírito constantemente renovado: “Sadios e joviais, supúnhamos ledamente que o mundo fosse todo nosso, azul e luminoso; que manteríamos sempre a mesma destreza e o mesmo tônus muscular; que caminharíamos por doiradas estradas da vida sempre a impelir para o alto os nossos dardos e os nossos sonhos”.



Grandezas da Literatura Sul-Mato-Grossense

Um homem que fez o tempo: Demosthenes Martins

Tempo é oportunidade. Os pioneiros de uma época, quando portadores de verdadeira vocação, constroem a vida no lugar onde se instalam. Organizam, fazem cultura, imprimem valor, caráter. Não importa se migrantes ou imigrantes, tudo se faz novo ao seu toque. Eles próprios ganham vida nova, local. Demosthenes Martins é nosso. É um dos iniciadores cuja presença pode ser detectada num piscar de

olhos diante das páginas mais importantes da história do Estado de Mato Grosso do Sul.

Demosthenes Martins nasceu a 26 de outubro de 1894, em Goiana (PE) e faleceu a 15 de março de 1995, em Campo Grande. Teve por principais obras literárias: Aspectos Jurídicos e Políticos do Município (1972); História de Mato Grosso (1975); e A Poeira da Jornada (1980). Foi membro decano da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, tendo ocupado a cadeira cinco, patrono José Ribeiro de Sá Carvalho, hoje ocupada por Enilda Mougenot Pires.

Em “A poeira da jornada”, as memórias de Demosthenes Martins mostram o advogado (foram 50 anos ativos), estabelecido ao sul de Mato Grosso (uno), tornado prefeito de Nioaque (1921); intendente de Bela Vista (1923); prefeito de Campo Grande (1942-1945) implantou (1944) o primeiro serviço de água e esgoto; secretário do Interior, Justiça e Finanças do Estado de Mato Grosso (1951-1965). Em 1973 foi declarado Cidadão Mato-Grossense pela Assembleia Legislativa. Membro da Academia Mato-Grossense de Letras (em 1974 ocupou a cadeira 28, sucedendo a Ulisses Serra).

Com Demosthenes a historiografia tem status de credibilidade e a qualidade estável da permanência. Como quando escreve em artigo sobre o Marechal Rondon (1865-1958), com quem travou conhecimento pessoal em plena região da floresta amazônica: “A obra de Rondon vista e sentida na sua realidade, mensurada no próprio palco em que se desatava, tinha fulgurações de epopéia, lembrando tragédias vividas, dramas padecidos, agonias amarguradas e triunfos consumados”.

Os escritos de Demosthenes ressumam o fascínio pelos estudos e participações cidadãs na organização política e social. É assim quando relata, em subtítulos, sobre os primeiros governadores de Mato Grosso (1751 a 1777). Em “Itinerário de um destino”, artigo, registra que o povoamento de Mato Grosso (no começo do século 18) “foi a resultante do descobrimento das minas de ouro de Cuiabá pelos bandeirantes vindos de São Paulo na preia de índios (nesse sentido, prear: aprisionar para trabalho escravo)”.

Em momento empolgante do seu estilo, diz: “Deve-se ao intemorato sertanista Joaquim Francisco Lopes o reconhecimento dessa região através das suas dezessete entradas, vindo de sua fazenda Monte Alegre, nas proximidades do rio Paraná, para as bodas do seu espírito de bandeirante com a virgindade de paragens ignotas. A ele deve-se a vinda dos Barbosas, dos Lopes e dos Sousas, os pioneiros do povoamento da Vacaria com os rebanhos que trouxeram. Foram eles os povoadores da região, que os paraguaios reivindicaram como de seu domínio...”.

E depois, “vindo de Monte Alegre, Minas Gerais, José Antônio Pereira aportou, a 21 de junho de 1872, à confluência dos córregos que mais tarde se chamariam de Prosa e Segredo...”. “A amenidade do clima, a fertilidade do solo, a posição geográfica ensejadora de um dominante centripetismo na região, a força da atração do convívio humano nessas paragens solitárias, foram as parcelas que deram vitalidade, destaque e importância à vila de Santo Antônio de Campo Grande, já na posse de foros de município, no dealbar do século 20...”.

“A poeira da jornada” documenta a criação do Estado de Mato Grosso do Sul: da ideia encampada pelo presidente Ernesto Geisel em 1976, à finalização em 1979, “o coroamento de um ideal que vinha desde o fim do século passado, o reconhecimento de um imperativo geoeconômico, a consequência lógica da desajustada constituição do grande Mato Grosso, o corolário de uma luta que se manteve viva em todas as oportunidades que se apresentaram...”.

Demosthenes Martins! Conhecer a sua história, ainda mais no aspecto civil, na feição de líder pró-divisão do Estado, significa amar e conhecer Mato Grosso do Sul. O seu interesse ativo pela viabilização da comunidade nos inspira a honrar a oportunidade de viver aqui, imbuídos da consciência histórica em que temos sedimentada a sua paixão construtiva.



Grandezas da Literatura Sul-Mato-Grossense

O mundo de amor em prosa e verso de Antonio Lopes Lins

Saudade das coisas perdidas no tempo, anseios inexplicáveis, destinos truncados. A experiência humana avança no sentido único da elevação. Busca os ideais sublimes mesmo chafurdando em lodaçais, quando então a procura pelo amor ainda subjaz. E as chamadas da esperança não se desfazem apesar dos indivíduos lançados, temporariamente, nas voragens da desilusão. A obra “Janaína, a Canção do Minuano”, (poesias, 1976), de Antonio Lopes Lins, prefaciada por Demosthenes Martins, demonstra de que forma, pelos fenômenos de interioridade, a elaboração emocional vai acendendo a humanidade, refinando-lhe a sensibilidade que em secreto move o mundo. Novela de cunho íntimo, composta por prosa poética e cartas-poema, vazada em estilo meta-lírico.

Antonio Lopes Lins (Sobral/CE, 08/6/1912 – Campo Grande/MS, 05/9/1990). De aprendiz de tipógrafo a caixeiro de livraria, entre seus 10 e 12 anos, em sua cidade natal, depois se formou em odontologia, no Pará. Foi jornalista redator na Paraíba (João Pessoa, jornal “A União” e revista da Secretaria de Estado da Produção), onde em seguida diplomou-se nas faculdades de Comércio e Ciências Econômicas. A partir de 1941, mediante concurso público, fez carreira no Banco do Brasil, gerenciando em Goiana (PE), Italiana (PB), Santarém (PA), Matão (SP), Santana do Livramento (RS) e Campo Grande (MS), culminando no cargo de inspetor. Deputado estadual por Mato Grosso em 1970. Professor de geografia, história e economia das Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMT) – (desde 1993, UCDB). Colunista do jornal Correio do Estado.

Membro fundador da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Na Academia Mato-grossense de Letras ocupou a cadeira 18. Escreveu também os livros “Incesto” (novela, 1968), “Caminhos de Lama” (romance, 1973),

“O velho maquinista e outras histórias” (contos, 1974), “Pontos de Geografia Geral” (didático), “Eduardo Olímpio Machado”, “Crônicas dos Tempos”, “Sinais de Ramaiana”, “Celestina”, “Histórias Proibidas”, “Acontecimentos”.

Em “Janaína, a Canção do Minuano”, intensamente romântico, o autor faz o difícil ensaio do impossível decifrar do coração em sua maior intimidade. Nesse terreno do imponderável, o jeito é trazer o clima para a personalidade, colocando a tinta da subjetividade num enredo que bem poderia acontecer ou ter acontecido pelos refolhos da grande novela humana. Trata do encontro de dois corações na trama de uma existência física, um choque espiritual, um amor que se tornou impossível por causa dos imperativos materiais, circunstâncias de escolha individual. O homem apaixonado opta pela realização material, mas com esperanças do sentimento maior vislumbrado; a mulher se recolhe em desalento. Reorganiza a vida junto a outro afeto, compõe família enquanto aquele que buscou em primeiro a ascensão social se torna o poeta sonhador ruminante da lembrança nostálgica de um romance inconcluso.

Seu sonho de amor, tornado conflito interior, por vezes divaga pelas veredas do fantástico suspirando por aventura e liberdade compartilhada. “(...) que tua luz limpasse dos meus sonhos os resíduos de carbono de que é feito nosso corpo mortal. Entretanto, algo dentro de mim teima em trazer para a terra o que é do céu, tirar, do zênite de Deus para o nadir do homem, a luz longínqua da esperança, que tremeluz a indicar-me um caminho”. Noutras faz definições ideais: “Deus é a essência do amor. A terra e o céu são produtos desse amor imenso”; “As pessoas espirituais sentem o espírito no objeto de seu amor”.

Entre a terra e o céu, chora, ardendo em febre, a irreversibilidade do tempo: “Sinto, dentro de mim, a mão gelada /de confusas imagens de saudades (...)”. Entrechocado por um certo fatalismo do corpo carnal, em contraposição às requisições da alma, quando em vez vai ao sensualismo buscar temperos da vida e refúgios mentais. No âmago, o ideal puro e divinal e intocável da mulher amada. Ao epílogo momen-

tâneo desse amor, Lopes Lins escreve antíteses: “(...) verbenas e rosas e frutas maduras instilando perfumes no ar; primaveras derramando canções nas criaturas. (...)” e “(...) Na escuridão vazia das noites sem lua, o poeta se convertia em um fantasma de si mesmo, sofrendo e penando, chorando e morrendo. (...)”. Na segunda parte do livro o autor nos oferece amostragem de outros trabalhos poéticos de sua autoria. Em alguns, fala da perfeição e bondade de Jesus e nos chama ao patriotismo e à comunhão com Deus.

Antonio Lopes Lins! Trazemos, os amigos que nos contagiamos com o seu verbo flamejante, boas lembranças que nos ajudam a construir edifícios da inteligência emocional. Cuidamos dessa amizade na sua vibração fraterna nos acompanhando de sempre nesta passagem.



HELIOPHAR DE ALMEIDA SERRA

Nasceu em Corumbá (MS), em 1917. Desembargador aposentado. Escreve para jornais do Estado. Autor de A Fascinante Natureza Humana, Fragmentos do Cotidiano e As Flores Que Não Morrem. É irmão de um dos fundadores da Academia, o saudoso escritor Ulisses Serra. Ocupa a cadeira nº 3 da Academia.



Algumas Reflexões

I - A Injustiçada

Desde os tempos imemoriais que o Homem tem pavor da Morte! Representa-a de maneira assustadora, medonha: um crânio, com órbitas enormes, debruçado sobre duas tíbias cruzadas.

Acreditamos que seja uma injustiça clamorosa, gritante: LEO PARDI (“PENSAMENTOS” / 1798-1837) já advertia:

“A Morte não é um mal, porque, em verdade, liberta o Homem de todos os males.”

E Marco Aurélio recomendava:

“Não desprezes a Morte; dá-lhe boa acolhida, como a uma coisa que a Natureza quer.”

II -Meditações

A doença, sim, é horrível, medonha. Derruba um Homem no leito por dias e dias, meses e meses, e, às vezes, por vezes, por anos e anos, padecendo dores lancinantes, de olhos abertos noites seguidas, num desespero total. Em dado instante, porém, vem a Deusa de branco, olhar de piedade e de ternura, e nos LIBERTA. Fecha os nossos olhos

e nos conduz para o Pai:

Não é lindo e verdadeiro?

Vamos, de agora em diante, mudar o panorama?

Vamos representar a Morte como a uma Deusa suave, bondosa, vestida toda de branco.

Mas, antes de tudo, se aceitarem o desafio, vamos nos lembrar da frase de um escritor inglês:

- Não devemos confundir DESEJAR com QUERER;

O DESEJO mede obstáculos;

O QUERER vence-os.



Sangue no Pantanal

Deodato foi dormir feliz, prelibando emoções. No dia seguinte, domingo, seria a pega do macharrão, que vinha dizimando novilhas no retiro do ouro Morto.

Nas horas vagas, sempre aos domingos, sua distração predileta era caçar onça-pintada, brava e perigosa, no coração do Pantanal sul mato-grossense. Depois de abater muitas, Deodato alvoroçou emoções mais fortes, mais violentas, daquelas emoções de calafrio na espinha e, no peito, o coração aos pinotes, ensandecido pelas sucessivas descargas de adrenalina. Passou, então, a caçar de azagaia, confiando na sua força física, na sua agilidade, no seu coração de caboclo pantaneiro.

– Como era excitante – pensava Deodato – pular da cama às duas da madrugada, chupitar chimarrão fervente com a peonada, no galpão; sair a cavalo ainda no escuro da noite, bem antes de pintarem no horizonte as cores do amanhecer.

Naquela madrugada, somente um detalhe apoquentava Deodato, na marcha apressada dos cavalos rumo ao balcedo, ao som da esquisita sinfonia do relinchar dos cavalos, dos latidos nervosos da cachorrada e da conversa entrecortada dos homens. Beatriz, meninota de quinze anos de idade, de olhos negros, filha do dr. Antônio da Costa Rondon, coronel de imensidade de terras e de gado, exigiu tomar parte na caçada. Não arredou pé. Nem Deodato (a quem chamava de tio) nem o pai puderam fazê-la desistir.

– Pô! Mulher em caçada de onça é fogo – resmungava Deodato, aborrecido.

Beatriz sempre fora assim: queixuda no querer. Nem o Santa Marcelina, de São Paulo, onde estudava, conseguira domá-la. Depois de muita prosa, Deodato consentiu, mas impôs uma condição: houvesse o que houvesse, Beatriz deveria permanecer, sempre, à sua retaguarda, entrincheirada por trás daquela muralha de um metro e oitenta de altura, ágil como lutador de kong-fu, e de cem léguas de valentia, simples e sem bravatas.



Dinheiro Vivo

Sim, o dinheiro à vista é a lâmpada de Aladim. (Byron)

Ele recordava com volúpia o juramento que prestara no dia de seu casamento, há mais de quarenta anos, numa igreja iluminada, repleta de parentes e de amigos. Repetia de cor, mentalmente: – Prometo ser fiel na alegria e na tristeza, na saúde, ou na doença, amando-te e te respeitando por todos os anos da minha vida.

Cumprira fielmente o juramento feito, às vezes com dificuldade – é verdade – mas cumprira. Amava a esposa e Lisbeth o amava também. Viviam em constante lua-de-mel, mesmo após a criação dos filhos.

No aniversário de casamento, almoçavam com os filhos, mas, à

noite, jantavam a sós, num restaurante de luxo, discreto, à luz de velas. Depois, curtiam músicas românticas, dançavam e encerravam a noite com brinde de *Chandon Moet*. Essa comemoração faziam-na todos os anos. Virou tradição.

Generoso, Carlos Alberto nada negava à esposa: vestido, jóias, perfumes, viagens. Não dava, no entanto, dinheiro vivo – isso não – a não ser ínfimas quantias. Lisbeth compreendia a mania do seu marido e a respeitava. Em compensação tinha crédito ilimitado à sua disposição nas maiores casas da moda do Rio de Janeiro.

– Meu Deus, não tenho roupa – exclamava Lisbeth. – Estou nua. Não sei como comparecer, amanhã, à recepção da embaixada francesa.

Carlos Alberto contemplava, sorrindo, o guarda-roupa da esposa, estufado de vestidos lindos e modernos. Compreendia perfeitamente a expressão “estou nua”. Significava que Lisbeth não dispunha de vestido novo para exibi-lo às amigas, naquela ocasião. Essa aparente futilidade era, afinal, o encanto das mulheres e o desespero de alguns homens.

Carlos Alberto confiava sempre no bom senso de Lisbeth – que sabia gastar com equilíbrio. Gastava tão somente para ser elegante, não para ser a mais elegante.

E, dessa maneira, deslizaram os anos, suavemente.

Num certo domingo de maio, Carlos Alberto e Lisbeth encontravam-se no interior fluminense, aonde ele fora a serviço, por algumas semanas. Pela manhã, dirigiram-se a igreja, assistiram à missa, comungaram, felizes. À tarde, Carlos Alberto telefonou e conversou animadamente com seus quatro filhos, no Rio. À noite, antes do jantar, bebericou um escocês e dançou com Lisbeth, agarradinhos. Eram dois corações, entrelaçados, rodopiando pelo salão. Mais tarde, enquanto Lisbeth dava ordens à empregada, Carlos Alberto recostou-se num sofá, acendeu um cigarro, aspirou a fumaça com prazer, e... tombou morto, fulminado por violento ataque cardíaco. Morte feliz, rápida para ele, não para Lisbeth, que entrou em parafuso, desesperada, desatinada.

Quatro dias mais tarde, após o sepultamento, Lisbeth recebeu,

surpresa, polpuda importância do seguro de vida, em dinheiro vivo. De estalo, sofreu radical transformação. Ela – que nunca tivera dinheiro vivo na mão – ficou fascinada. E fascinada reagiu, como se estranha força penetrasse no seu espírito, nos seus nervos, na sua carne. Enxugou as lágrimas, levantou a cabeça. Passou a gastar com volúpia. Sentia estremecimento de orgasmo toda vez que preenchia cheques ou debulhava notas graúdas da sua carteira filetada de ouro. O maior impacto para os amigos foi quando compareceu à missa de sétimo dia do marido, elegantíssima, maquiada, num resplendor à Lady Di, numa recepção no Palácio de *Whinthewall*, em Londres.

– Não sei como visitar Lisbeth – comentou Luís Antônio, velho amigo do casal, recém-chegado do interior. Desconhecendo ainda a “ressurreição” de Lisbeth, temia enfrentar a desolação da viúva. – Calculo como Lisbeth deve estar sofrendo e desesperada.

– Ledo engano, meu irmão. Pode visitá-la sem susto. Lisbeth está superconformada.

Luís Antônio não quis acreditar nas palavras da irmã. À noite foi visitar Lisbeth.

Antes de chegar à porta, ouviu a risada cristalina e alta de Lisbeth, que conversava animadamente com as amigas, no interior da casa. Mal pressionou o botão da companhia, as risadas cessaram e Lisbeth apareceu tranquila, abraçou risonha o velho amigo como se o marido tivesse falecido há milênios.

Meses depois, cessada a euforia do dinheiro vivo, Lisbeth despencou em profundo desespero, afogada em lágrimas, dia e noite. A volta da consciência e do sofrimento transformou-a num espectro de mulher, magra, absorta, infeliz. Internada numa casa de saúde, faleceu em seguida, numa noite tranquila de setembro, agarrada ao retrato do marido.

Dizem os namorados que, naquela noite, viram surgir duas novas e estranhas estrelas, cirandando no infinito do céu: Carlos Alberto e Lisbeth?

(História verídica da vida e morte de um casal amigo, no Rio).

A Xícara e o Batom

O Dr Pantaleão, cansado, parou de escrever e relanceou o olhar pelo seu luxuoso escritório de advocacia. Depositou a caneta na mesa, esticou os braços, as pernas, e sorriu.

- “Êta vida de solteiro. Dia cansativo, mas produtivo”, exclamou.

Mandou fechar o escritório, e resolveu visitar o velho amigo Bartolomeu, que o recebeu com efusivos abraços. Pediu desculpas pela ausência momentânea da sua esposa Maria Auxiliadora, das duas filhas e da cunhada solteirona. Conversaram bastante. Conversa solta, livre, borboleteando por vários assuntos. Em dado momento, Bartolomeu indagou:

- Café, refrigerante ou wisky?”

- Café, - respondeu Pantaleão.

Veio o cafezinho em bandeja de prata portuguesa. Na xícara de fina porcelana que lhe coube, Pantaleão reparou, surpreso, que havia, na borda, forte mancha de batom vermelho. Naturalmente (pensou Pantaleão) usaram a xícara e, na pressa, esqueceram de lavá-la ou retirá-la da bandeja. Resolveu ganhar tempo. Com a colherinha, começou mexer, lentamente, o café como se quisesse resfriá-lo. Lembrou, de repente, mais tranquilo, que o amigo tinha duas filhas lindíssimas. Deve ser uma delas, concluiu. Tomou o 1º gole e sentiu nos lábios o finíssimo batom, e, no corpo, estranho e leve estremecimento sensual. Lembrou Castro Alves:

- “O perfume é o invólucro invisível que encerra as formas da mulher bonita”. Tomou o segundo gole com a sensação de estar beijando fascinante mulher.

A voz do amigo o despertou:

- Que bom: As mulheres já estão de volta! Saíram depois do cafezinho, e antes de você chegar.

Levantou-se e foi abrir a porta. Entraram quatro mulheres. Das quatro, apenas uma usava batom. Era a tia solteirona, de 65 anos de idade, e que vencera abagunçado concurso de beleza, organizado, secretamente, pelos estudantes, que a elegeram a “mulher mais feia do bairro”...



JORGE ANTÔNIO SIÚFI

Nasceu em Campo Grande (MS), em 1932. Advogado e professor. É co-autor da letra do hino de Mato Grosso do Sul. Cronista. Sua obra principal é Catiça de Gato. Recentemente lançou o CD musical “Jorge Siúfi - Eclético”. Ocupa a cadeira nº 14 da Academia.



Colegas

Antonio Silvério Lima, professor da rede estadual de ensino, cinqüentão, bem apessoado, estava dando uma volta em seu quartirão para, segundo ele, esfriar a cabeça, quando de repente surgiu por detrás de um poste um indivíduo, armado com um revolver deste tamanho, escondendo parte do rosto com um lenço, a la zorro tupiniquim, e lhe gritou:

- Mãos ao alto. Isto é um assalto!

O professor quedou-se entre surpreso e mudo. Levantou as mãos, como determinou o assaltante. Não conseguiu dizer nada. Tentou falar, mas nem balbuciou. Estava petrificado.

- Passe-me todo seu dinheiro, cidadão. (A voz do assaltante era trêmula).

O professor tentou uma investida, eis que sentiu que a sua voz poderia sair.

- Sabe meu amigo...

Foi interceptado pelo assaltante, que lhe disse:

- Não sou seu amigo, cidadão. Sou um assaltante e não tente me iludir, ou tismar o meu intento, que é o de coletar o que você tem no seu bolso.

- Mas é justamente isto que estou tentando lhe dizer. Sabe, eu sou

um professor que está sem receber o seu salário há quatro meses e vejo que o senhor é um homem de boa educação, pois me chamou de cidadão e usa expressões tais como iludir, tisonar, coletar, tão impróprias de um assaltante... e justamente nesta noite, eu resolvi sair para espairecer um pouco, para esquecer meus problemas, minhas dívidas com o açougue, com a farmácia, com a padaria, com o Seu Manoel lá da mercearia e tantos outros, e me acontece mais esta desgraça, com um assalto? O senhor quer levar minha vida? É tudo que tenho, no momento. Veja que nem relógio possuo mais – está empenhorado na Caixa e...

- Chega, chega, chega! – gritou o assaltante. – Pode abaixar suas mãos, pois sou seu colega. Eu também sou professor da rede estadual de ensino e, no desespero, tomei esta arma de meu pai – sem que ele visse – e resolvi praticar este ato hediondo, mas já antevia um insucesso, pois não nasci para isto. Anda, dê-me cá um abraço.

E os dois se abraçaram.

E saíram caminhando rua abaixo, com o assaltante já de rosto descoberto, querendo saber onde o colega lecionava, etc., quantos filhos tinha, trocando informações para o surgimento de uma nova amizade haurida no sofrimento e na dor e até no desespero.

- Mas, olhe, vou lhe confidenciar uma coisa, meu bom colega assaltante – sapecou o professor: – quase mijeí na calça, no momento em que você me apontou aquela arma horrorosa...



“O” Batata Iluminada

Batata, pelo que se lê e pelo que se conhece, é uma planta que produz tubérculos comestíveis, que a culinária brasileira aproveita sobejamente, enfeitando os seus mais variados pratos e quitutes.

Quem, sendo brasileiro, não gosta de uma batatinha frita?

A batata é fonte de divisas de muitas regiões brasileiras, a exem-

plo do Rio Grande do Sul e igualmente de muitos países nórdicos que, anualmente, promovem a Festa da Batata, com muito turismo.

Na gíria, segundo dicionário consultado, quando se diz “na batata”, significa “sem possibilidade de erro, ou ainda, no duro”.

Quer dizer, quando o sujeito é batata, ele pode ser considerado e chamado de “cara legal”, não erra e é ali, durão. Ora, se um indivíduo recebe um apelido de “batata iluminada”, deve se sentir satisfeito, porque se batata é ser bacana e ser ainda iluminado, e não opaca, oca, vazia, é bom demais. Luz é vida. Iluminação na vida é tudo.

A pessoa iluminada é predestinada a vencer na vida, enquanto que as “apagadas”, o próprio adjetivo já as define: são pessoas sem brilho, sem corpo, sem forma, sem tamanho normal, pequenas (embora façam força para aparecerem grandes) pois, segundo um escriba menor, “ser grande é ser incompreendido...”

Ser grande, aproveitando a frase mal lançada do escribinha (ou escribazinho) é fazer uma coisa assim:

“Nessas angústias que oprimem,
Que trazem o medo e o pranto,
Há gritos que nada exprimem,
Silêncios que dizem tanto...”

Ser grande é ser independente e não dependente.

Ser grande não é pegar o metro e dizer: tenho 1,50!

Ser grande é ser como Einstein, que, quando interpelado por um repórter, do porque vivia com toda aquela humildade, apesar de ser um grande homem, ele respondeu:

“Não serve para ser grande, quem não sabe ser pequeno.”

Ser grande é, acima de tudo, saber calar, pois como reza o antigo refrão popular: em boca fechada não entra mosca...

Apelidaram-no de batata iluminada... ele sorriu... porque sabe que aquele que vive nas trevas, pensa que a luz é um mal, pois lhe fere os olhos.

Os Altares estão Vazios

O altar da família está vazio. Creio que jamais houve, como agora, uma autêntica desagregação familiar. Será culpa da televisão, que acabou com o diálogo outrora existente entre marido e mulher e entre pais e filhos? Será culpa do espírito competitivo da mulher que quer trabalhar fora, deixando os problemas da família para um plano inferior? Quando o pai ou a mãe voltam ao lar e os filhos querem levar a eles os problemas diários, não há tempo, pois precisam ler os jornais ou ver televisão. E, quando os filhos erram – buscando soluções que julgavam acertadas e sem a orientação necessária – por absurdo que possa parecer, eles, pais, perguntam aos filhos onde eles erraram...

O altar da fé está vazio. O homem, hoje, não se preocupa quase nada com sua formação espiritual. O materialismo, a ânsia do mundo moderno, conduzem-no ao total esquecimento da busca da fé. Só se lembra de seu Deus em horas extremas ou desesperadas. Aí, em verdadeiro estado de necessidade, buscando uma tábua de salvação, socorre-se da fé, depositando alguma importância nas caixas de coleta, rogando, àquele que olvidou, que o tire do “sufoco”...

O altar da pátria está vazio. A brasilidade chegou a tal ponto negativo que, para tristeza generalizada, quando, num estádio de futebol, ao executar-se o Hino Nacional, onde estão perto de 100 mil pessoas, apenas umas duzentas balbuciam, hesitantes, a letra histórica. Não conhecem a letra e tem vergonha de cantar? Dolorosa e irrespondível interrogação...

O altar da cultura está vazio. Nos jornais diários há uma verdadeira agressão aos postulados da “fermosa” língua do Lácio, “com que Camões chorou no exílio amargo”. Não só a desinformação pulula e campeia em todos os órgãos informativos. Dias atrás, um periódico noticiava que “o corpo do comerciante foi encontrado crivado de balas e ainda em bom estado de putrefação”. Outro dizia que a arbitragem do Juiz da contenda pebolística “foi muito péssima”... poucos são os nomes que se destacam, pelo real valor na literatura e, no entretanto, há uma verdadeira avalanche de nomes exponenciais na música popular

brasileira, como Rita Lee e Odair José, que assassinam nossa cultura diariamente.

O altar da justiça está vazio. Desgraçadamente, assistiu o Brasil inteiro, anos atrás, ao julgamento de Doca Street, onde o público que lotava as dependências do Fórum de Cabo Frio tripudiou e humilhou o mais alto bastião democrático, que é o Tribunal Popular do Júri. Até piquenique houve no Júri, sem se falar das vaías tonitruantes e das gargalhadas estrepitosas, tudo sob o olhar compassivo e cansado do magistrado que, a meu ver, deveria evacuar o recinto imediatamente. Não vamos criticar a decisão dos senhores jurados,

– pois o Júri é soberano.

Mas vamos, sim, deixar nosso repúdio à claque e às torcidas organizadas que, num autêntico e desabusado desrespeito à majestade da Justiça, parecia uma turba multa, inculta e degenerada, que para ali fora como se a presenciar uma partida de futebol ou a um espetáculo circense.

Os altares estão vazios. Os pilares básicos de uma sociedade parecem estar corroídos, destruídos em suas bases. A trilogia Deus, Pátria e Família, aliada à Justiça e à Cultura, precisa de supedâneos e estruturas sólidas, a fim de que não se esboroe na voragem da iniquidade e da vileza.

Urge providências inadiáveis e reparadoras, para que os altares não permaneçam nem continuem vazios, pois amanhã seríamos, como seremos, culpados por omissão, considerados tal qual restos mortais de velas deixadas e esquecidas no mármore frio das esperanças perdidas.



Psiquiatria Prática

Dr. Eugênio, psiquiatra da velha escola de medicina, recebe, em seu consultório, um esbaforido cliente, suarento, que conseguira marcar aquela consulta com muito custo, até porque o Dr. Eugênio era considerado o

melhor dos melhores e seu consultório vivia apinhado de gente.

Assim que ingressou na sala do doutor, o paciente já demonstrava uma enorme impaciência, e já foi contando o que lhe afligia – Dr., o senhor precisa me salvar, não sei o que faço mais da minha vida...

O Dr. Eugênio acalmou-o.

- Como é seu nome, meu amigo?

- Silvério, doutor, Silvério, às suas ordens.

- Muito bem, Silvério, diga o que tanto lhe aflige, pois vejo que está bastante nervoso...

- Nervoso? Eu? Tá louco, doutor. Eu tô é louco, doido de pedra, querendo matar alguém...

- Calma, atalhou o velho doutor. Conte-me, por favor, o que está deixando você assim.

- Vou lhe contar, meu doutor. Tenho a certeza que minha mulher tá me traindo... tá me traindo não, me trai mesmo. Pra ter certeza, imagine o senhor, que inventei uma viagem para São Paulo e que ficaria lá por uns três dias. Na frente da minha casa tem uma mangueira, que dá de frente para a janela do meu quarto. De noite, subi na mangueira e vi, doutor, eu vi minha mulher na cama com um fulano que nem sei quem é, e me deu uma vontade de dar uns tiros nele...

- Calma, atalhou o doutor, beba um pouco de água para acalmar...

- Acalmar? Doutor, essa história se repetiu no primeiro, no segundo e no terceiro dia, pois minha mulher pensa que estou viajando... olha, doutor, eu vou matar aqueles dois ou eu vou ficar louco...

- Calma, meu amigo, calma...

- Calma nada doutor. Eu quero saber o que o senhor me aconselha, pois minha vontade é matar ou morrer.

Aí, nosso doutor, começou a pensar, no que foi interrompido por Silvério...

- Diga-me, doutor, o que eu faço pra acabar com esse meu sofrimento?

O velho doutor, experimentado na vida de resolver problemas, foi curto e grosso:

Olhou bem nos olhos de Silvério e lascou:

- Seu Silvério, corta a mangueira!



JOSÉ PEDRO FRAZÃO

Nasceu em Belém (PA), em 1955. Reside em Anastácio (MS) desde 1980. Professor e jornalista, fundou em 1982 o jornal "O Porta-Voz", em Anastácio. Foi secretário de Educação e Cultura de Anastácio. Dentre suas obras, destacam-se: Nas Águas do Aquidauana eu andei (romance ecológico) e Tuiuiú My Brother. Ocupa a cadeira nº 29 da Academia, da qual é o atual vice-presidente.



Ingratidão

Andando calmo pela rua incauta,
Achei um incauto verso pelo chão;
Não tinha dono, pai, amigo, irmão,
Era só um pobre verso ali sem pauta.

Compadecido, enchi o verso triste...
De carinho, amor, sentido e oração;
Limpei as palavras do seu coração
E dei-lhe o melhor verbo que existe.

Depois de tudo, o verso deprimido,
Que alimentei de rima, amor e emoção,
Virou-se contra mim e, sem explicação,
Fugiu, deixando-me só, ali, perdido.



Oração do Tuiuiú

Ave, Rei Tuiuiú cheio de graça!
Bonito és tu entre os animais
Viventes dos quentes pantanaís,
E divino é o céu quando tu passas.

Santificadas sejam tuas asas,
Voa por nós mortais sonhadores,
Poetas, artistas e trovadores
Do Éden Pantaneiro, que é a tua casa.

Eleva a Deus-Pai os nossos versos,
No teu voar manso, calmo, divinal...
Por todas as trilhas do universo
E trilhos do celeste Pantanal.

E dize ao Nosso Senhor em oração,
Que as aves sagradas pantaneiras
São mensageiros Anjos de Arribação
E a beleza da fauna brasileira.



Trovas de Natal

Famílias e povos se dividem,
Credos e seitas se conflitam,
Ateus e crentes se agridem,
Países e raças se agitam.
Dinheiro e igrejas se avultam,
Homens e bestas se devoram,
Pobres e ricos se consomem,

Crianças e velhos se apavoram.

Dias e noites vão passando,
E os anos o tempo consumindo,
Luzes e trevas se alternando
E a chama do amor diminuindo.

Enfim, é Natal, que alegria!
É a trégua da luta infinita,
É a Paz que nos traz a estrela-guia,
É um dia em que Deus nos visita.



Anjo de Pedra

Quando a primeira luz cruzou o meu caminho,
Um anjo de pedra zombou de mim e disse-me:
Vai, Pedro, andar pelo caminho das pedras
E ralar teus joelhos na montanha.
Vai tirar pedras dos caminhos
E extrair teu pão das pedras.
Caminha pelo meio do caminho
E nas pedras grava o teu caminhar.
Desvia-te das pedras presas
E das gentes presas te desvia.
Mas anda sempre no caminho das pedras,
Porque no meio das pedras do caminho
Haverá pedras de Dante e Drummond
A desafiar teu imaginário.
E se atirarem pedras contra ti,
Junta-as com as pedras do caminho
E constrói com elas a tua montanha,
Pois é lá no topo que te esperarei

Para curar teus joelhos feridos
E andar contigo o resto do caminho
Iluminado por estrelas de pedras.



Onda Suja

Soberbo, o Rio Aquidauana
Perguntou à Ponte Velha:
- Como me vês, nobre dama,
De tua alta passarela?

Rija nos pilares, a Ponte
Ouve a voz do pobre nicho,
Espia abaixo, ergue a fronte
E diz: - Aqueronte! Lixo!

O rio, tristonho e ofendido,
Corre aos braços do rei mar,
Onde será bem acolhido
A qualquer hora que chegar.

E pra não chegar poluído
Vai rezando o rio e some
Pelas margens oprimido
E agredido pelo homem.



Mandala

Chegou partindo pro meu lado-inteiro
Feito um anjo sem que vendo-visse,

Murmurando coisas disse-que-não-disse,
Com um olhar-cego puro-interesseiro.

Abraçou-me forte sem querer-carente
E naquele abraço solto-apertado
O meu corpo todo se soltou-colado
Na sua pele suave morna-fria-quente.

E um beijo seco-úmido-molhado
Sugou-me a alma calma-agitada,
E sem saber sabendo que sabia nada
Coração parou batendo-apanhado.

Foi momento eterno que achei perdido
Na sua boca-porto do meu mar de brisa
Como um verso torto-certo-à deriva
Singrei vero-sonho pra rimar perigo.



O Colibri

O beija-flor que, há pouco, alegre flutuava
Feito auréola n`ua meiga rosa chamejante
Pelos raios matinais que a flor doiravam,
Débil, ficou sob a roseira, agonizante.

Fora alvejado por uma pedra vil, mortal...
Que duma funda má partiu veloz, certaíra,
Pra destruir no coração do Pantanal
O doce beijo do colibri na trepadeira.

Roxas de luto vertem lágrimas tristes flores,
Prantos de orvalho que no chão caem mansinho...

No frio silêncio onde se amargam as grandes dores
Que afligem o vento e as folhas mortas no caminho.

Como os amores que em meu peito deram em nada,
No esmaecer de tuas pupilas, passarinho,
Vejo morrer nos lábios os beijos da minha amada
Que sucumbiu ao amor de outro, sem carinho.



Poda

Os moradores daquelas ruas verdejantes
Retornavam para os filhos esfomeados,
Quando bombardeios mortais descontrolados
Destruíam as casas e seus frágeis habitantes.

A violência dos ataques e da ganância
Não poupa a vida de pequenos inocentes,
Vai massacrando, destruindo impunemente...
Sob a égide da ambição e da ignorância.

Como um forte tsunami devastando
Indefesos e inofensivos - coitadinhos!
Que a cidade alegam e enfeitam dos seus ninhos,
Os homens e suas máquinas vão matando...

Mas não é guerra, pois as vítimas não reagem,
Apenas quedam dos seus lares os passarinhos,
Coloridos, belos, adultos e filhotinhos,
Ante a insana poda de árvores e folhagens.



LUCILENE MACHADO

Nasceu em Terra Rica (PR). Professora universitária. Publicou: Plântula, O Gato Pernóstico, Coisas de Mulher e Fio de Saliva. Ocupa a cadeira nº 36 da Academia.



Biografia de Amores

Texto I

Eu o encontrei sem esperar, quando olhei pelo buraco da fechadura de uma capela em São Paulo. A capela estava fechada e acesa. Tive de decidir se entrava ou não. Dois minutos de espera para atravessar o caminho dele como uma flecha. Eu vestia saia preta com fendas atrás e blusa colada no corpo. Salto alto, olhar altivo e a falsa ilusão de que sou dona do meu destino. Perdoem-me a falta de modéstia, não sei mentir em outro tom. Desde que a porta da capela se abriu, ficou no ar o risco de amor sem limites. Aquele misterioso respirar de fogo que acontece poucas vezes na vida. O véu que cobria meus cabelos colou em minha garganta enquanto a tarde baixava sobre os chuviscos eloquentes da cidade. Farejei o clima romântico no ar. Um milagre iria acontecer. Pude contemplar os olhos dele a se incendiarem enquanto lia o meu silêncio. Lia e relia. O que vou relatar são imagens, a contundência é por vossa conta. Não consegui ajoelhar-me quando o sorriso dele floresceu sobre o nada. Não tinha muita certeza das coisas, não sabia se podia confiar naquele homem alto com ângulos fortes no rosto. Penso que nunca temos certezas, o que também não faz grande diferença. Certo é que não lutei contra o ritmo natural das coisas. Aliás, nunca crio resistência quando a vida sai de seu lugar comum. E quando a

mentira se aproxima da verdade, não ousou classificá-las. Estou longe de ser essencialista.

As sílabas se reproduziram em centenas antes de nos olharmos face a face. Vi as palavras viajando para se organizarem em enormes poemas. Metáforas de sonhos assinalando versos. Dava para escutar o tempo como um relógio à distância. No vitral, cores desenhadas em corações aflitos. Quem são essas almas que acenam clandestinamente para a minha felicidade? Felicidade tem nome e cor. Meu nome eu esqueci. Uma cruz, um sino, uma flor. As nuvens no teto seguindo a mão de Deus. Um arcanjo voando no balanço das lâmpadas. Ajoelhamos ao mesmo tempo numa leve coreografia. Abraçamo-nos enquanto a chuva caía, o céu caía e um novo amor brotava das profundezas divinas. Vestem-se os séculos de cetim que nosso poema nasce no palco de Deus. Abri as cortinas de meus aposentos mais íntimos para ele entrar. Por que não? O amor será sempre um acaso, será sempre um engano que se escolhe e do qual, nada se sabe. O amor romântico que salvou a humanidade também a oprime. E eu me sinto humanidade debaixo dessa pele fina quase envelhecida.

Preciso confessar meus pecados. Damas que montam a cavalo perdem cedo a virgindade. Fui amazonas. Cruzei o mundo sobre uma cela. Mulher estrangeira e peregrina nesta terra. Mas, solenemente declaro que sou filha de Deus e tenho os seios redondos como os da virgem que amamenta o menino. Seria sacrilégio essa comparação? Sou a pecadora que Cristo conforta e salva todos os dias com o sangue que emana de seu flanco.

Ele não apenas acreditou, também usou o dedo indicador para tocar o bico do meu seio esquerdo e com a outra mão segurou o seio direito, redondo e imaculado.

Ouvíamos ao longe um canto gregoriano, o mesmo que ouço nos momentos de perdão. A música, o cenário e a voz dele tornavam o momento sagrado. Mas senti vontade de ouvir Monteverdi, o lamento de Ariadne, ária profana de um amor desgraçado, mas entoado dessa vez com outros versos, de modo santo para expressar meu estado

puro. Um canto em soprano, com acordes harmônicos refinados. Um canto mitificado de essência inigualável para delinear nossa inusitada aproximação. Saímos juntos da capela à procura de nossa música, de nossa história, de nosso amor.



Texto II

Nos encontramos num bar em Paris. Chovia fino nos telhados vermelhos dos prédios antigos, que deviam estar há muitos metros da nossa cabeça. O silêncio dessa distância devorava as palavras antes que elas fossem ditas. Ele lia um jornal. Eu lia as palavras que foram escritas nas paredes, muitos anos antes d'eu nascer. Palavras voláteis, alheias, despencando no tempo de uma saudade. O bar ficara grande, como se houvesse apenas nós dois. Sem violinos, sem cítaras, sem um cantor a debulhar palavras amenas. No ar, somente sílabas soltas em idioma que eu não conheço. Tive vontade de me aproximar. Entabular uma prosa de aromas e paladares, falar das pequenas cidades de nomes desconhecidos e descobrir qualquer coisa em comum entre os nossos mundos. Talvez ele fosse um artista. Talvez soubesse desenhar e fizesse alguns desenhos em papel de embrulho e me presenteasse dizendo algo inteligente, excessivamente inesperado, como sonham as mulheres que ousaram explorar Paris, sozinhas. Possivelmente eu também ousaria inventar uma caligrafia redonda e escreveria algo romântico como espera um homem que lê jornal num bar parisiense.

Mas ele seguia indiferente a tudo, inclusive a meus pensamentos furtivos. Sequer percebeu que os homens que lêem despertam a minha cobiça. Mais que isso, despertam pensamentos corrosivos e persistentes. Olhei firmemente, ele abaixou o jornal e seguiu como se estivesse lendo, mas a posição em que se colocou resvalava em uma dúvida. O corpo sempre fala mais alto. O corpo grita. Seus cabelos fartos e cachecol

jogado aos ombros revelavam um homem inteligente. Homens inteligentes têm uma elegância despojada. Algo quase natural, quase inato. E essa distância entre o ser e o não-ser é que os tornam irresistíveis. Daí que não desgrudei os olhos dele e passei a estudar uma estratégia de aproximação. Mas não tenho proficiência nisso. É uma linguagem que manipulo muito mal.

Aproximei-me a passos lentos para que ele tivesse tempo hábil de se preparar. Correr, se quisesse, virar de costas, abaixar as vistas. Mas ele manteve o olhar fixo em qualquer ponto detrás de mim. O que lhe proporcionava uma visão ampla, que ia se afunilando em meu rosto, à medida que eu me acercava. O silêncio me constrangeu, mas não havia tempo para desistir. Como uma mulher tímida, feito eu, se arrisca em investidas tão ousadas? Risquei o muro do constrangimento com um “conhece um café onde se pode ouvir músicas francesas?” Ele me estendeu um olhar discretamente desconfiado e perguntou: “veio da Ucrânia?”

Minha língua poderia até ser confundida com o espanhol, minhas atitudes cheias de gestos poderiam lembrar o italiano, mas o russo? Decepcionada, só consegui negar com a cabeça e engolir meu sotaque brasileiro, ressuscitado num passado verde entre campos e vacarias fortemente vincados em minha memória.

Não habituada a ser tratada com indiferença, espreitei meu olhar para fora do bar, e marchei em seguida. Mas não houve tempo para que eu me decidisse a entrar em qualquer outro local, nem mesmo para me esconder da chuva fria, pois senti uma mão masculina me tocar. Aturdida, encenei também meu gesto de indiferença. Segui muda por uma alameda que eu já conhecia de filmes e cartões postais, mas a paisagem não mais importava. Importava que ele seguia ao meu lado. Espreitávamos para fora como quem olha para dentro. Eu tinha medo de pronunciar qualquer palavra e ele não entender. Medo de alterar a cena, de afastar aquela sintonia surda que estava nos encaminhando para uma catarse parisiense.

Entramos em uma barca que descia o rio Sena. Parecia armação

de filme francês. Uma música, um lugar, duas pessoas e nenhum diálogo. Sentamos em um canto discreto. O lustre antigo movimentava-se sobre a mesa. Não sabia o que dizer, o que sentir. Minha cabeça era uma fábrica de idéias inconclusas. Mas no exato momento em que eu ia pronunciar a primeira palavra, ele precipitou a mão vagarosamente sobre a mesa como se estivesse procurando um lugar no mapa do meu corpo e já soubesse que a fronteira era a ponta dos dedos. Ficamos os dois olhando para o que ele ia fazendo. Meus dedos foram abrindo-se ao toque dos dele e vagarosamente se cruzando, amalgamando-se como velhos conhecidos. Nossas mãos brancas incorporavam nossa nudez antecipada. Nossas respirações se aceleravam, inspirações longas que chegavam a embaraçar. Parece que ele sabia do meu pesadelo obsessivo por mãos de homem. Principalmente as bem feitas, marcadas por veias nervosas e azuis. Percebi que as pessoas presentes nos observavam. Perfazíamos uma imagem que chamava a atenção. Uma imagem tão bonita que merecia ser eternizada nas antigas porcelanas francesas.

Depois de todos os beijos, ele perguntou meu nome, minha nacionalidade, meus sonhos... e seguiu perguntando se não quero conhecer a Ucrânia.



Texto III

Era uma noite sem fundo equilibrando-se entre a névoa da insanidade e o veneno da poesia. Saí em direção de outro destino. Mas é difícil apontar para algum norte quando não se sabe onde ele fica. Na dúvida optei por um pouso provisório, quase clandestino, desses em que se oferecem meia pensão, meia diária, meias mentiras... A vida é mais barata e mais leve quando se vive pela metade. Entrei com uma parte de mim. A mais perigosa de todas. Cabelos louros, pele dourada, dentes brilhantes e lábios molhados de *gloss*. Posto isso, subi uma velha escada

de madeira que dava para o pequeno hall cuja porta se abria para uma sala com jornais, televisores, computadores e um espaço para fumar na sacada. Tudo iluminado por uma luz que não perdoa nada, nem a rachadura numa parede, nem a varanda mal varrida, nem as rugas nas caras das mulheres, nem o sol apodrecendo numa réplica de Monet.

Apesar do lugar pouco atraente, havia pessoas. E lugares só funcionam quando existem pessoas. Lugares sem pessoas são ociosos e insossos. Se eu tiver que escolher entre lugares e pessoas, fico com as pessoas, mesmo com as que estão vazias. Os gestos moldados no silêncio não têm sentidos. Mas sei tão pouco sobre pessoas. O ser humano e suas grandes verdades. Não tenho a intenção de falar de verdades, prefiro as pequenas mentiras, mas não aprendi discerni-las. O amor é o desamor que açoita a pele e penetra os poros dilatados. Verdade para uns, mentira para outros.

A essa hora, o amor passeia lentamente pelos quartos vazios da pousada. Ele que fique só, olhando-se no espelho, sentindo-se esgotado, velho e feio. Ele que morra de abstinência, inanição e desprezo. Maldade? Na morte não há compaixão. Na morte só há saudade. As mãos, o olhar, os beijos. Depois um gesto recolhido, silencioso. Um pedido de “por-fa-vor-me-es-que-ça”, um abalo sísmico na geografia do corpo.

O amor passou por mim, todo mundo percebeu. O moço que fuma na sacada me estende um olhar cinzento e complacente. O outro, da mesa quatro, bebe no copo sua tristeza gelada e parece conhecer a minha dor. O amor também passou por eles, não é difícil reconhecer suas marcas, deixa erupções na pele, cicatrizes visíveis e não há nada de extraordinário nisso. O amor é assim, meio ridículo, meio insano. Olho para os lados e vejo pessoas esvaziadas, sem o menor desejo de serem assediadas. Às vezes, sinto medo delas. Às vezes, sinto medo de mim. Sei que pareço uma criança assustada, mas hoje não estou disposta a ser recatada.

Há cinco metros de distância entre mim e o balcão. Apoiado nele, de pé, e quase de costas, um homem de suéter negro. Sozinho, como eu, como a maioria. Cabelos fartos e cinzentos, além de um porte

másculo e elegante que o diferencia dos demais. Fiquei impressionada apenas com o que pude ver. Com ele eu seria capaz de cama, mesa e banho. Mas é tarde para pensar nisso. Sou mulher adulta, ciente de que se pode viver sem amor, que se pode respirar livremente, piscar e engolir as palavras, sem gemidos e sem lágrimas. Não preciso passar horas embaixo do chuveiro tentando lavar o que está por dentro. Nós mulheres temos uma capacidade inata de nos auto-enganar e justificar nossos pecados. Claro que às vezes fica uma culpa roendo os ossos, mas para que pensar nisso agora? Fixei meu olhar no homem de negro. As pessoas percebem, mesmo de costas, um olhar fixo. E viram-se vagarosamente para procurar o foco. Encontram-no, acionam o zoom para captar os detalhes e seguem o cheiro do desejo no ar.

O homem veio até a mim como se estivesse atraído por um imã. Tinha olhos festivos e traços angulosos. Havia qualquer coisa de exótico no conjunto do rosto que eu não soube captar. Qualquer coisa de mistério que eu queria e não queria descobrir. Ele ficou sem jeito, o que me deixou tímida (sempre fico tímida nas horas impróprias), disse que eu era bonita e que gostava do meu jeito discreto. Senti que corei. A timidez é vizinha da insensatez. “Por favor, que horas são?” perguntei antes que ficássemos íntimos. “Cada instante é imortal”, respondeu-me, demonstrando estar cheio de palavras envolventes para dizer e que, apesar das efemeridades, era possível usufruir um pouco de romantismo. Engulo os pensamentos num gesto de coragem. Matar os pensamentos me deixa alerta como um cão farejador. Ele percebe que aquele meu estado pode ser um pedido de socorro. De “por favor não diga nada, eu não me sinto preparada”. Intuí que eu estou desnorteada e sem instrumentos para gerenciar o silêncio gravíssimo a nos rondar. Eu quieta e inquieta. Eu viva e com a alma em reboliços. Eu com olhar esgazeado de fêmea que só queria curar a dor de uma rejeição seguindo os pontos cardeais e estava prestes a cair na própria armadilha.

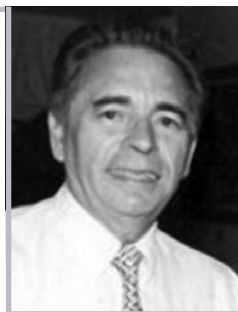
Melhor ir dormir antes do constrangimento das palavras. Claro, não preciso viver esses frêmitos de ansiedade. Posso pagar a noite num quarto amarelado de pé-direito alto, com luz de detector de incêndio no

teto. Posso passar oito horas olhando a luz vermelha piscar sem mal-dizer a solidão. Melhor não me deixar enlaçar no fio frágil da sedução que mal nos ligará ao improvável dia de amanhã.

O homem bonito acende um cigarro para me dizer que a vida é breve. Aponto para a ala dos fumantes. Ele apaga vagarosamente o fogo com a ponta dos dedos. Um gesto que me excita e apavora. A fumaça se mistura ao meu rude pensamento: ele tem sensibilidades e fraquezas, meu Deus! Talvez tenha a mesma dor que eu. Aproveito o momento turvo para olhar o relógio. Que tempo mal situado, enroscado na lucidez das circunstâncias. Sei que vou lamentar a oportunidade que me escapa pelos vãos dos dedos. Os mesmos dedos capazes de apagar um cigarro e promover prazeres da carne. Prazeres que eu rejeito com um olhar. Sinto um nó na garganta, as palavras não pronunciadas dormirão em meu coração discreto, ou em nossos corações discretos. Como essa vida é complexa, meu Deus.



REGINALDO ALVES DE ARAÚJO



Natural de Itabaiana (PB), nasceu em 1946. Professor e presidente da Associação dos Novos Escritores de MS e fundador do Jornal Arauto. Dentre suas obras destacam-se: Saga Pantaneira, Futebol - Uma Fantástica Paixão, Futebol Campo-Grandense, O Paladino do Pantanal, e Frei Gregório de Protásio Alves. Ocupa a cadeira nº 21 da Academia, da qual é o atual presidente.

Elpídio Reis Doze Anos de Inconsolável Ausência

Lembro-me, nitidamente, como se fosse hoje, o dia 28 de abril de 1997, as horas mais tristes vividas pela augusta Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, nos últimos doze anos – o sepultamento de Elpídio Reis, um dos mais brilhantes presidentes desde a fundação do referido sodalício (30-10-1972). Naquela tarde rebrilhava o sol numa deificação tropical. Um dilúvio de luz inundava o Parque das Primaveras, por onde escuava o fúnebre préstito. Na capela do cemitério, os últimos minutos do velório, a cena era das mais comoventes. Em nome da Academia o confrade José Pereira Lins, emocionado, homenageou o pranteado e, como último ato, o vice-presidente da Casa, Arassuay Gomes de Castro cobriu o esquife com a bandeira do estado de Mato Grosso do Sul. Mais de uma centena de amigos e admiradores, jornalistas, escritores e autoridades políticas ali estavam, em pranto, prestando o derradeiro adeus. Não há quem diante de tamanha tragédia, em que se abismou um dos mais fúlgidos talentos da literatura sul-mato-grossense e brasileira, não sinta intimamente abalado.

No trajeto entre a capela e a sepultura, conduzindo o féretro, senti o povo de Mato Grosso do Sul e brasileiro orfanados de mais um filho que os ilustrava. Também lembrei de minha amizade com o Dr. Elpídio, de nosso contato diário, através de telefonemas, bilhetes e pessoalmente. Escrever sobre Elpídio Reis é um desafio. Outros já o têm feito, outros ainda o farão melhor. Não há muito, o víamos aí pelas ruas de Campo Grande, na sede da Academia (frequentemente) e, com intensa alegria, nos eventos literários promovidos pelo sodalício e demais entidades literárias do Estado.

Quando quem escreve estas linhas começou a entender de literatura, já o nome de Elpídio Reis era apontado como o de exímio cultor das letras. Sua obra jornalística espalhava-se nas páginas do jornal Correio do Estado, agigantava-se nas célebres colunas semanais “DESFILÉ” e “DÁ PRA ENTENDER?”. Suas crônicas, seus contos, suas poesias, seus romances, todos inseridos nos quase vinte livros publicados acusavam o labor de um artista da palavra.

Modesto nas suas origens, ainda menino, na sua Ponta Porã, veio estudar no Colégio D. Bosco de Campo Grande e, daqui, alçou vôo para o Rio de Janeiro onde, com distinção, bacharelou-se em Direito, Serviço Social, Jornalismo, Relações Humanas e Relações Públicas. Exerceu várias funções importantes na Cidade Maravilhosa: Diretor Superintendente da Legião Brasileira de Assistência (LBA), Diretor do Serviço de Censura e Diversões Públicas e outras. Para gozar a merecida aposentadoria escolheu Campo Grande como cidade refúgio. Ao chegar, em 1986, os amigos o conduziram à Academia. Uma vez empossado, assumiu o cargo de Secretário Geral e, no ano seguinte, foi eleito Presidente; função que exerceu até o seu falecimento. Ele cresceu até às alturas em que o vimos.

Tornamo-nos inseparáveis companheiros quando idealizamos e fundamos a Associação de Novos Escritores, no dia 13 de junho de 1989, tendo ao nosso lado os vibrantes acadêmicos José Barbosa Rodrigues e Júlio Alfredo Guimarães. Ele, em nome da Academia, participava dos lançamentos de livros da nova entidade, na capital e no interior. Em

nossas andanças literárias conversávamos muito. Era um “caboclo” bom de prosa. Apenas dois temas diluíam-se em suas assertivas: a religião e a política – duas causas por que mais se apaixonam os homens. Era impressionante a sua fuga nesses assuntos. É que isso, e com razão, lhe parecia uma luta e ele absolutamente não se propunha lutar, talvez porque a religião apresentasse mistérios ainda não desvendáveis e a política porque se debatia, através dos tempos, na viciosa ausência de crédito.

Elpídio era amado pelos escritores. Com a sua voz verdadeira era simpático aos mais velhos, e bem querido dos novos, para quem sempre usava de benevolência.

Notabilizou-se como Presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, criando e executando 20 projetos de alcance educacional e literário, sem precedentes no Estado. Um dos mais aplaudidos foi abrir a biblioteca permanentemente ao público, transformando o sodalício num órgão gerador de propostas e estimulador de pesquisa. Considerado o mais célebre dos projetos foi a campanha de Angariação de Livros, que eram depois distribuídos a entidades carentes; assim, foi formada mais de uma centena de mini bibliotecas pelo Estado.

Eis o que eu pensava conduzindo, no meio da multidão, com mãos trêmulas e olhos rasos d’água, Elpídio Reis ao seu último jazigo. Ao tempo em que por vezes dirigíamos eventos literários, tinha Elpídio uma frase feita, para designar o seu entusiasmo pela nobre arte de escrever: “O ALGO MAIS”, que era, tão somente, escrever abundantemente e publicar. Mas chegou a sua vez e partiu suave, resignado, santamente, a dormir o último sono. Olhei desolado o ataúde a quase sumir na sepultura. O sol das 16 horas, dardejante, em uma ardente carícia de amor tocava-lhe e, dentro dele Elpídio, imóvel, frio, hirto, mas gloriosamente osculado pela impoluta grei dos homens de letras e prestes a esconder-se no seio da terra.

Diz a sabedoria popular que todo túmulo é digno de lágrimas. Em todo féretro escondem-se mundos de afeto. Não há tumba, por mais humilde que seja, onde não chore uma saudade. Confesso que quando

me apartei da sepultura, lá deixei o meu afeto e carrego até hoje uma imorredoura saudade.

A comunidade literária reclama um bronze histórico num logradouro da capital. Quando? Onde? Não importa, mas que venha. Pois nós outros, que amamos as letras, já erigimos dentro do nosso coração UM BUSTO DE PALMAS ao imortal Elpídio Reis.

Hoje exercendo a magna função de presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, compreendo, nitidamente, que ele é o maior de todos os modelos como administrador do nosso sodalício.



Demosthenes Martins **Caráter exógeno auriluzente**

Março de 1995, 12 anos que DEMOSTHENES MARTINS nos deixou. Nunca é tarde para se recordar um amigo. Quem conheceu o Dr. Demosthenes, conheceu um caráter. Da simplicidade de seus modos, sobressaía-se um espírito que, por ser sempre dedicado, congregava em torno de si um mundo de simpatias.

No primeiro momento que o vi, eu estava em busca de um escritor para prefaciar meu primeiro livro, afigurou-me, então, aos 80 anos, um simples aposentado defensor intransigente do lar e da pátria brasileira. Sabedor do meu propósito, aprumou-se no confortável sofá, na sala de recepção, acenou para Dna. Corila, a querida esposa, e num instante, estávamos saboreando o café, recheado de animado “dedo de prosa”.

Proporcionalmente à palestra, a impressão de aposentado desaparecia célere, eletricamente, aflorando um vulto homérico das letras e dos destinos de Mato Grosso do Sul. E aquela fogueira meio encoberta, parecendo quase extinta, recende-se como por encanto. Tudo era então um brilho imenso, onde crepitavam as labaredas de suas frases tersas, esvoaçavam as chamas azuis de seu linguajar arrebatador e, ardiam as

brasas encandescentes e vivas de seus conceitos literários, jornalísticos e filosóficos. Contava de como conhecera o inigualável Cândido Mariano da Silva Rondon, por que veio para o misterioso Mato Grosso em 1915, de como se tornou advogado provisionado (rábula), promotor e prefeito de Nioaque (1921), prefeito de Bela Vista (1923), prefeito em Campo Grande (1941), Secretário do Interior, Justiça e Finanças do Estado de Mato Grosso (1951), membro representativo de Mato Grosso na famosa Centrais Elétricas de Urubupungá S. A. (CELUSA).

Também não escondia, na sua santa humildade, o orgulho de ser membro da Academia Mato-Grossense de Letras, do Instituto Histórico de Mato Grosso, de ter sido um dos fundadores da Academia de Letras e História de Campo Grande (1972), que deu origem a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (1979) e ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul.

Daquele momento (1988) até o dia de sua morte (15-03-1995), fui um assíduo frequentador de sua casa.

Dr. Demosthenes Martins, homem de caráter exógeno auriluzente, foi um dos nomes mais dignos das páginas gloriosas da história de Mato Grosso do Sul, quicá da cidade de Campo Grande.

O historiador e jornalista José Barbosa Rodrigues, em um de seus escritos diz: “Demosthenes Martins, de pequena estatura, trazendo no íntimo, alma de gigante, arribou no então semibravio sertão de Mato Grosso, na terra que alvorecia para a civilização, fincou raízes na sociedade, ajudou fazer revoluções, governou gente. Homem de alma grande, de coração boníssimo...”

Pelo que aprendi aos pés do Dr. Demosthenes, eu o considero um brasileiro ilustre, e cujo nome deve ser lembrado, principalmente, como triunfador de causas justas.

Como escritor escreveu “A Poeira da Jornada”, “A História de Mato Grosso” e “Campo Grande, Aspectos Jurídicos e Políticos do Município”.

Hoje Demosthenes Martins é nome de escola e de praça. Ainda é pouco. Campo Grande fica a lhe dever uma homenagem maior.

Seresta com a Alma de Cartola

Campo Grande, janeiro de 1988, 20 anos atrás, na residência do Dr. Demóstenes Martins (ex-prefeito da cidade, advogado, membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras) fui apresentado ao acadêmico e poeta Júlio Alfredo Guimarães, um coronel do Exército jubilado e que se dizia apaixonado por serestas.

Tornamo-nos bons amigos. Passei a admirar suas poesias, especialmente quando as declamava com extrema facilidade. Ele, com gosto, prefaciou “Os Meninos da Poeira”, livro que iniciei a minha carreira literária.

Ele baiano, eu paraibano, tínhamos o mesmo sotaque e as mesmas gesticulações no ato da fala. Travamos uma inquebrantável amizade até a sua morte, em 2003.

Numa noite de setembro de 1989 Júlio me levou ao salão nobre do Hotel Campo Grande onde celebrava-se uma noite de seresta especial. Nas vozes de intérpretes cantores campo-grandenses desfilaram Nelson Gonçalves, Augusto Calheiros, Carlos Galhardo, Ângela Maria, Cauby Peixoto, Dolores Duran, Ataulfo Alves, Silvio Caldas e outros.

Um inapagável momento de enlevo.

O instante de maior fulgor ocorreu quando o seresteiro Jorge Antônio Siúfi, com voz maviosa, levou a plateia ao delírio cantando “As rosas não falam”, do extraordinário cantor e compositor CARTOLA. Antes que a canção terminasse o poeta Júlio Guimarães, num salto, como um raio, apossou-se do microfone e, pausadamente, com voz baritonada, soletrou a página musical:

“Bate outra vez
Com esperança no meu coração
Pois já vai terminar o verão enfim
Volto ao jardim
Com a certeza que devo chorar

Pois bem sei que não queres voltar
Para mim
Queixo-me às rosa
Mas que bobagem as rosas não falam
e Simplesmente as rosas exalam
O perfume que roubam de ti, ai...
Devas vir para ver os meus olhos tristonhos
E quem sabe sonhavas os meus sonhos por fim.”

Não é necessário dizer que meu amigo poeta foi ovacionado de pé. No final da luminosa festa musical, emocionado, fiz questão de levá-lo até sua casa. No trajeto conversamos.

- Você conheceu Cartola, Júlio?

- Não...

- Tive mais sorte que você.

O poeta franziu a testa e abriu um sorriso indagador.

- Quando morei no Rio de Janeiro, em 1969, fui informado que o morro da mangueira estava em festa. Cartola, um dos fundadores da Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira, estava, naquele 11 de outubro aniversariando. D. Zica, sua esposa, comandava a movimentação no meio da quadra da escola. Corri para lá. Jamelão, o puxador de samba da Mangueira, empunhando o microfone cantava um samba-enredo da escola. Não pude entrar na quadra, era necessária a identificação numa senha. Na condição de estudante, morando em Niterói, às margens da Baía da Guanabara, eu não tinha. Contentei-me em esperar a sua chegada. Ele foi chegando, como um príncipe, rodeado de sambistas e autoridades. Postei-me no corredor que dava acesso a entrada da quadra. Sorrindo, no auge dos 60 anos, ofereceu a mão espalmada para quem pudesse tocar. Esforcei-me. Estiquei o braço e fui recompensado. Toquei, em cheio, na palma de sua mão.

Foi assim que o conheci. A única vez.

- Incrível...

Notei que o poeta queria saber mais. Matei-lhe a curiosidade.

Carioca da gema, Angenor de Oliveira passou a infância no bairro da Mangueira. Já moço, foi ele que teve a ideia de escolher o verde e rosa como as cores da Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira.

Trabalhava como pedreiro, para evitar que a tinta lhe caísse nos olhos, usava um velho chapéu coco, que lhe valeu o apelido dado pelos companheiros. Também foi tipógrafo e lavador de carros. Nas noites cariocas deixava transparecer sua doce alegria boêmia. Sambista de primeira linha e seresteiro de marca inconfundível: O jornalista carioca João Máximo escreveu: “Não há samba que seja mais samba que um samba de Cartola.”

Já passava de duas da manhã quando, no portão de sua residência, me despedi do poeta Júlio Alfredo Guimarães. Ele estava feliz e eu também.

OBS. Cartola faleceu no dia 30 de novembro de 1980.



Encontro Único com Gilberto Freyre

Não me constituirei narrador dos muitos eventos que vivi, entretanto, para não me furtar a lances de procedência histórica e surpreendente, debruço-me sobre um que marcou minha vida estudantil.

Estudante do curso científico, no Colégio Estadual de Recife (PE), fui, juntamente como os colegas, surpreendido com a visita inusitada do escritor e sociólogo GILBERTO FREYRE. Ali, segundo a direção da escola, naquela manhã faria palestra sobre a Abolição da Escravatura no Brasil, suas causas e consequências. Aquele maio de 1968 marcou-me indelevelmente. O auditório da instituição nunca esteve tão belo e convidativo. Um frêmito de impaciência agitou o espírito da estudantada. Um aluvião de palmas denunciou a entrada do maior sociólogo do país.

Ao assumir a tribuna, GILBERTO FREYRE fitou-nos por alguns

segundos, acariciou com a mão direita seus apontamentos, aprumou-se com elegância e, dando sonoridade à voz, ora pausada, ora ligeira, nos conduziu num verdadeiro banho de informações sobre a raça negra, sua origem africana, sua crença religiosa, sua dança, sua culinária e finalmente o descabro da escravidão nas Américas, especialmente no Brasil. Detalhou os instrumentos de suplício utilizados pelos brancos, as atrocidades praticadas por estes e, abrindo um doce sorriso, comentou o dia 13 de maio de 1888, a libertação dos escravos.

A cada pausa, a cada tomada de fôlego o renomado sociólogo recebia aplausos do auditório, completamente tomado pelos alunos.

Confesso que me senti como um granítico de areia num imenso deserto diante da sabedoria do palestrante.

No final, os alunos foram brindados com a sua obra prima, “CASA–GRANDE & SENZALA”. O autor honrou-me com um aperto de mão.

Dias depois, após a leitura do livro, compreendi porque os críticos e eminentes personalidades literárias, faziam através do Diário de Pernambuco, rasgados elogios à obra.

— “Nenhum livro sacudiu o Brasil como esse “CASA–GRANDE & SENZALA”, nenhum abalou tão profundamente a opinião e tanto concorreu para que se escrevesse e se lesse em nossa pátria. É um despertar e um abrir de caminhos.”

Daquele glorioso dia (40 anos atrás) até hoje já passou muito tempo, muita água correu; “CASA–GRANDE & SENZALA” guarda a mesma grandeza. Discorde-se de idéias, de afirmações, de ponto de vista. Mas como não sentir a alegria de admirar, de compreender e de afirmar sua importância?

Uns dos maiores educadores do Brasil, Darcy Ribeiro já falecido, sentenciou: “GILBERTO FREYRE fundou o Brasil no plano cultural, tal como Cervantes fez com a Espanha, Camões com Portugal, Tolstoi com a Rússia, Sartre com a França.”

A partir daquele momento e após a leitura do livro mencionado, passei a admirá-lo como um grande mestre, um dos maiores da nossa história literária, comparável somente a outros grandes mestres como

Machado de Assis e Euclides da Cunha, Coelho Neto e Joaquim Nabuco, Gilberto Amado e Alceu Amoroso Lima. Acrescento a todo esse valor como escritor e pensador o de sua simpatia pessoal, a elegância de maneiras, a inconfundível fidalguia que o tornou uma personalidade única. Amigo e glória de todos os brasileiros.

Tomei conhecimento através da socióloga Maria Elisa Collier, sua secretária particular, que cerca de 20 mil livros compõem a biblioteca do renomado escritor.

GILBERTO FREYRE nasceu no dia 15 de março de 1900, na cidade de Recife (PE). Como brilhante estudante, além da língua portuguesa estudou latim, francês fluentemente e inglês. Aos 13 anos foi redator do jornal colegial Lobato, porém aos 11 escrevera em Boa Viagem os primeiros versos: “Jangada Triste”.

É autor de mais de 100 obras entre livros, artigos, conferências e opúsculos. Alguns foram traduzidos em vários idiomas como “Casa—Grande & Senzala”, “Sobrados e Mocambos”, “Nordeste”, “Problemas Brasileiros de Antropologia”, “Sociologia da Medicina”, e “Homem, Cultura e Trópico”.

Bendito dia que vi e ouvi GILBERTO FREYRE.

Bendita saudade que até hoje me acolhe.



RUBENIO MARCELO

*Poeta, compositor e revisor, é autor de oito livros publicados e dois CDs musicais. Ocupa a Cadeira nº 35 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, da qual é o atual secretário-geral. Pertence também à Academia Maçônica de Letras de MS (Cadeira nº 13) e é filiado à UBE-MS. Recentemente participou - como convidado - da **I Bienal Internacional de Poesia** que aconteceu em Brasília, reunindo os grandes nomes da poesia nacional e do exterior.*



As Efigies da Noite, as Transcendências do Dia e os Gorjeios do Amanhã

A noite foi de esquecer.
A madrugada não me trouxe
o sorriso da lua.
A caligem da noite
fez-se fragosa montanha
e espreitou as nergas do meu pranto.
Já é dia.

Coágulos de ausência
e pálidos rastros de poemas
evolvendo dilemas
estão mirando o meu olhar deserto
na manhã silente...

Ah, certamente
esta efigie aflita que me acenou
e as sombras desta solidão,
quais fantasmas de longos braços,
irão querer me acompanhar.

No elevador, elevarão as dores
que não levarei pra rua.

No sinal vermelho
ficarei fechado, rádio desligado
e eu conectado
com recantações acorrentadas no tempo.

Depois, seguirei sereno
e até sorrirei
segurando a barra
e contemplando a direção...

Na lida, dividirei as romãs
que trago fecundando
a clarividência do sonho...

No final da tarde,
renovarei meu rosto
no espelho da esperança,
beberei no imperecível graal da essência
e sorrirei os madrigais da alma...

E, ao voltar pra casa,
entrarei em pujante sintonia
com a liberdade dos colibris
e o donaire dos roseirais...

Amanhã, cedinho,
ouvirei gorjeios
de canários imaginários...

Com eles, voarei por entre nuvens
e apendoados milharais...

Carpe Diem

(Ou: Meu Tributo Beatnick)

1.

Aquele berro louco
vindo das bandas californianas do Pacífico
fecundou o sangue anunciador
dos teus fachos de liberdade...
Fertilizou tuas raízes e ecoou no teu berço
embalando-te nas ondas-bebop.

2.

Em coito permanente com a palavra,
abates ampulhetas... Do tempo as areias vivas
são estrelas escarlates que te guiam
ao cálido útero dos guetos,
onde almoçarás despido de urgências
e viverás Kafka...
Onde comerás a maçã do reino prometido
e te servirás sobre as mesas
metamorfoseadas do teu inconsciente...
Onde contemplarás os 'melhores espíritos
da tua geração'.

3.

Nem só de homem morre o pão.
Na solidão vive e some. Consome-se. Vira palavra.
Sólidas palavras... lavras... parábolas...
Paralelas e alternativas visões
que reinam agora na seiva-história
que pulsa em ti e que, sem repulsa, te reinaugura.

4.

No sputnick dos teus sonhos, empreenderás viagem
buscando a centelha libertária do amor

na jazz-batida de corações iguais ao teu.
Sim... Pé na estrada!... Fé na vida refletida
do palco que gira na luz informe da madrugada...
À beira dos trilhos fosforescentes,
ogivas quebrarão os espelhos baços da noite
e montarão as pontes do sem-fim
para os vultos que procuram estrelas esquecidas,
ante alazões de olhos de camafeu
rebelados em labirintos abissais...

5.

Na tábola das meditações, transcenderás,
vivendo o eterno astral das bodas altivas.
Tingirás de orquídeas a tua glândula pineal
e adornarás com impudente piercing
a face da tarde cinza-avermelhada...
Na eclíptica escada da décima-segunda constelação
ou na esfumaçada oficina de arte da sexta galeria,
domarás as danações das noites fundas
que sepultam fantasmas e descanções,
que enlulam as mãos das ébrias musas,
que escondem quimeras e mistérios
e respiram partículas de liberdade...

6.

Nas praças, nos templos, em Times Square
ou nas águas de Alter-do-Chão
teu olhar visionário extrairá os sete véus da poesia...
E, aos sóis do sétimo caminho,
deslacrando sete selos dos fetiches arcanos,
desnudarás as sete faces do poema...

7.

Com os teus ventos rebeldes
gargalhando na preamar

e soprando as velas d'Le Bateau Ivre,
descobrirás as rotas invictas de Rimbaud...
Com o altruísmo do Príncipe Mishkin
ou buscando fermata em Karamazov,
dostoievskiarás os espectros dos desejos...

8.

Assim, reinventarás a vida nos postulados de Allen,
nos ideais de Jack, em sintonia com William,
na livre cadência de Bob...
Assim, plantarás auroras...
Assim, colherás o dia
sorrindo aos quatro ventos...
Assim sentirás a vida em movimento
e a felicidade blowin' in the wind...
Ah, sim!



Globo da Morte

No ziguezaguear estrepitante
de suas colossais motocicletas,
em alta adrenalina, os cinco estetas
vão imortalizando aquele instante...

Num habitáculo esférico, eletrizante,
marchetado de luzes inquietas,
estrugem máquinas, em loucas roletas,
aos olhos da plateia vigilante.

Alfim, de súbito, cessam os fragores:
os alazões de ferro e seus senhores
voltam às posições iniciais.

Do globo, abre-se uma portinhola...
Os acrobatas saem da gaiola
e novamente são meros mortais...



Horizontes D'Versos

Dispersos vão meus horizontes...
Horas antes e depois dos versos,
despeço-me do rude calendário.

Ontem, hoje
encontrei versos,
sensíveis, verdadeiros, esparsos, diversos,
horizontais, no sentido horário...

No meu fadário encontro versos
incontroversos, abstersos...

Expressos em gestos tersos
pulsam meus versos
sentimentais;
em universos afáveis
e às vezes perversos. Perenais...

Mesmo em dias transversos,
apresso o passo,
ingresso em espaços impessoais,
não tergiverso, acolho versos...

Neles, meus horizontes
verdejam fontes
universais!...

Jesus, Meu Abrigo!

Um grão perdido num almofariz...
Assim vezes me sinto – então eu paro.
Aí percebo, neste instante amaro,
Que a minha fé se encontra por um triz.

Jesus, se estou contigo, algo me diz
Que forte sou, pois tenho o Teu amparo.
O Teu amor é o mais puro preparo
Que traz alento para o infeliz.

A Tua destra aponta a direção
Da luz que plenifica a redenção
E extirpa todo o mal, todo perigo.

Torrente eterna de libertação,
Senhor Jesus, só Tu és claro abrigo.
Ó Cristo, estou feliz... Estás comigo!



Meu Tributo à Academia

Foi numa sexta-feira, vinte e sete,
Ano dois mil e dois, mês de setembro.
Inesquecível noite... Não deslembro:
Eu e minha emoção, num tête-à-tête.

Rejubilado, ouvi a grã claquete
Do Sodalício que me dava assento.
E logo, em fraternal acolhimento,
Fui saudado perante egrégio escreto.

Em seguida, e contendo a emoção,
Proferi minha solene oração,
Ante a imortal e seleta grei!

– Tenho poucos amores nesta vida.
E esta Casa de Ulisses consolida
Um desses amores que eu conquistei!



Ana-Estrela Radiante

(para Ana Paula Cardoso)

Em ti
o sorriso é plenitude,
é luz que acaricia
o sonho da manhã
e os mistérios do dia.

Na noite, és aquela estrela
mais radiante,
olhar mais adiante,
espargindo paz...

Teus olhos, pétalas
de pureza,
paisagem de beleza
tecendo madrigais...

Ana, Aninha,
Paula, Paulinha,
Flor do maracujá!

Ana Paula,
Ana-estrela que brilha
e brilhará!



ZORRILLO DE ALMEIDA SOBRINHO

Natural de Fortaleza (CE), bancário aposentado, é também membro da Academia de Letras dos Funcionários do Banco do Brasil. Autor de várias obras, dentre elas: As Borboletas do Canaçari, Crônicas das Cidades Amadas, Os Amigos de Oustrora, A Seca de 1932, Os Sete Pecados Capitais, Carnet de Viagem, A Morte da Minha Mãe & Outras Crônicas, Crônica de Meus Amigos Queridos, e Humberto Façanha - Meu pai e outros escritos. Ocupa a cadeira nº 25 da Academia.



As Coisas Perdidas

Ao longo da vida a gente vai perdendo objetos, sentimentos, amizades, sem mencionar a perda dos entes queridos que a morte levou. A Bíblia nos fala do Paraíso Perdido.

Proust escreveu um livro notável, composto de vários volumes cujo título abarcando todos eles chama-se “Em busca do Tempo Perdido”.

E muitas, portanto, são as nossas perdas.

Começa quando perdemos a inocência, deixamos de acreditar em Papai Noel, e somos como Adão e Eva, expulsos do paraíso. Uma vez nos acontece perdermos a fé. E essa é uma perda significativa, pois nos separa de nossas amizades e nos leva a ter outra concepção do mundo e da vida.

E continuamos a caminho do amanhã e perdendo o tempo passado.

Quanto animal doméstico de estimação um dia saiu de casa e não mais voltou? Perdeu-se.

Entre os livros queridos, perdidos durante a vida, lembro sempre um missal de papai, de capa preta, e que tinha os textos, lado a lado,

em português e latim. As parábolas, em latim, começavam invariavelmente “In illo tempore...”.

Quando não havia televisão as crianças se deliciavam vendo livros ilustrados, com belas gravuras, e elas, as crianças, perderam a capacidade e a curiosidade de folhear um belo livro de histórias de fadas.

As lembranças das pessoas queridas um dia, numa mudança, se perderam. E algumas se perderam tanto no tempo quanto no espaço.

Finalmente, a gente começa a perder a memória, e a saúde, o que é bastante preocupante.

O antônimo de perder é achar e há um ditado que diz: “Bom é achar dinheiro em calçada alta” (porque não precisa nem se abaixar).



Meu Encontro com um Homem Notável

Monteiro Lobato escreveu um notável conto, intitulado “As fitas da vida”, no qual um veterano da Guerra do Paraguai, por sinal cearense, e portanto meu conterrâneo, cego e desamparado, foi encaminhado à Hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo. E o cego se queixava sempre de que todas as suas desgraças provinham de ter perdido o seu capitão durante a Guerra do Paraguai, e dizia que, se ele encontrasse o seu capitão, as suas agruras teriam fim, e até a vista certamente ele recobriria. E, afinal, um dia, aparece, incógnito, o seu querido capitão, e este, para experimentar a fidelidade do velho cego e identificá-lo, fala mal de si próprio, diz que o capitão não passava de um covarde, etc. e o cego se enfureceu, e chorou, e disse que não se insultava assim uma pessoa que não poderia reagir... Então, “mal pronunciara essas palavras, sentiu-se apertado nos braços do Major, também em lágrimas, que dizia:

- Abrace, amigo, abrace o seu velho capitão! Sou eu, o antigo capitão Boucault...”

A partir daquele momento a vida do cego mudou, ele foi operado

e recuperou a visão e tudo passou a lhe sorrir porque ele achara o seu capitão.

E ele exclamava: - “Achei meu capitão! Achei meu pai! Minhas desgraças acabaram-se!...”

Pois bem, comigo o colega e amigo Cícero foi a mesma coisa. Embora eu não o conhecesse anteriormente, a sua ida a Maués, no Amazonas, valeu para mim como ter achado o Capitão Boucault de minha vida.

Ele fora passar apenas dois dias em Maués, e isso foi suficiente para transformar a minha vida. Ele me convidou para ser Inspetor, e isso veio ao encontro de meus desejos, pois quando eu fora para a Gerência de Maués já aconchegava tal propósito em mente. Já pensara mesmo em voltar para o Nordeste como Gerente, mas consultando o I Ching, livro chinês de Adivinhação, que eu descobri no Amazonas, a resposta da consulta foi que eu deveria ir para o Centro-Oeste.

E graças ao Cícero, um extraordinário paulista que foi a Maués para mudar o meu destino, pude alcançar o cargo de Inspetor do Banco do Brasil que exerci com grande satisfação e muita honra.

Passei, pois, a desempenhar um trabalho mais gratificante e mais prestigiado e, ainda, com a vantagem de conhecer uma grande parte do território nacional, nas visitas às diversas agências do Banco espalhadas pelos estados do Brasil e nas quais estive.

Encontrei, depois disso, o Cícero, inúmeras vezes, em meu caminho. Num encontro de Inspetores, em Campo Grande, num curso, na Direção Geral do Banco, em Brasília, e, depois, aposentado, quando do lançamento, em Sorocaba, de meu livro “Confiando em Vosso Amor, voltei”. Cícero compareceu ao evento, acompanhado de sua esposa, D. Dayse, para me prestigiar e me testemunhar a sua amizade.

E todos os Natais ele se comunica comigo. Trocamos nossas mensagens natalinas porque o nosso espírito de companheirismo permanece vivo, embora ambos moremos tão distantes um do outro, e já estejamos aposentados. Ele continua residindo na cidade paulista de Rio Claro, e eu aqui em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul.

Posso afirmar, sem titubear, que o meu encontro com o Cícero, em Maués, foi o encontro com um homem verdadeiramente notável.



Escrever...

Escrever é algo que se apodera de nós. Como “Lê Horla”, do escritor Fancês Maupassant, ou então como a corrente submarina do “gulf-stream”, surge uma lembrança ou uma súbita inspiração, e o fio da nossa relação com a escrita se religa como se o tivéssemos colocado na tomada. E a coisa assume proporções incontroláveis. Como escreveu nos seus admiráveis versos Augusto dos Anjos, o original poeta paraibano:

“A idéia, de onde ela vem? De que matéria bruta vem essa luz que sobre as nebulosas cai de incógnitas criptas misteriosas? Umas estalactites duma gruta?!

Vem da psicogenética e alta luta do feixe de moléculas nervosas, que, em desintegrações maravilhosas, delibera, depois, quer e executa! Vem do encéfalo absconso que a constringe”.

E escrever, literariamente, tem duas vertentes principais: a poesia é mais relacionada com os sentimentos, destacando-se os temas do amor, e da morte, e também a grandiloquência dos grandes poemas épicos, enquanto a prosa abarca, por assim dizer, um espectro mais amplo porque mais livre, sem as amarras da métrica, da rima e do ritmo.

A prosa pode ainda ser filosófica, especulativa e tanto simples quanto caudalosa e volumosa como a de Victor Hugo na sua catadupa de palavras (inúmeros romances), ou realista como a que escreveu Émile Zola – “muitos livros”, ou ainda Euclides da Cunha em “Os Sertões”, ou concisa e precisa e descritiva, bastante desbastada de ornamentos, como a de Monteiro Lobato e Graciliano Ramos, ou, ainda um pouco poética como a de José de Alencar, em “Iracema”

- “Verdes mares bravios de minha terra natal! Serenai, verdes mares, e deixai que o barco aventureiro, manso, resvale à flor das águas”, ou pode também ser minuciosa como a do escritor francês Xavier de Maistre, que escreveu o livro “Viagem à roda do meu quarto.”

E, finalmente, a literatura e a poesia transmitiram aos pósteros as lendas e a história de cada nação antiga desde a sua formação, ascensão e declínio. Alguns dentre os escritores do passado ficaram na memória de seus povos enquanto outros foram esquecidos porque assim já se pronunciavam os romanos: *Sic transit gloria mundi*”.



Orquídeas

Tivemos, durante a vida, o desejo de ver uma orquídea exibindo a sua incomparável beleza, em nosso jardim, como encontramos em várias casas de nosso bairro. Uma vez cheguei a levar uma maravilha de orquídea do Amazonas para a cidade onde morava então, mas a epífita da ordem das Orquidáceas Monocotiledônias não achou um suporte apropriado, e nem sequer completou aniversário de floração.

A atual, em nosso jardim, colocada num coqueiro, desabrochou suas primeiras flores no ano passado. E em 2006, com o inverno atípico que tivemos, parecia que não ia florir, pois sofríamos com a temperatura e ela tem a peculiaridade de desabrochar somente quando faz muito frio.

Todos os dias, quando saíamos de casa, olhávamos para a orquídea e nada de novidades. Continuava a negar-nos a preciosidade de suas flores.

Até que enfim, no dia do aniversário de minha filha Maria Luiza, as flores desabrocharam. Outra coisa curiosa acontece com as orquídeas. Demoram para surgir, mas depois permanecem vários dias sem fenecer.

A orquídea se assemelha à borboleta, no seu casulo, até que esse se rompa e, dele, a borboleta se desprenda, desenrolando as asas para voar. A orquídea parece também passar por uma metamorfose, isto é, um dia chega para ela o final de sua metamorfose e ela surge então esplendorosa. A nossa é roxa, um tom delicado de roxo.

E assim temos mais uma manifestação de beleza no inverno de Campo Grande – MS.

MURAL DE FOTOS



Celebração dos
38 anos da ASL

Fotos de Eliezer Bueno e
Venâncio Josiel dos Santos



Acadêmico Reginaldo Araújo - discursando em evento oficial da ASL



Acadêmico Rêmolo Letteriello assinando Termo de Posse na ASL

Acadêmico Rêmolo Letteriello recebe Diploma da ASL do acadêmico Reginaldo Araújo





Acadêmico Rubenio Marcelo (com esposa), escritor Anísio Moreira, Dr. Vantuir Jacini e acadêmico Reginaldo Araújo (em Chá Acadêmico da ASL)



Acadêmico Rubenio Marcelo (secretário-geral da ASL) ladeado pelos cerimonialistas Neuza Orro e Oscar Martinez, que sempre conduzem com maestria os eventos da Academia



Acadêmico Rubenio Marcelo, secretário-geral da ASL, em evento da ASL





Acadêmicos e público atentos no Chá da ASL



Acadêmicos Reginaldo Araújo e Rubenio Marcelo na solenidade de entrega do Título de Benemérito da Cultura Sul-Mato-Grossense (pela ASL) ao Governador André Puccinelli



Acadêmicos na posse de Rêmolo Letteriello na ASL



Acadêmicos Rubenio Marcelo, Abílio de Barros e Reginado Araújo em evento da ASL



Acadêmicos Rubenio Marcelo e Geraldo Ramon - em Chá da ASL



Acadêmicos Rêmolo Letteriello, Heliophar Serra e Rubenio Marcelo - na posse do primeiro na ASL



Aluizio Frazão, Rêmolino Letteriello, Heliophar Serra, Rubenio Marcelo e Aldo Brandão em evento da ASL .jpg



Anísio Moreira, Rubenio Marcelo, Cel. Alfarone, Aldo Brandão e Aluizio Frazão - na posse de Rêmolino Letteriello na ASL



Américo Calheiros, Rubenio Marcelo, Profª Glorinha, Nelson Trad, Aluizio Frazão, Reginaldo Araújo e Dr. Odilon de Oliveira - em evento da ASL

*Apresentação do
Grupo Acaba no Chá
Acadêmico da ASL*







Cantora Edna Maria em apresentação na posse de Rêmolo Letteriello na ASL



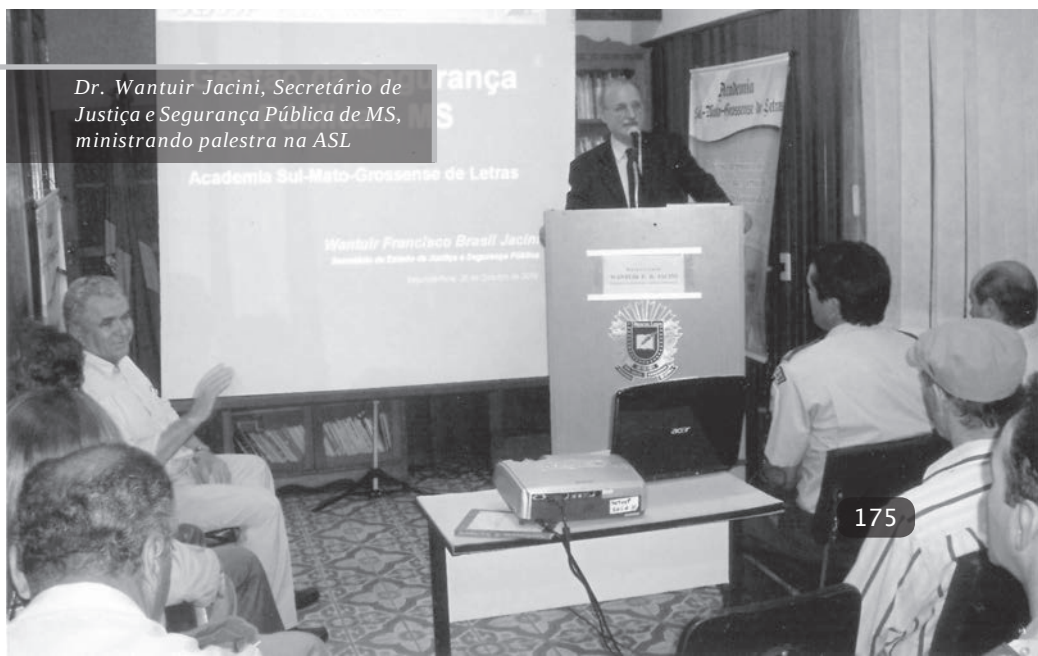
Cantor Antonio Cesar em apresentação na posse de Rêmolo Letteriello na ASL



*Desembargador
Rêmolo Letteriello
prestando juramento
de posse na ASL*



*Dr. Fábio Trad, presi-
dente da OAB-MS, em
palestra no Chá da ASL*



*Dr. Wantuir Jacini, Secretário de
Justiça e Segurança Pública de MS,
ministrando palestra na ASL*

*Escritores Rubenio
Marcelo (ASL) e Aní-
sio Moreira (UBE-MS)
no Chá Acadêmico*



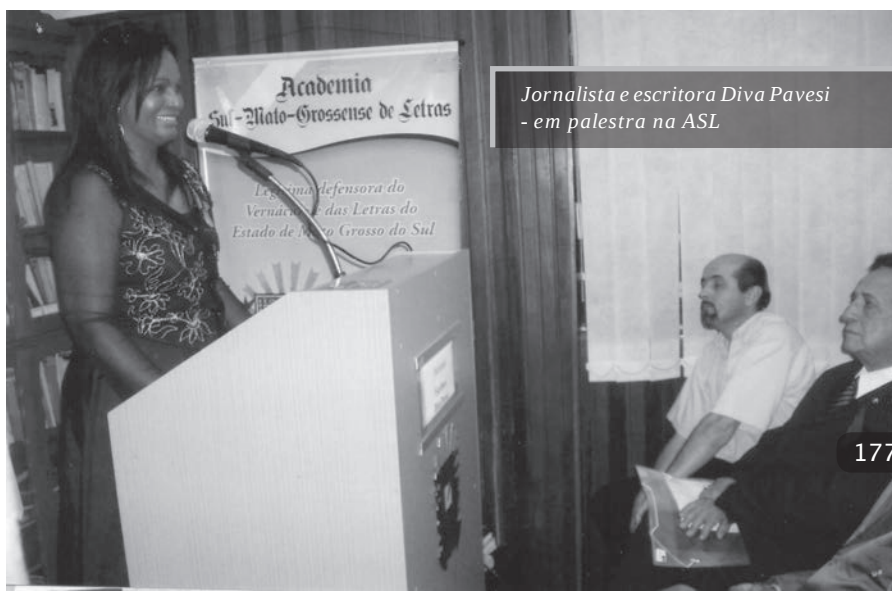
*Dr. Wilson Barbosa Martins
sempre presente nos eventos
da ASL*



*Escritora Delasnieve Daspert, Em-
baixadora da Paz, foi uma das pa-
lestrantes do Chá da ASL 2009*



Exmo. Governador de MS, André Puccinelli, foi homenageado pela ASL em 06.03.09 com Título de Benemérito da Cultura Sul-Mato-Grossense



Jornalista e escritora Diva Pavesi - em palestra na ASL



Membros do Grupo Acaba - em apresentação no Chá Acadêmico da ASL



Mesa de autoridades - solenidade de entrega do Título de Benemérito da Cultura Sul-Mato-Grossense (pela ASL) ao Governador André Puccinelli





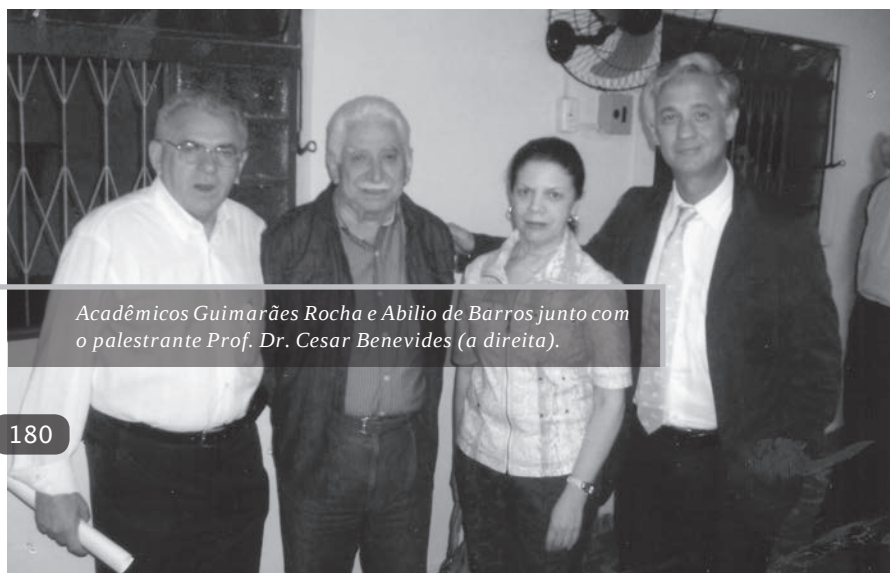
*Oscar Martinez - ilustre ceri-
monialista sempre presente nos
eventos da ASL*



*Posse do acadêmico
Rêmolo Letteriello*



Prof. Gilberto Alves (segundo na foto) com acadêmicos da ASL

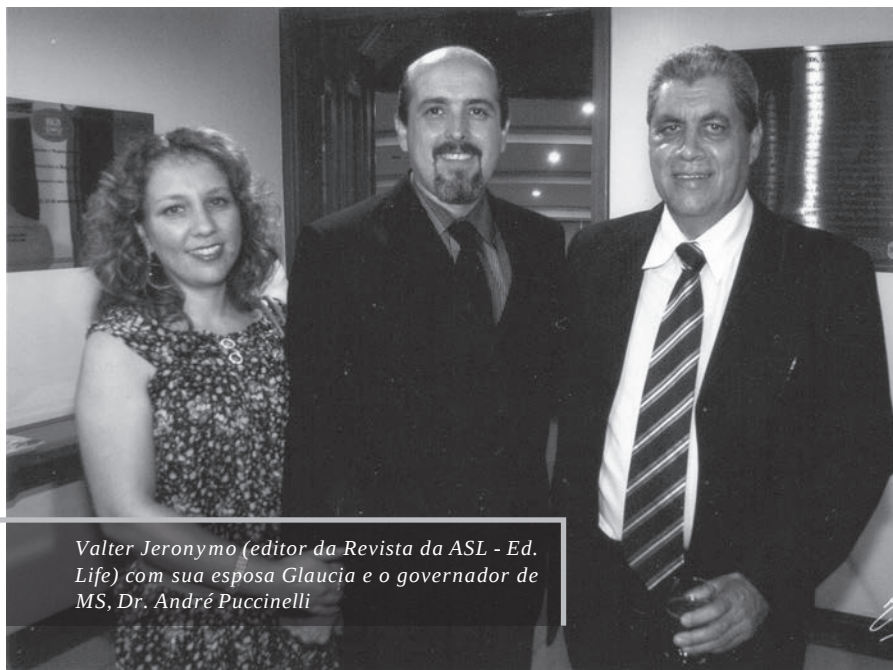


Acadêmicos Guimarães Rocha e Abílio de Barros junto com o palestrante Prof. Dr. Cesar Benevides (a direita).





Rubenio Marcelo, Fadel Iunes, Fábio Trad, Rêmo Letteriello e Reginaldo Araújo, em Chá da ASL



Valter Jeronymo (editor da Revista da ASL - Ed. Life) com sua esposa Glauca e o governador de MS, Dr. André Puccinelli



Acadêmica Maria da Glória Sá Rosa em palestra na ASL



Acadêmico Américo Calheiros (presidente da FCMS) em evento da ASL



Acadêmico Abrão Razuk discursando por ocasião da posse de Rêmolo Leteriello na ASL.

RELAÇÃO DOS ACADÊMICOS



Academia
Sul-Mato-Grossense
de Letras

(Patronos e Titulares)





CADEIRAS

- | | |
|-------|---|
| Nº 01 | Patrono: Nicolau Frageli
Titular: Hernani Donato |
| Nº 02 | Patrono: D. Francisco de Aquino Correia
Titular: Padre Afonso de Castro |
| Nº 03 | Patrono: Ulisses Serra
Titular: Heliophar de Almeida Serra |
| Nº 04 | Patrono: Joaquim Duarte Murtinho
Titular: Guimarães Rocha |
| Nº 05 | Patrono: José Ribeiro de Sá Carvalho
Titular: Enilda Mougenot Pires |
| Nº 06 | Patrono: Arnaldo Estevão de Figueiredo
Titular: Thereza Hilcar |
| Nº 07 | Patrono: José de Mesquita
Titular: Américo Calheiros |
| Nº 08 | Patrono: Itúrbides Almeida Serra
Titular: Raquel Naveira |
| Nº 09 | Patrono: Mal. Mascarenhas de Morais
Titular: vaga |

Nº 10	Patrono: Argemiro de Arruda Fialho Titular: José Manoel Fontanillas Frageli
Nº 11	Patrono: José V. Couto de Magalhães Titular: José Couto Vieira Pontes
Nº 12	Patrono: Mal. Cândido M. da S. Rondon Titular: Orlando Antunes Batista
Nº 13	Patrono: Patrono: Estevão de Mendonça Titular: vaga
Nº 14	Patrono: Patrono: Severino Ramos de Queirós Titular: Jorge Antônio Siúfi
Nº 15	Patrono: Patrono: Pandiá Calógeras Titular: Paulo Corrêa de Oliveira
Nº 16	Patrono: Patrono: Rosário Congro Titular: Paulo Tadeu Haendchen
Nº 17	Patrono: Patrono: Eduardo Olímpio Machado Titular: Valmir Batista Corrêa
Nº 18	Patrono: Patrono: Aguinaldo Trouy Titular: Abrão Razuk
Nº 19	Patrono: Patrono: João Guimarães Rosa Titular: Maria da Glória Sá Rosa
Nº 20	Patrono: Patrono: Visconde de Taunay Titular: Paulo Sérgio Nolasco dos Santos

- Nº 21** | Patrono: Arlindo de Andrade Gomes
Titular: **Reginaldo Alves de Araújo**
- Nº 22** | Patrono: Vespasiano Martins
Titular: **Rêmollo Letteriello**
- Nº 23** | Patrono: Sabino José da Costa
Titular: **Rui Garcia Dias**
- Nº 24** | Patrono: Lobivar de Matos
Titular: **Francisco de Albuquerque Palhano**
- Nº 25** | Patrono: Arnaldo Serra
Titular: **Zorrillo de Almeida Sobrinho**
- Nº 26** | Patrono: Pedro Medeiros
Titular: **Adair José de Aguiar**
- Nº 27** | Patrono: Antônio João Ribeiro
Titular: **Lélia Rita de Figueiredo Ribeiro**
- Nº 28** | Patrono: Raul Machado
Titular: **Augusto César Proença**
- Nº 29** | Patrono: Elmano Soares
Titular: **José Pedro Frazão**
- Nº 30** | Patrono: Otávio Cunha Cavalcanti
Titular: vaga
- Nº 31** | Patrono: Henrique Cirilo Correia
Titular: **Hildebrando Campestrini**

Nº 32	Patrono: Weimar Torres Titular: Abílio Leite de Barros
Nº 33	Patrono: Ovídeo Correia Titular: Flora Egídio Thomé
Nº 34	Patrono: Tertuliano Meireles Titular: Altevir Soares Alencar
Nº 35	Patrono: Múcio Teixeira Titular: Rubenio Marcelo
Nº 36	Patrono: Franklin Cassiano da Silva Titular: Lucilene Machado Garcia Arf
Nº 37	Patrono: Padre José Valentim Titular: Francisco Leal de Queiroz
Nº 38	Patrono: Enzo Ciantelli Titular: vaga
Nº 39	Patrono: João Tessitori Júnior Titular: Geraldo Ramon Pereira
Nº 40	Patrono: Lima Figueiredo Titular: vaga

Esta obra foi composta em Georgia, impressa pela
Gráfica Viena em papel offset para a Life Editora
em dezembro de 2009.

